

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

MARY CELINA FERREIRA DIAS

**NEGOCIAÇÕES ÍNTIMAS DE CORPOS EM MOVIMENTO: NARRATIVAS SOBRE
A PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM NOVA ANDRADINA- MS**

**DOURADOS – MS
2024**

MARY CELINA FERREIRA DIAS

**NEGOCIAÇÕES ÍNTIMAS DE CORPOS EM MOVIMENTO: NARRATIVAS SOBRE
A PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM NOVA ANDRADINA- MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia, na área de concentração em Antropologia Sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Becker

DOURADOS – MS

2024



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR MARY CELINA FERREIRA DIAS, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "ANTROPOLOGIA SOCIOCULTURAL".

Aos onze dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "NEGOCIAÇÕES ÍNTIMAS DE CORPOS EM MOVIMENTO: narrativas sobre a prostituição de mulheres em Nova Andradina- MS ", apresentada pela mestranda Mary Celina Ferreira Dias, do Programa de Pós-graduação em Antropologia, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof.ª Dr.ª Simone Becker/UFGD (presidente/orientadora), Prof. Dr.ª Celia Maria Foster Silvestre/UEMS (membro titular interno), Prof.ª Dr. Guilherme Rodrigues Passamani/UFMS (membro titular interno). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada APROVADA. A Presidente da Banca atesta a participação dos membros que estiveram presentes de forma remota, conforme declarações anexas. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 11 de abril de 2024.

Documento assinado digitalmente
SIMONE BECKER
Data: 10/04/2024 15:23:00-0300
Verifique em <http://validar.ufg.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Simone Becker
Presidente/orientadora
(Participação Remota)

Documento assinado digitalmente
CELIA MARIA FOSTER SILVESTRE
Data: 11/04/2024 22:09:02-0300
Verifique em <http://validar.ufg.gov.br>

Prof. Dr.ª Celia Maria Foster Silvestre
Membro Titular Interno
(Participação Remota)

Documento assinado digitalmente
GUILHERME RODRIGUES PASSAMANI
Data: 10/04/2024 15:24:53-0300
Verifique em <http://validar.ufg.gov.br>

Prof.ª Dr. Guilherme Rodrigues Passamani
Membro Titular Interno
(Participação Remota)

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

ATA HOMOLOGADA EM: ____ / ____ / ____, PELA PROPP/ UFGD.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

D541n Dias, Mary Celina Ferreira
Negociações íntimas de corpos em movimento: narrativas sobre a prostituição de mulheres em Nova Andradina- MS [recurso eletrônico] / Mary Celina Ferreira Dias. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Simone Becker.
Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Prostituição. 2. Nova Andradina - Mato Grosso do Sul. 3. Etnografia. 4. Desvio e estigma. I. Becker, Simone. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Dedico às prostitutas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a toda espiritualidade amiga que me acompanham.

Durante muito tempo em minha vida, sonhei com a escrita destes agradecimentos. Tenho até receio de ser injusta com aqueles que sempre caminharam comigo. Finalizar esta etapa vai além das aulas, da pesquisa e da orientação. O que somos vem das somatórias dos caminhos que trilhamos durante a vida, e eu sou um "juntado" de pessoas que não me abandonaram.

Tenho a sorte de ter amigos(as) que caminharam/caminham de mãos dadas comigo. Eu nunca estive só, afirmo, sou uma, mas não sou só!

Agradeço à minha querida mãe, Maria Margarida da Silva Ferreira (*sempre presente*), pela oportunidade de conhecer o amor, que para mim é o que mais se aproxima do amor de Deus. Mãe, muito obrigada!

Agradeço ao meu querido pai, Amaro Alves Ferreira (*sempre presente*), por toda a proteção. Pai, muito obrigada!

Agradeço ao Cabaré Glória por permitir minha presença.

Agradeço às prostitutas e àqueles(as) que intermediaram nossos encontros.

Agradeço à minha orientadora, Simone Becker, pelo acolhimento no programa e por todos os ensinamentos.

Agradeço às professoras Célia Maria Foster Silvestre, Silvana Colombelli Parra Sanches e Katiuscia Moreno Galhera pelas importantes contribuições na banca de qualificação.

Agradeço aos professores do PPGAnt/UFGD por todas as trocas.

Agradeço aos administrativos do PPGAnt/UFGD por todo o carinho com que sempre me atenderam.

Agradeço à professora Rejane Trindade Rodrigues pelo "ponta pé" inicial nesta temática que por ela me foi apresentada.

Agradeço às amigas Rayane Bartolini Macedo e Yasmine Braga Theodoro.

Agradeço à amiga Brenda de Lima Pinto da Silva pelas trocas no caminhar do mestrado.

Agradeço aos professores(a) da UFMS/CPNA Dulceli de Lourdes Toneti Stacheski, Eduardo Martins e Alexandre Pierezan.

Agradeço ao amigo Allan Francisco Farias Costa.

Agradeço à minha companheira, Camila dos Santos Silveira, pois *"quando tudo se perdeu, e a sorte desapareceu abaixo de Deus só ficou você. Quando a gira girou, ninguém suportou, só você ficou, não me abandonou, quando o vento parou e a água baixou, eu tive a certeza do seu amor..."*

Agradeço à minha amiga Camilla de Novaes Corrêa da Silva por tanto carinho depositado em mim e em minha mãe.

Agradeço ao meu amigo Diego de Araújo Mattos por cada ligação de 60 minutos. Agradeço pelas traduções. Agradeço por esta amizade que o tempo não levou.

Agradeço aos meus amigos que estão comigo desde longa data na caminhada para o mestrado: Diogo Moreno Pereira Carvalho, Juvenal Brito Cezarino Júnior, Lucas Martins de Paula e Rafael Jorge de Souza Pereira.

Agradeço às amigadas que o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina, me proporcionou. Essas mulheres foram/são como um exército que se organiza para salvar aqueles que estão gritando por socorro: Gessyca Correia dos Santos, Roberta de Almeida Sorano, Sandra Teixeira da Silva, Aline Christiane Oliveira Souza, Rosi Maria Rossi Duarte e Renata Nunes Ramos. Minha gratidão é eterna.

Agradeço aos meus amigos(as) da UFMS/CPNA: Odair Santo Gossler, Ana Paula Oliveira dos Santos e Vanessa Trovato Silva.

Agradeço aos amigos da Faculdade FINAN.

Agradeço à família que me recebeu em Nova Andradina/MS e tanto me apoiou: Ernesto Pinton (*sempre presente*), Maria de Fátima Giovanoni Pinton, Claudnei Giovanoni Pinton e Cláudio Giovanoni Pinton.

Agradeço às mulheres de Fé que oram por mim: Vanda Aparecida Alexandre e Jane Justino Melo Alves de Souza.

Agradeço aqueles que de forma indireta também colaboraram com este trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar narrativas sobre a prostituição, compreendendo essa prática como elemento relevante na construção identitária de Nova Andradina-MS. Este estudo não se aprofunda nos marcadores sociais da diferença ou nas discussões de gênero. Buscou-se analisar a formação dessas narrativas tanto a partir das vivências das pessoas envolvidas na prostituição quanto das percepções daqueles(as) que “olham mas não veem”, muitas vezes influenciados(as), perpetuando discursos de culpabilização, vitimização e estigmatização. Utilizando a metodologia etnográfica como base, buscou-se estabelecer um campo de pesquisa multicentrado. Inicialmente, concentrou-se no Cabaré Glória, onde a observação participante foi realizada ao longo de doze meses. Posteriormente, estendeu-se a pesquisa pelas ruas de Nova Andradina até o balcão da biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A relação entre mim e os(as) participantes da pesquisa vai além de um simples ponto de vista; envolve as nuances essenciais do meu trabalho e as subjetividades que as atravessam. Procura-se demonstrar como as experiências e narrativas da cidade podem ser compreendidas e interpretadas sob uma perspectiva etnográfica e antropológica. Essa compreensão não se limita ao cenário específico da prostituição, mas se estende às ramificações que afetam e são afetadas pela realidade estabelecida em Nova Andradina.

Palavras-chave: prostituição - Nova Andradina, Mato Grosso do Sul; etnografia; desvio e estigma.

ABSTRACT

This research aims to explore narratives surrounding women's prostitution in the city of Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, considering it as a fundamental part of the city's identity construction. This study does not delve into social markers of difference or gender discussions. It searched to analyze the formation of these narratives both from the experiences of individuals involved in prostitution and from the perceptions of those who "look but do not see," often influenced, perpetuating discourses of blame, victimization, and stigmatization. Using ethnographic methodology as its foundation, the aim was to establish a multicentered research field. Initially, the focus was on Cabaré Glória, where participant observation was conducted by me over twelve months. Subsequently, the research extended to the streets of Nova Andradina up to the counter of the Federal University of Mato Grosso do Sul Library. The relationship between myself and the research participants extends beyond a mere viewpoint; it encompasses the essential nuances of my work and the subjectivities that permeate them. It aims to demonstrate how the city's experiences and narratives can be understood and interpreted from an ethnographic and anthropological perspective. This comprehension is not limited to the specific scenario of prostitution but extends to ramifications affecting and being affected by the reality established in Nova Andradina.

Keywords: prostitution - Nova Andradina, Mato Grosso do Sul; ethnography; deviance and stigma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Brasília-DF	18
Figura 2 - Mapa de localização do município de Nova Andradina no Estado de Mato Grosso do Sul.....	22
Figura 3 - Traçado urbano de Nova Andradina	23
Figura 4 - Praça Brasil e Obelisco -Ponto de convergência das avenidas principais	23
Figura 5 - Monumento Pantanal Alinhado à Torre do Santuário	68
Figura 6 - Monumento Pantanal	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DF	Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
CPNA	Campus Nova Andradina
ZBM	Zona de baixo meretrício
MEC	Ministério da Educação
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 RANDEVU: DE ONDE VENHO E PARA ONDE VOU	16
2.1 Complexidades da prostituição	24
2.2 O caminho na etnografia	29
2.3 O que é o meu trabalho de campo multicentrado?	36
2.4 Como cheguei ao Cabaré onde pesquiso e nos outros contextos em que interajo com interlocutores(as) sobre a prostituição.....	39
2.4.1 Segredos e sussurros: consentimento e confidencialidade no Cabaré Glória..	40
2.4.2 Revelações no campo multicentrado: consentimento e confidencialidade	41
3 IMERSÃO NO CAMPO	43
3.1 O primeiro encontro no Cabaré	43
4 “ELAS NÃO BUSCAM NINGUÉM EM CASA”	57
4.1 A Marcha e a elite Nova-andradinense	60
4.2 Os espaços da cidade, suas narrativas e minha transição de "mulher desviante"	64
4.3 Biblioteconomia e Antropologia	77
4.3.1 Glorinha.....	80
4.3.2 Rita.....	86
4.3.3 Lucíola.....	88
4.3.4 Dona Izabel	92
4.3.5 Angélica.....	95
4.3.6 Carolina.....	98
4.3.7 Gabriela.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

Dou início a minha escrita explicando a expressão "corpos em movimento" presente no título da pesquisa. O termo foi escolhido para capturar as vivências dessas mulheres, cujas trajetórias revelam opressões e resistências.

Ao utilizar, então, "corpos em movimento", pretendi sublinhar não apenas a literalidade dos deslocamentos geográficos, mas também os movimentos subjetivos, emocionais e sociais das mulheres atravessadas pela prostituição. Esses corpos não são estáticos e sem agências; eles transitam entre diferentes espaços urbanos, econômicos e afetivos, constantemente negociando identidades, autonomias e sobrevivências.

Fui influenciada pelas observações de campo, onde pude perceber que a prostituição em Nova Andradina não ocorre apenas em locais fixos, mas envolve uma constante circulação entre diferentes "territórios" - desde as ruas, passando pela virtualidade até os estabelecimentos comerciais e residenciais. Esses movimentos refletem dinâmicas de adaptação e de resistência, nos quais as mulheres criam e recriam estratégias para lidar também com estigmatizações.

Além disso, "corpos em movimento" também se refere às transformações internas dessas mulheres, subjetivas que, ao longo de suas trajetórias, renegociam continuamente suas identidades e "papéis sociais"¹. A escolha também é uma tentativa de capturar a fluidez e a complexidade das vidas dessas mulheres, reconhecendo que suas experiências sobre prostituição são marcadas por contínuos processos de deslocamento e transformação.

Ao apresentar meu tema de pesquisa para aqueles(as) que se encontravam/encontram em meu convívio social, deparei-me com uma diversidade de adjetivos (preconceituosos) atribuídos às mulheres² envolvidas com a prostituição.

¹ Utilizo sem o caráter engessador que o termo traz consigo, mas adianto que não aprofundarei as discussões de Judith Butler (2018) sobre gênero enquanto ato performático.

² A visibilidade da mulher é a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreu ou que praticou, da sua loucura, de seus sentimentos etc. Sua história é, igualmente, a das representações que fazem odiar, como as que cercam as bruxas, as lésbicas, as prostitutas, as rebeldes, as anarquistas, as loucas. As mulheres aparecem de uma história ditada pelas fontes documentais, fontes de mudanças estruturais no mundo político,

Um dos objetivos centrais desta pesquisa é o de analisar narrativas sobre a prostituição, compreendendo essa prática como elemento relevante na construção identitária de Nova Andradina-MS. Embora considerando a relevância dos estudos de gênero e dos marcadores sociais da diferença, em uma análise interseccional que considera o foco da prostituição enquanto trabalho sexual (por ex., as pesquisas da antropóloga Adriana Piscitelli), este estudo não se aprofunda nesses aspectos, tendo como foco, neste momento da pesquisa, as questões de narrativas de diferentes pessoas interlocutoras envolvidas com a prostituição, em distintos cenários na própria cidade. Pretende-se explorar não apenas as experiências individuais das prostitutas, mas também examinar os processos sociais subjacentes que moldam e perpetuam a estigmatização e o desvio associados à prostituição. Para isso, será adotada uma abordagem teórica a partir do interacionismo simbólico de Becker, Goffman e Velho, a partir de narrativas sobre quem é prostituta, esteve prostituta e aqueles(as) que de algum modo foram atravessados(as) pela temática.

Assim, adianto a quem me lê o que se caracterizou como “campo multicentrado” da pesquisa. Isto é, fiz “observação participante” durante doze meses, nos anos de 2022 e 2023, sobretudo, em um dos Cabarés da cidade, com prostitutas; e a imersão no balcão da biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/Campus Nova Andradina (CPNA), onde também sou servidora pública. Foi a partir do balcão que estabeleci e estabeleço relações de trocas, as quais me trouxeram contatos com mulheres atravessadas pela prostituição, que não apenas do Cabaré onde fiz imersão, tal como adiante retomo.

Em meu trajeto de descobertas³, dividi o presente trabalho em quatro seções. Inicialmente a introdução, na segunda seção, o estudo aborda a trajetória que me levou a estudar a prostituição em Nova Andradina, as motivações e inquietações que fundamentam minha pesquisa, e a importância de compreender os caminhos no contexto regional.

econômico, religioso. Elas circulam em documentos de toda a sorte: processos de inquisição, greves, leis, livros, crônicas de viagem, atas de batismo, diários, fotos, relatório médicos, jornais, pinturas, policiais. (Tedeschi, 2012, p.125).

³ Uso descobertas porque a feitura do mestrado na área de Antropologia foi de aprendizados radicais, considerando que minha graduação se deu na Biblioteconomia. Dentre as mudanças radicais, cito o quanto a subjetividade da pessoa pesquisadora faz parte da produção do conhecimento (científico) antropológico.

Ainda na segunda seção, descrevo a chegada ao cabaré, lugar em que desenvolvo a pesquisa e nos outros momentos em que interajo em outros espaços da cidade, com interlocutoras a respeito da prostituição. Também explico sobre os procedimentos éticos para coleta de dados, o consentimento e a confidencialidade, entre outras questões metodológicas envolvidas no estudo.

Já na terceira seção, abordo questões sobre a imersão no campo, explorando as dinâmicas vivenciadas durante a pesquisa. A interação direta com os ambientes de estudo, as participantes e as observações problematizadas são elementos centrais para compreender as nuances da prostituição na pesquisa – mesmo que ainda sob a chave analítica do estigma e do desvio.

Na quarta seção, apresento as mulheres subjetivadas pela prostituição, suas vivências e narrativas, buscando também recriar as atmosferas das situações, elementos da vivência das prostitutas que se tornaram minhas interlocutoras, de modo a permitir que os(as) leitores(as) as percebam. Tais elementos diversos contribuem para a singularidade das situações, conferindo uma fluidez à sua descrição, ao mesmo tempo em que são partes integrantes da experiência dos(as) interlocutores(as).

2 RANDEVU⁴: DE ONDE VENHO E PARA ONDE VOU

A prostituição não é contemporânea. Embora reafirmada como “a mais antiga das profissões”, tal noção é pouco congruente à luz da investigação histórica. Neste sentido, me alinho ao entendimento de Luzia Margareth Rago⁵ (2011, p.212) no que diz respeito ao ingresso das prostitutas na história, “como todos os outros trabalhadores brasileiros”, afirmação de suas interlocutoras no processo histórico de sua participação em Conferência convocada pelo Movimento Autônomo de Trabalhadoras do Sexo em meados da década de 1980. A autora busca, para além dos arquivos históricos, o conceito de história para as prostitutas, o que estaria inscrito em “suas experiências cotidianas, seus modos de pensar, as interpretações que constroem em relação à sua própria atividade, tanto quanto as redefinições que operam nos códigos morais vigentes na sociedade” (Luzia Margareth Rago (2011,

⁴ O termo “Randevu” é comumente utilizado no Brasil para designar um local especificamente designado para se envolver na prostituição. Sua etimologia remonta à expressão francesa “rendez-vous”, denotando uma reunião ou um local de encontro designado. (Denominação popular para Cabaré, Zona, Casa de prostituição, Casa das primas, Puteiro).

⁵ Faço um esclarecimento à pessoa que me lê. Como bibliotecária tenho conhecimento sobre as normas da ABNT e sobre as questões tipográficas que as regem, porém, como pesquisadora, ao citar uma mulher em meu texto, considero importante trazer o nome completo, e não apenas o sobrenome, historicamente as mulheres têm sido desvalorizadas e suas realizações têm sido minimizadas ou até mesmo apagadas da história. As mulheres são percebidas e retratadas pelo olhar masculino. Torna-se essencial visualizar as mulheres por meio de seus relatos e aqui o faço com o desmantelamento da linguagem. Os homens são indivíduos com sobrenomes transcorridos, sendo alguns considerados “grandes homens”. Por outro lado, as mulheres são identificadas apenas pelo seu nome, muitas vezes obscurecidas nos grupos de sombra (casadas). Historicamente, ao se casarem, as mulheres perdiam/perdem seu sobrenome, essa prática dificulta e até torna impossível reconstruir linhagens femininas. Com o declínio do casamento e a possibilidade crescente de escolher um sobrenome, tanto para si quanto para os filhos; esta sim representa uma revolução rica em significados (Michelle Perrot, 2007). Judith Butler (2018) em sua abordagem sobre a permuta patronímica, explica que, esta, se refere à prática de transmitir o sobrenome de uma família de geração em geração. No entanto, a autora destaca que as mulheres ocupam uma posição peculiar nesse sistema, elas são vistas como representantes dos sobrenomes, carregando-os consigo. Por outro lado, elas são excluídas desse processo, pois não têm permissão para terem seu próprio sobrenome, “[...] mulher não se qualifica como uma identidade, mas somente como um termo relacional que distingue e vincula os vários clãs a uma identidade patrilinear comum [...]” (Judith Butler, 2018, p.62). O uso do nome completo dá visibilidade à mulher pesquisadora e reconhece seu trabalho e contribuição para a pesquisa em sua área de atuação, busco demonstrar respeito ao dar o devido reconhecimento e valorização às mulheres pesquisadoras e a seus trabalhos.

p.212), conduzindo à necessidade de, além de historicizar, problematizar, aproximar e enfrentar a realidade da prostituição.

No Brasil, o ato de se prostituir não é considerado crime e é reconhecido como uma ocupação legítima na Classificação Brasileira de Ocupações (Brasil, 2008); entretanto, de acordo com Raquel de Freitas Banuth e Santos (2016), o impacto das normas e narrativas sociais discriminatórias sobre os(as) indivíduos(as) geralmente supera a influência dos estatutos legais. Consequentemente, a ausência de criminalização da prostituição no Brasil não nega um dos principais obstáculos enfrentados pelas profissionais do sexo, a saber, o peso do estigma perpetuado pelas narrativas sociais dominantes.

Nesse sentido, o diálogo com a obra de Velho, notadamente expresso em “A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social” (2010), torna-se fundamental para a compreensão da interseção entre minha subjetividade e a abordagem antropológica, para buscar a inscrição das experiências das prostitutas no conjunto aqui analisado, o percurso que me conduziu à pesquisa envolvendo as prostitutas na cidade de Nova Andradina e as narrativas que formam a cidade, o que também se faz com aspectos de minha trajetória pessoal. Busco estabelecer um elo, a partir de Velho (2010), acerca da importância de considerarmos nossas vivências pessoais e subjetividades no processo de construção do conhecimento antropológico. Ao mergulhar na complexidade da etnografia acerca da temática proposta e das relações estabelecidas em campo, reconheço a relevância de incorporar não apenas a observação objetiva, guiada pela metodologia e teoria incorporadas ao longo do mestrado, mas também as nuances subjetivas que moldam minha perspectiva.

Embora não tenha focado em uma perspectiva interseccional neste momento da pesquisa, reconheço a importância do olhar sobre os marcadores sociais da diferença – a exemplo de raça, classe e gênero - que se situam nas relações de poder que atravessam a experiência vivida⁶. Esta última, por sua vez, está situada na

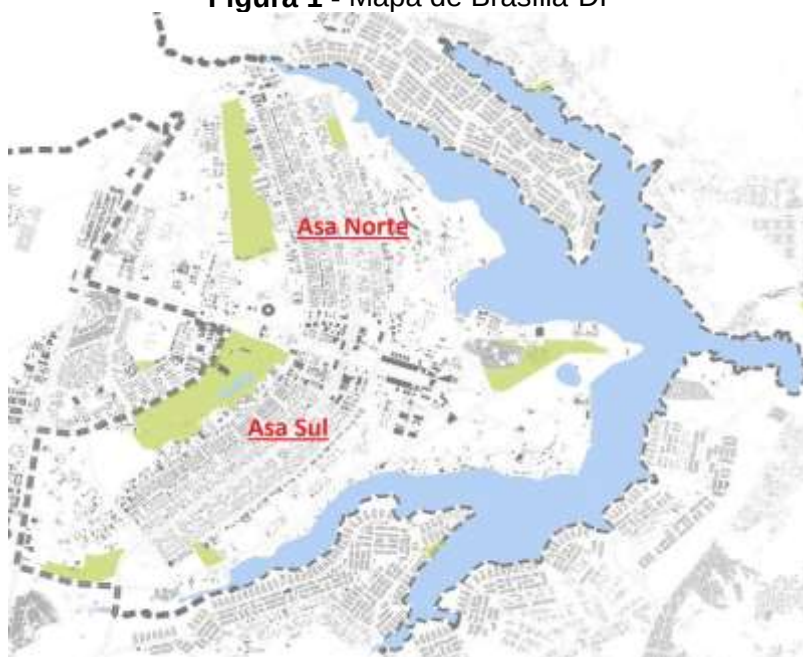
⁶ Kimberlé Crenshaw, advogada afro-americana, no ‘Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero’ (2002) questiona a geração de noções de igualdade em mecanismos de proteção jurídica que não levam em conta a experiência humana. A partir disso, ela apresenta a interseccionalidade como uma ferramenta metodológica, proveniente do feminismo negro, que visa à transformação social considerando como as identidades sociais sobrepostas (gênero e raça) se relacionam com sistemas de opressão.

etnografia como parte da produção de relações de trocas derivadas dos diálogos intersubjetivos realizados em campo (Elisete Schwade, 2016).

É a partir dessas considerações que opto por trazer aqui memórias sobre a minha trajetória de vida, para que, na condição de pesquisadora, possa situar sobre a conjuntura diante do meu propósito (Velho, 2010). O referido mergulho na subjetividade “passa a fazer parte da reflexão, apresentando-se efetivamente como dado de pesquisa” (Velho, 2010, p. 216). Reconhecer a subjetividade como parte integrante do processo de pesquisa e da produção de conhecimento científico transcende a dicotomia entre observador(a) e observado(a). Assim, ao trazer a seguir a minha trajetória - que conecta estudos, afetos, territórios, prostitutas e cabarés em distintos lugares do centro-oeste brasileiro -, busco não apenas situar o(a) leitor(a) na pesquisa, mas também apresentar a abordagem antropológica com uma perspectiva que vai além do estritamente objetivo.

Em dezembro de 2004, concluí meu Bacharelado em Biblioteconomia na minha cidade natal, Formiga, no Estado de Minas Gerais. Recém-formada, em janeiro de 2005, mudei-me para Brasília, a fim de exercer a função de bibliotecária em uma rede de ensino localizada na Avenida W3, na Asa Sul de Brasília – Distrito Federal (DF), como mostra a Figura a seguir.

Figura 1 - Mapa de Brasília-DF



Fonte: Administração Regional do Plano Piloto (2023).

A Avenida W3 Sul é uma das principais avenidas do Plano Piloto, um importante centro de negócios e entretenimento, com diversos restaurantes, bares e lojas, ligando a Esplanada dos Ministérios ao Setor Comercial Sul. Trata-se de uma avenida paralela à W3 Sul, que também liga a Esplanada dos Ministérios ao Setor Comercial Norte. As vias W3 Sul e Norte servem como passagens vitais, estendendo-se por uma distância de 12 quilômetros cada, sendo que um total de 90 rotas de ônibus percorrem a parte norte, enquanto a parte sul possui uma frota de 128 linhas de ônibus.

As duas avenidas são importantes vias de acesso aos principais pontos turísticos e comerciais de Brasília. Imersa nas demandas profissionais e alimentada pela curiosidade intrínseca, encontrava-me nas quadras da W3 Sul, onde a arquitetura diversificada compõe um cenário com prédios de estatura moderada e alta, abrigando desde locadoras da *Blockbuster* até setores educacionais particulares, empresas de rádio e televisão, supermercados, shopping e hotéis. Nesse contexto, surgiu a Boate Gol que, segundo relatos de colegas da região, tornou-se notável por ser propriedade de um célebre jogador de futebol da época.

A localização estratégica da Boate Gol, no setor hoteleiro de luxo da W3 Sul e próxima à pista de acesso ao setor hoteleiro de luxo da Asa Norte, tornava-a um elemento central em meu cotidiano. Esse caminho tornou-se obrigatório para mim, devido à proximidade com o ponto de ônibus que conduz à rodoviária de Brasília, ponto central de chegada e partida dos ônibus das cidades satélites e entorno, bem como é local de acesso ao metrô.

Durante o tempo de espera pelo transporte público, eu observava com interesse o movimento que se intensificava a partir das cinco horas da tarde, com homens e mulheres circulando pela boate.

Em um desses dias, vi uma mulher de estatura mediana, branca, cabelos pretos e longos, visivelmente perdida (na minha percepção), saindo da Boate Gol com uma mala de rodinhas, acenando para o porteiro. Ao sentar-se ao meu lado no ponto de ônibus, surgiu a oportunidade de iniciar um diálogo. Foi então que Maria da Hortaliça⁷

⁷ Durante minha pesquisa etnográfica sobre a prostituição de mulheres em Nova Andradina, optei por atribuir às protagonistas deste texto nomes que remetessem a personagens femininas da literatura brasileira. Esta primeira mulher que apresento tinha a família envolvida na venda de verduras na feira, logo, dei-lhe o nome de Maria da Hortaliça, fazendo uma alusão à personagem do romance "Memórias de um Sargento de Milícias", de Manuel Antônio de Almeida. A escolha desse nome também é permeada por uma dimensão sentimental, uma

compartilhou – demonstrando um certo desamparo – que, pela primeira vez desde a sua chegada a Brasília, voltaria à cidade em que residia, Cristalina, Goiás. Esclareci dúvidas sobre ônibus e horários, oferecendo-lhe a possibilidade de seguir no mesmo transporte, compartilhando informações na rodoviária.

A partir desse encontro ocasional com Maria da Hortaliça, estabelecemos um diálogo e uma relação, aproveitando o tempo de espera no ponto de ônibus, decorrente do congestionamento. Geralmente, fazia sinal de parada para qualquer ônibus identificado que seguia para a “rodoviária do Plano Piloto” e de lá tomávamos a condução para cidades do entorno ou cidades satélites do DF. Se o tempo permitisse, aguardávamos a chegada do veículo menos ocupado, buscando menos movimento e desconforto durante os horários de pico, que variavam das cinco horas da tarde às dezenove horas e trinta minutos.

Eu e Maria aprofundamos conversas sobre a cidade, vivências efêmeras, amenidades e desafios cotidianos. Encontrei-me com ela em outros dias no mesmo ponto de ônibus. Acredito que, coincidentemente, os dias que nos encontrávamos eram os mesmos dias da semana em que ela voltava para Cristalina, pois sempre a via carregada de malas. Em nossas conversas, explorávamos temas como dificuldades financeiras, custo de vida, família, filhos(as) e o anseio por uma melhoria nas condições materiais de existência, que motivou inclusive a ida de minha interlocutora para Brasília. Livrementemente sem que eu nada a perguntasse, Maria das Hortaliças me contou que estava trabalhando como prostituta na Boate Gol. Entretanto, um acidente de trabalho resultou em meu afastamento por 90 dias, alterando minha rotina e impedindo-me de passar pela Boate, fazendo com que eu perdesse contato com Maria.

vez que remete às memórias afetivas relacionadas à minha mãe. Durante um período em que ela esteve acamada, eu lia o referido romance em voz alta para ela. Sendo assim, essa escolha não apenas resgata elementos da literatura brasileira, mas também incorpora uma camada emocional, estabelecendo uma ponte entre meu envolvimento pessoal e a pesquisa etnográfica, buscando, deste modo, a complexidade das narrativas que emergem desses encontros e diálogos estes que me atravessam. Ainda, ao nomeá-la ficticiamente, reforço o compromisso de preservar a identidade real das pessoas envolvidas na pesquisa, evitando qualquer sugestão de objetificação. Essa abordagem ressalta a humanidade por trás das histórias individuais, contribuindo para uma representação mais ética e sensível da experiência de minhas interlocutoras na prostituição.

Tempos depois – já recuperada -, em novembro de 2005, mudei-me para Ponta Porã, no interior de Mato Grosso do Sul, para assumir o cargo de bibliotecária em uma instituição de Ensino Superior. Gostaria de destacar, um tradicional encontro de motociclistas que trouxe à cidade homens e mulheres de diversos estados, com a presença simultânea da prostituição.

O encontro de motociclistas não apenas trouxe uma atmosfera de festividade e movimento à cidade, mas também se tornou um cenário revelador das dinâmicas sociais locais. A presença de pessoas de diferentes origens e a convergência com a prostituição proporcionaram uma visão mais ampla das complexidades socioculturais em jogo para mim. Ao citar essas duas situações, reconheço que o encontro de motociclistas não foi diretamente responsável pela introdução da prostituição, mas sim proporcionou uma possibilidade para a sua manifestação. Este evento, então, suscitou em mim o desejo mais aguçado do entendimento das redes de relações produzidas pela prostituição e os efeitos gerados na dinâmica das cidades pela circulação das prostitutas e do trabalho sexual. À época, entretanto, não estabeleci relações com interlocutoras como o fiz em Brasília, com Maria das Hortaliças ou como as que viria a conhecer em Nova Andradina, para onde me mudei em agosto de 2007.

A mudança para Nova Andradina se deu para assumir o cargo de bibliotecária em outra instituição de Ensino Superior, no momento iminente da visita do Ministério da Educação (MEC) para a abertura do curso de Direito, o que marcou o início da minha jornada na cidade, que está localizada na região sudeste do Mato Grosso do Sul, a aproximadamente 300 quilômetros da capital, Campo Grande. A cidade foi fundada em 20 de dezembro de 1958 e inaugurada formalmente em 30 de abril de 1959, após sua separação do distrito de Rio Brilhante, anteriormente sob jurisdição do município de Bataguassu. O fundador, Antônio Joaquim de Moura Andrade, nasceu em 22 de dezembro de 1889. Era natural de Brotas no estado de São Paulo e um pecuarista vindo de seu estado de origem. Ele dividiu seu papel de colonizador com Andradina, outra cidade situada no interior paulista. Antônio Joaquim de Moura Andrade faleceu em 8 de fevereiro de 1962, quando o município de Nova Andradina tinha apenas três anos de fundação (Prefeitura Municipal de Nova Andradina, 2022).

A denominação Andradina, intrínseca às duas cidades, serve como homenagem à Moura Andrade e, no caso do Mato Grosso do Sul, o prefixo “Nova” foi

anexado para evitar qualquer confusão potencial entre as duas áreas urbanas (Prefeitura Municipal de Nova Andradina, 2022).

Nova Andradina, reconhecida como a “Capital do Vale do Ivinhema”, possui uma localização estrategicamente vantajosa na convergência do Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná. Esse posicionamento geográfico contribui significativamente para a expansão de sua economia, particularmente no campo da criação e abate de gado. Consequentemente, Nova Andradina ganhou o “prestigioso” título de “Capital do Boi”, destacando seu papel como um dos principais centros pecuários do Brasil. A população de Nova Andradina é estimada em 48.563 indivíduos, conforme indicado pelo censo mais recente realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Segue abaixo, a localização de Nova Andradina nesse cenário.

Figura 2 - Mapa de localização do município de Nova Andradina no Estado de Mato Grosso do Sul

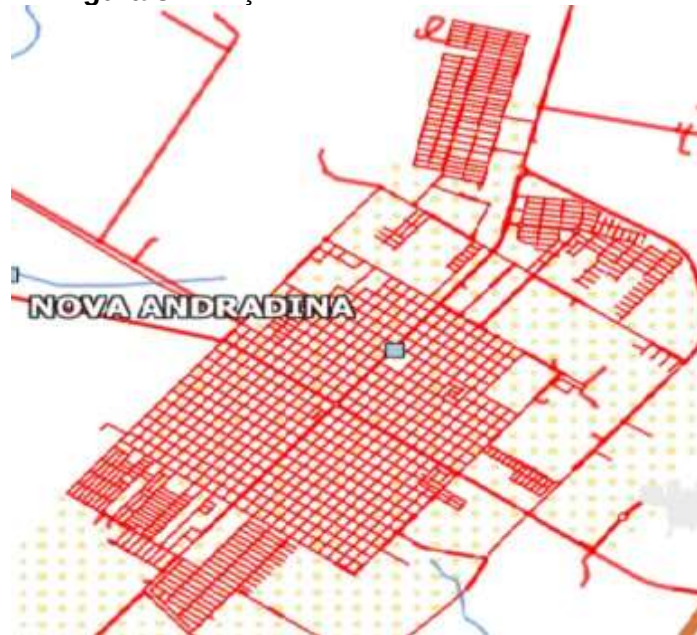


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2022).

Segundo Faust (2019, *online*), “O traçado da cidade segue o clássico romano estruturado em duas avenidas principais: o *cardo maximus* (Av Antônio Andrade) e o *decumanus maximus* (Av Eurico Andrade), no encontro dos dois eixos está a Praça Brasil”.

Na sequência, destaco o mapa do “traçado” urbano de Nova Andradina, tendo no quadrado em cinza a região do Cabaré (figura 4), bem como a da fotografia aérea da referida (figura 5).

Figura 3 - Traçado urbano de Nova Andradina



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2024).

Figura 4- Praça Brasil e Obelisco -Ponto de convergência das avenidas principais



Fonte: Site oficial do Poder Legislativo de Nova Andradina – MS (2022).

Contudo, o ponto inaugural deste percurso de pesquisa remonta a dezembro de 2008, quando estava em uma "confraternização" de formandos(as) em uma área afastada da cidade, descrita como "Zona". Desse modo, tive meu primeiro e significativo contato com a realidade da prostituição local, proporcionando-me uma visão inicial das dinâmicas que permeiam essa prática na comunidade. Essa experiência foi crucial para, anos depois, direcionar a minha pesquisa etnográfica na

busca por compreender as interações sociais e relações envolvidas na prostituição em Nova Andradina.

Um tempo após esse encontro inicial com a temática em questão, meu interesse foi reacendido ao deparar-me com a dissertação de mestrado em Geografia do autor Santos (2015). Tal trabalho se debruça sobre a política e a influência da igreja no processo de colonização de Nova Andradina e apresenta uma fala do fundador da cidade (Antônio Joaquim de Moura Andrade), na qual ele traz três elementos basilares para a fundação da cidade: "para se fundar uma cidade é necessário três P's: padre, polícia e puta" (Santos, 2015, p.163). Essas palavras, registradas em entrevistas, encontram-se meticulosamente gravadas em arquivos sob posse do autor, disponíveis para consulta.

É essencial considerar como a própria cidade de Nova Andradina se torna o que é influenciando e sendo influenciada pelas práticas sociais em questão. As informações trazidas por Santos (2015) a respeito da formação histórica e do desenvolvimento urbano dessa localidade é fundamental para contextualizar as dinâmicas da prostituição. A cidade, enquanto cenário, desempenha um papel crucial na configuração das experiências das mulheres envolvidas na prostituição e nas percepções sociais que as cercam. Mas, mais do que isso, compreendo como a cidade continua a ser moldada por essas práticas sociais ao longo do tempo. Todavia, meu compromisso de pesquisa se estende para além das experiências individuais, buscando trazer as interações entre a cidade, as práticas sociais contemporâneas e as trajetórias das mulheres envolvidas na prostituição.

2.1 Complexidades da prostituição

Para entender a elaboração do compromisso de pesquisa, é fundamental debater o que compreendo por prostituição, desde um sentido histórico, sociológico e antropológico (Barros, 2002). Entendo que a prostituição abrange a discussão de aspectos fundamentais da vida: sexualidade, amor, trabalho, atividade sexual, relações humanas e interação social.

A autora Nickie Roberts (1992), ex-prostituta e *stripper* na cidade de Londres, Inglaterra, apresenta em sua obra que a prostituição foi tratada historicamente, do ponto de vista dos aparatos e corpos da heterocisnormatividade e do patriarcado,

como um “mal necessário”, como tolerável. É daí que provém mais uma das possíveis nomenclaturas para as casas de prostituição, a *Casa de Tolerância*. A prática da prostituição, conforme a autora, era considerada também existente para manter padrões sociais respeitáveis do normalizado e normatizado como família ideal e/ou casamento monogâmico.

A compreensão da prostituição, sustentada pelo modelo econômico vigente, serve a propósitos específicos que não devem ser negligenciados. E destaca os aspectos socioculturais que santificam o sexo, rotulando assim qualquer forma de expressão sexual não associada à reprodução como impura (Claudia Fonseca, 2006). De acordo com a pesquisadora Adriana Piscitelli (2013), a ideia de que a prostituição é uma atividade imoral, que coloca as mulheres em uma posição de vulnerabilidade, continua a aparecer frequentemente nos discursos oficiais da sociedade de hoje, “[...] o debate em torno da prostituição, como meio de vida, está longe de apresentar consenso. Principalmente, enquanto as mulheres envolvidas neste trabalho permanecerem sem voz ativa e estigmatizadas [...]” (Adriana Piscitelli, 2013, p.629).

O que aparentemente dói “aos bons” é o encontro do retrato social da prostituta como um indivíduo mergulhado no pecado, representando uma ameaça à moralidade e ao comportamento virtuoso, e construir modelos explicativos para compreender a prostituição associa-se à capacidade de auxiliar na restauração de uma ordem social específica que se baseia no estigma.

Talvez seja o desconforto causado pela comercialização do sexo que expõe a subjugação das sexualidades dentro de uma rede inegável de indivíduos composta por prostitutas, clientes e intermediários(as). Ao desafiar as normas morais e religiosas que contribuíram para a formação do conceito de família ocidental tradicional, em que o sexo é considerado apenas um meio de reprodução, surge o mal-estar em relação à prostituição, necessitando do estabelecimento de uma estrutura lógica, independentemente de sua natureza, para tornar o ato sexual, facilitado pelo prazer e pelas trocas financeiras, mais palatável (Meihy, 2019).

Mariana Luciano Afonso e Rosemeire Aparecida Scopinho (2013) trazem que compreender a prostituição como um fenômeno social complexo diverge significativamente da suposta homogeneidade atribuída a ela. Na realidade, é o resultado de uma combinação de fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais que não são mutuamente exclusivos, tornando impossível desenvolver um modelo

explicativo singular, inflexível e estático para a prostituição. Os diversos aspectos que constituem esse processo dinâmico contribuem para a padronização e perpetuação de estereótipos, que são fundamentais para auxiliar “facções conservadoras⁸” a lidar com a questão.

De acordo com a etnografia de Maria Dulce Gaspar (1985, p.67), examinar o papel social das prostitutas é percebê-las para além de “um mal necessário”, pois isso perpetua a noção de que a prostituição é um elemento essencial para manter o equilíbrio homossexual dentro da família nuclear⁹. De acordo com Ana Maria Colling (2014), o surgimento da figura da prostituta, transcendendo a esfera sexual, leva a uma nova contemplação do fenômeno, agora visto como um incômodo tolerado. Consequentemente, a imagem sagrada da esposa como mulher casta e virtuosa permanece intacta, na qual o sexo está ligado unicamente à reprodução e à pureza virginal dos jovens membros da família. No simbolismo/imaginário social, a prostituta assume papéis que seriam inimagináveis para a mulher de família tradicional.

Para uma história das mulheres, é necessário que a história geral passe a ser entendida como resultado de interpretações, de representações, que têm como fundo, relações de poder. Estas representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos. A mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constitui a vergonha da sociedade. (Ana Maria Colling, 2014, p.13).

As certezas duradouras que sustentaram os modos de conhecimento predominantes durante a era da modernidade são agora inadequadas, pelas teorias sociais contemporâneas, incluindo as antropológicas/etnográficas para abordar as

⁸Utilizo o termo “facções conservadoras” entre aspas para destacar que - embora o conceito seja usualmente associado a grupos organizados com intenções ideológicas ou políticas específicas - são compostos por aqueles ditos de “direita” e da bancada evangélica, do boi e da bala, neste contexto, ele se refere às elites locais de Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, que, por meio de suas ações e discursos, tendem a criminalizar a prostituição e, consequentemente, a pobreza. Essas elites, ao associar a prostituição a um perigo social e moral, reforçam estereótipos que marginalizam ainda mais as mulheres envolvidas nessa atividade. A criminalização da prostituição, portanto, serve como um mecanismo para manter o controle social e perpetuar as estruturas de poder, ao mesmo tempo em que oculta as verdadeiras dinâmicas de exploração e desigualdade presentes na região. Portanto, ciente de que facções também se referem ao real e imaginário da criminalidade tão associada à pobreza por distintos discursos de poder, aqui propositadamente junto conservadorismo à facção.

⁹ Nesta pesquisa eu não problematizo as críticas a essa perspectiva que caminha de mãos dadas com as contribuições sobre os imperativos e imposições da heterocisnormatividade, em especial, a partir das discussões de Paul Beatriz Preciado (2022) e Judith Butler (2018).

questões fundamentais nos estruturam como sociedades contemporâneas. Dentre elas: a heterocisnormatividade aliada ao racismo e ao capitalismo neoliberal que atravessam as perspectivas singulares do que é família, do que é casamento, do que é normal, no anverso do que não é.

Embora a noção de mulheres “trocando¹⁰” seus corpos por dinheiro seja um tema recorrente em nossa sociedade, remarco que o que é praticado é a negociação e a venda de funções adaptadas para atender (também) a uma ampla gama de desejos - nos sentidos mais plurais do termo.

Para encaminhar este debate teórico sobre o assunto, sem o objetivo de exploração exaustiva ou resolução definitiva, formulo e implemento uma estratégia que encontra duas esferas aparentemente desconectadas: por um lado, o lugar da normalidade, supostamente habitado pela maioria; e, por outro lado, o lugar do desvio, ocupado por aquelas que violam as normas estabelecidas. Ao confundir a maioria com a normalidade, perpetuamos a legitimidade ilusória que nos capacita a analisar, avaliar e julgar. No contexto de Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, a partir dessa perspectiva, práticas e identidades que divergem daquilo que é considerado “normal” pela maioria são marginalizadas e criminalizadas, reforçando estereótipos e discriminações. Essa normalidade imposta não só ignora a complexidade das experiências das mulheres envolvidas na prostituição, como também legitima o controle social exercido pelas elites locais, que utilizam essa distinção entre normal e desvio para manter estruturas de poder e exclusão social.

No entanto, dentro de nossas sociedades ocidentais, existe uma forte associação social entre sexo e intimidade, que é percebida como uma entidade inseparável distinta do das transações de mercado. Em seu trabalho, explorando a interação entre intimidade e compensação financeira, Costa (2018) investiga a manifestação de um parceiro romântico no trabalho sexual convencional, comparando-a às interações entre profissionais do sexo sofisticados rotuladas como

¹⁰ O termo troca é inspirado nas considerações críticas contra o capitalismo/neoliberalismo do saudoso intelectual quilombola Nego Bispo (Antônio Bispo dos Santos) em sua obra, “A terra dá, a terra quer” (2023, p. 36): Quando ouço *troca*, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a *troca* significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Portanto, a troca aqui se refere também ao trabalho sexual como mercadoria.

prostitutas, namoradas e acompanhantes de “luxo” em Belo Horizonte - MG e São Paulo - SP, mostrando que essas duas dimensões são frequentemente tratadas como pertencentes a domínios separados que são vistos como antagônicos. A prostituição desafia essas articulações e confronta as definições às vezes contraditórias de práticas sexuais e a representação de “bom” ou “mal”, “aceito” ou “abominável”.

Seguindo Mirian Goldemberg (2007 apud Melo, 2021, p.38), o corpo humano, visto como um “verdadeiro capital físico, simbólico, econômico e social”, é um conceito que lança luz sobre a compreensão do corpo da prostituta. Sob essa perspectiva, percebo o corpo da prostituta como um território de interações, um espaço onde as relações se desdobram, delineando vínculos afetivos e comerciais/trabalhistas. Por meio de suas performances¹¹, essas mulheres elaboram significados sociais e subjetivos que são expressos e compartilhados nas relações que sustentam.

¹¹ O termo “performance” vai além de uma simples atuação como sugere o dicionário da língua (cult) portuguesa; ela envolve a construção de maneira outra dos termos “identidades” e, por conseguinte, a negociação constante do que equivocadamente ainda se denomina de papéis sociais, em um espaço de poder e resistência. Essas performances permitem que as mulheres redefinam e reivindiquem suas posições dentro de um sistema que frequentemente as marginaliza, ao mesmo tempo em que criam formas de agência e sobrevivência a partir da luta e da consciência de classe. A performance é um meio pelo qual essas mulheres constroem significados que não apenas refletem suas experiências, mas também desafiam as normas sociais que buscam controlá-las. **VER:** CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, Maria, “Drama, ritual e performance”, **Sociologia & Antropologia**, 3 (6), 2013, p.411-440. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sant/a/PHhyQhsQNVsfD3nqNXX3phb/#ModalHowcite>. Sentidos que não se dissociam daqueles veiculados, por exemplo, por Judith Butler, a quem o conceito é legado. Acompanhemos a começar pelo (sub)título da obra na tradução para a língua portuguesa brasileira que primeiro o dissemina: “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (Judith Butler, 2018, p. 08-09). E mais:

Mas como questionar um sistema epistemológico/ontológico? Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de gênero que sustentam a hierarquia dos gêneros e a heterossexualidade compulsória? Considere o fardo dos “problemas de mulher”, essa configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural. Por mais séria que seja a medicalização dos corpos das mulheres, o termo também é risível, e rir de categorias sérias é indispensável para o feminismo. Sem dúvida, o feminismo continua a exigir formas próprias de seriedade. Problemas femininos é também o título do filme de John Waters estrelado por Divine, que é herói/heróina de *Hairspray* — Éramos todos jovens, cuja personificação de mulheres sugere implicitamente que o gênero é uma espécie de imitação persistente, que passa como real. A performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo — por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero. Seria a drag uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece? Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos

Essas mulheres são descritas e designadas, e é esperado que se conformem às normas impostas, repetindo e reproduzindo modos, gestos, gostos e comportamentos – não sem resistências. Esse processo performativo não apenas molda suas interações com os clientes e pessoas do convívio cotidiano, mas também influencia a percepção social sobre suas identidades e agências junto à sociedade. Nesse sentido, os corpos(-territórios) das prostitutas se tornam uma arena onde se entrelaçam dimensões subjetivas, simbólicas, sociais, econômicas, dentre outras. Eles são também espaços onde se manifestam e são tecidas relações sociais, moldadas pelas expectativas e normas culturais, bem como por suas agências¹².

2.2 O caminho na etnografia

A etnografia surge aqui como uma lente capaz de ir além das superfícies aparentes e mergulhar (minimamente) na compreensão das complexidades das narrativas¹³ sobre a prostituição em Nova Andradina. Tornar-me parte integrante desse cenário não se limita à função de pesquisadora não engajada, e demanda uma análise das práticas sociais, mas também me convida a uma jornada de questionamento pessoal, considerando que a “observação participante” e a “etnografia” se perfazem também por meio da minha subjetividade. Do meu encontro

performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?

¹² O conceito de “agência” refere-se à capacidade dessas mulheres de agir e fazer escolhas dentro das condições que lhes são impostas. Apesar das pressões sociais, econômicas e culturais que buscam limitar suas opções, essas mulheres exercem agência ao negociar suas identidades, redefinir seus trilhares e resistir às tentativas de controle e estigmatização. A agência, portanto, não é apenas a habilidade de tomar decisões, mas também a capacidade de transformar essas decisões em ações que desafiam as estruturas de poder e as normas sociais. No contexto dos corpos-territórios das prostitutas, a agência se manifesta na maneira como elas se posicionam dentro de uma sociedade que frequentemente as marginaliza, utilizando seus corpos como veículos de resistência, expressão e sobrevivência. **VER:** GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114970/mod_resource/content/1/Anthony_Giddens_Sociologia.pdf.

¹³ Com o termo “narrativa” pretendo mostrar que se trata de uma construção textual e que não pode ser assimilada às notas de campo “brutas” (Simone Becker, 2008) tomadas durante a pesquisa empírica, isto é, sem diálogo com outras pesquisas etnográficas. Assim, o texto narrativo etnográfico é resultante da participação/observação de longo prazo num determinado contexto sociocultural com interações cotidianas, muitas das vezes, mediada pelas leituras de pesquisas que já trilharam esse caminho.

com o “outro”, com a “alteridade” que se tornam em algumas medidas “familiares” no decorrer das interações de vida/campo¹⁴. Estar presente nessa realidade implica absorver as experiências das pessoas envolvidas/atravessadas pela prostituição, entendendo-as não como dados de pesquisa, mas como narrativas que compõem o que escrevo, instituindo um conhecimento científico que se alimenta da subjetividade de quem pesquisa. Ou seja: pesquisando a prostituição em Nova Andradina, não sou apenas uma observadora, mas alguém que se conecta com as histórias compartilhadas, saindo modificada de cada encontro que tive. Na cidade onde também moro, trabalho, vivo.

A etnografia, em muitos casos, de maneira equivocada, ela é equiparada a outros métodos ditos “tradicionais” (Claudia Fonseca, 1999), tais como entrevistas, questionários ou análises de documentos, emergindo como elemento essencial na caixa de ferramentas do(a) pesquisador(a) social. Trata-se de metodologias que podem se complementar, mas que não se confundem.

Goffman (2008) contribui para uma perspectiva interpretativa, na qual surgem possibilidades analíticas que revelam as interações cotidianas e, no caso da minha pesquisa, as prostitutas e o município de Nova Andradina com seus simbolismos. Mais especificamente em sua obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (2008), tendo como complemento àquelas contribuições tanto de Becker (2008) - Os *outsiders* - quanto de Velho (2003) – desvio e divergência. Acredito que esses últimos trazem agência outra - não percebida na obra de Goffman (2008) - àquelas pessoas cujas identidades são deterioradas face às imposições do estigma. Quem desvia da norma e do normal também resiste e não só se subordina.

Essa abordagem, dos interacionistas simbólicos, ressoa em minha pesquisa etnográfica sobre a prostituição, onde o cenário exige atenção para compreender as diversas narrativas que dele emergem. Abandonar concepções teóricas torna-se

¹⁴ Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), fui frequentemente vista como “aquela que pesquisa prostitutas”. Assim como Mary Celina, que não se separava do cabaré ou da universidade quando o assunto era a prostituição, eu também sustentava a constante presença das minhas interlocutoras nas discussões acadêmicas. Essa postura, longe de reforçar estigmas, buscava justamente desafiá-las e trazer pouco a pouco o quanto elas também cada vez mais estão nesses lugares de poder. Ao trazer à tona as complexas realidades dessas mulheres, eu me empenhava em quebrar as barreiras da estigmatização, mostrando que a prostituição, mais do que um rótulo, é um campo repleto de significados sociais, subjetivos e políticos que merece ser tratado com seriedade e respeito.

crucial/desafiador para explorar as dinâmicas sociais e culturais que influenciam as narrativas das realidades e da cidade de Nova Andradina-MS (Mariza Peirano, 2018).

A reflexão de Mariza Peirano (2018) nos alerta sobre a importância de olhar para o campo sem o peso de teorias pré-concebidas que possam ofuscar a compreensão do contexto estudado. Como Mariza Peirano destaca, o etnógrafo deve estar aberto a ser surpreendido pelo campo, permitindo que as experiências e vozes locais moldem a interpretação da realidade. Essa orientação me guia ao longo da pesquisa, incentivando-me a deixar que as narrativas das mulheres envolvidas na prostituição, assim como as dinâmicas específicas de Nova Andradina, conduzam a análise, ao invés de forçá-las a se encaixarem em modelos teóricos prévios.

Busco compreender o procedimento etnográfico por meio da “observação participante”. Embora o conceito tenha sido desenvolvido inicialmente por Malinowski, que enfatizou a importância da imersão ativa no campo para a coleta de dados, seu enfoque foi, em parte, superado por perspectivas mais contemporâneas, como as de Geertz (1989). Malinowski argumentava que a etnografia deveria ser baseada em pesquisa de campo, onde os antropólogos participassem das atividades diárias de seus sujeitos, o que ele descreveu como tirar a antropologia “da varanda”. Para Malinowski, o envolvimento meticuloso na observação participante e a interação regular com os informantes eram essenciais para documentar as complexidades da “vida cotidiana” e entender diversos grupos sociais.

No entanto, ao adotar a observação participante, reconheço a contribuição de Malinowski para a prática etnográfica, mas também reconheço que sua abordagem foi aprimorada por teorias posteriores¹⁵.

Devemos, enquanto pesquisadores(as), possuir compreensão dos valores e critérios que definem a etnografia, para evitar cair na armadilha do “etnocentrismo”¹⁶.

¹⁵ **VER:** SANTOS, Augusto Venturo dos. Etnografia é observação participante? Trabalhando com um método constitutivamente heterodoxo. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. 28, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10089#quotation>.

¹⁶ O etnocentrismo se refere a uma visão de mundo na qual nosso próprio grupo é considerado o ponto focal de todas as coisas, enquanto as perspectivas dos outros são percebidas e compreendidas com base em nossos valores, estruturas e concepções da realidade. Do ponto de vista intelectual, pode ser visto como o desafio de contemplar a diversidade, enquanto, em um nível emocional, ela se manifesta como sensações de desconhecimento, apreensão, animosidade e coisas do gênero (Rocha, 1988).

A exploração de outros trabalhos etnográficos¹⁷ e as discussões subsequentes que elas evocam contribuem para o crescimento e desenvolvimento de nossa própria compreensão e perspectiva. É essencial estabelecer uma conexão e uma coexistência significativas com nossos(as) interlocutores(as), indo além do rótulo reducionista de “nativos(as)”. Isso implica criar uma distância analítica que permita uma troca dialógica de conhecimento, inspirando-se nos trabalhos de outros(as) pesquisadores(as). Por fim, devem-se adotar metodologias, que servem como um meio de capturar a essência da observação participante, como o diário de campo. Ao fazer isso, aproveitamos o poder da memória, tanto nossa quanto do(a) “outro(a)”.

Nesse cenário, o conceito de etnografia se desenha com uma dualidade que se estende à abordagem metodológica, delineando como o conhecimento é cuidadosamente coletado. Na antropologia, encontramos instruções diversas sobre como criar e redigir um texto etnográfico. Essas orientações refletem a linha teórica ou científica do(a) pesquisador(a) e, sem dúvida, são moldadas pelo seu estilo e predileções de escrita (Becker, 1997).

Ressalto a importância da pesquisa qualitativa, a partir de Miriam Goldenberg (2011), no esforço para lidar com questões que investigam a formação e a importância dos encontros sociais. O obstáculo vai além apenas da minha aptidão metodológica, mas também da minha capacidade de articular as perspectivas e os encontros dos indivíduos que formam essa situação específica.

Para a produção da escrita etnográfica, baseio-me nos métodos de descrição propostos por Geertz (1989), Becker (1997, 2007) e pelos trabalhos mais

¹⁷ No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, iniciei a busca por "Nova Andradina" entre aspas para agrupar os termos. Foram localizados 38 resultados. Desses, 10 resultados pertencem às Ciências Humanas, sendo 8 da UFGD e 1 da UFMS. Ao agrupar "Nova Andradina" com "prostituição", não obtive nenhum resultado. Ao agrupar "Mato Grosso do Sul" com "prostituição", foram retornados 15 resultados. Destes, 9 resultados são anteriores à plataforma Sucupira e 1 trabalho foi recuperado sobre prostituição feminina em um programa de mestrado em Antropologia. Ampliei a busca utilizando aspas e o sinal de (+) com os termos: "prostituição feminina", prostituição, "prostituição de mulheres", antropologia, etnografia, etnográfico, "mulheres prostitutas", cabaré, zona, puta, "garota de programa" e "profissional do sexo". Recuperei 97 resultados. Aplicando o filtro de área do conhecimento em Antropologia, recuperei 11 trabalhos, sendo 8 dissertações e 3 teses. Outros 7 textos recuperados estão cadastrados em programas de mestrado e doutorado nas áreas de Ciências Sociais, Sociedade, Cultura e Fronteiras, Sociologia, Filosofia e Ciências Humanas, Planejamento Urbano e Regional, Linguística e Saúde Coletiva e em comum têm o termo etnografia (aplicado na pesquisa) sendo este critério de inclusão.

contemporâneos de Gemelgo (2021), Simone Becker (2002) e na obra “Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos” de Stéphane Beaud e Florence Weber (2007). Encontrei inspiração na abordagem dos trabalhos de Mariza Peirano (2008, 2014), os quais enfatizam a importância da etnografia como uma prática social, que abarca tanto a comunicação quanto às minhas atividades como pesquisadora e as das minhas interlocutoras. Uma vez que a base da pesquisa é etnografia, é crucial analisar as falas e ações das interlocutoras, principalmente durante meu tempo no Cabaré Glória¹⁸. Para tanto, considerei tanto as conversas formais quanto as informais, já que ambas são experiências comunicativas que possuem significados múltiplos.

Com o intuito de fornecer evidências para a abordagem usada no meu trabalho de campo, trago Mariza Peirano (1992), já que sua perspectiva rejeita a segurança proporcionada por teorias abrangentes, categorizações rígidas e interpretações predefinidas de autores(as) e temas. Ao invés disso, a autora nos instiga a abraçar a mente do(a) novato(a) quanto ao estado de fascínio e inquietação experimentado pelos(as) estudantes ao se iniciarem na antropologia, quando a vasta tapeçaria das experiências humanas se desdobra diante de quem chega. Os confortos proporcionados por modos habituais de pensamento são removidos, não permitindo refúgios em explicações teóricas para resgatar certezas que foram abandonadas.

Um relato etnográfico também tem implicações para os(as) leitores(as). De fato, proporciona uma partilha da experiência vivenciada pelo(a) antropólogo(a) por meio da narrativa - uma experiência singular, mas intrinsecamente ligada à do(a) autor(a) em campo - buscando que os(as) leitores(as) a vivenciem, a sintam (co-experiência). Esse tipo de narrativa se esforça por elucidar a complexidade das situações e dos(as) protagonistas - engajando em diálogos, debates, negociações - cada um com seus próprios interesses, sentimentos e opiniões. Tal abordagem possibilita aos(as) leitores(as) identificarem-se com as pessoas retratadas, compreendendo suas lógicas de ação e reconhecendo que suas reações poderiam ter sido mais ou menos similares, ou até mesmo diferentes. A complexidade transmitida pela descrição minuciosa das situações também serve para diminuir a autoridade do(a) autor(a) - embora jamais a elimine (Geertz, 1989) - pois os(as) leitores(as) dispõem de mais

¹⁸ Nome fictício para me referir ao meu local de pesquisa. A escolha por esse nome se dá exclusivamente pela fonética da palavra “Glória”, que acho belíssima.

recursos para formular suas próprias conclusões e podem tomar consciência da natureza contextualizada da narrativa etnográfica - na qual o(a) antropólogo(a) se encontra imerso(a).

No meu caminhar da pesquisa etnográfica sobre prostituição, as nuances metodológicas previamente abordadas moldam a coleta de conhecimento no estudo da prostituição. A narrativa resultante - o texto etnográfico - assume um papel necessário ao transmitir a complexidade daqueles(as) que compõem a pesquisa. A busca por compreender e compartilhar essas experiências exige uma abordagem sensível, que institui a própria etnografia. As emoções também são da pesquisadora, que mergulha não só nas práticas observadas, mas nas histórias e emoções que permeiam sobre a prostituição em Nova Andradina e as suas narrativas.

A etnografia, enquanto método de pesquisa na antropologia, não é apenas uma técnica neutra de coleta de dados, mas sim um processo no qual os(as) pesquisadores(as) devem estar cientes dos seus preconceitos e pressupostos, bem como das dinâmicas culturais e contextos sociais em que estão inseridos(as), onde o(a) pesquisador(a) busca constantemente questionar e reavaliar suas próprias perspectivas em relação aos fenômenos estudados. Deve-se estabelecer relações de confiança respeitando suas perspectivas e experiências.

Quanto às relações previstas durante minha permanência no Cabaré Glória, estas se alongam em outros momentos de interação social e, conseqüentemente, conforme as pesquisas de Jennefer Portela de Sales (2022) e Lívia Freire da Silva (2020), compreendem os costumes que estão enraizados em uma estrutura social figurativa é de grande importância - posteriormente se estendendo além do ambiente preciso do Cabaré. Essa compreensão não se limita apenas ao ambiente específico, mas tem ramificações mais amplas que afetam e são afetadas pelo estabelecimento real de Nova Andradina. Ou seja, como as dinâmicas sociais que perpassam pela prostituição têm implicações e conexões mais profundas com a comunidade em que está inserido.

A correlação existente entre mim e as participantes da pesquisa não diz respeito só a um ponto de vista, mas sim à essência do meu trabalho e às subjetividades que atravessam. A distinção de pesquisadora e as nuances das relações estabelecidas sobre o que eu pesquiso moldam e dão vida aos resultados que emergem da pesquisa etnográfica. Fernanda Cardozo (2009) afirma que é na

singularidade dessas interações que encontramos a riqueza da antropologia, um campo que explora não apenas culturas, mas também as conexões humanas que permeiam cada aspecto da vida social.

Assim, destaco as autoras Urpi Montoya Uriarte (2014), Aline Godoi de Castro Tavares (2014), Raquel de Freitas Banuth e Francirosy Campos Barbosa-Ferreira (2015), Livia Freire da Silva (2020), Izabelle Jablonski (2021) e Gemelgo (2021), que trazem a perspectiva e a relação do(a) pesquisador(a) e os(as) interlocutores(as) com as quais dialogo na etnografia, de modo que a tessitura do campo antropológico, a relação entre o(a) pesquisador(a) e os(as) participantes da pesquisa transcendam a coleta de dados, assumindo um papel essencial na construção do conhecimento. A interpretação dos fenômenos culturais e sociais não se resume à objetividade distante; ao contrário, é moldada e influenciada pela complexidade das conexões humanas que se estabelecem ao longo do processo de pesquisa. Aquele(a) que pesquisa, portanto, deixa de ser apenas um(a) observador(a), e passa a ser um(a) participante ativo(a), que potencializa a riqueza dos resultados obtidos.

Ao estudar as dinâmicas de pessoas e organizações, é imperativo que se concebam abordagens metodológicas que reconheçam a natureza sigilosa dessas práticas e se adaptem a elas, superando as limitações impostas pela falta de transparência. Ao mesmo tempo, respeitando a privacidade das mulheres envolvidas, trato das particularidades das suas vivências e do respeito ao espaço quando me encontro com elas: “[...] tornar-se capaz de maquiar automaticamente todo episódio de sua experiência de campo” (Jeanne Favret-Saada, 2005, p. 160) é uma adaptação metodológica que se revela, por exemplo, na troca dos nomes por personagens da literatura brasileira protegendo a identidade das protagonistas deste estudo e de quem colabora com minha pesquisa.

Para iniciar meu trabalho de campo, foi realizado um mapeamento dos locais que pretendia frequentar e contabilizei três cabarés. No entanto, esse número é apenas uma base, visto que, durante minhas “especulações”, soube que um deles havia fechado. O movimento da prostituição no Cabaré Glória é caracterizado pela presença de mulheres vindas de outras cidades de Mato Grosso do Sul e de diversos Estados do Brasil. Sobre a chegada delas ao Cabaré em específico, falarei mais adiante.

É impossível garantir a inexistência de (boas e ruins) afetações em estudos que abrangem sentimentos¹⁹. Este estudo que aborda mulheres que residem no Cabaré Glória e outras que também foram atravessadas pela prostituição e que sofreram com preconceitos, tendo sido marginalizadas e, normalmente²⁰, são silenciadas pela hierarquia social predominante²¹ (Silvana Colombelli Parra Sanches, 2007). Obter informações e produzir conhecimento sobre experiências de vida, a partir das perspectivas de mulheres (cisgêneras, trans, travestis) envolvidas no trabalho sexual, da prostituição, permite uma abordagem de pesquisa que desconsidera a exclusão social, a marginalização e a pobreza e questões de justiça social.

A próxima abordagem do texto delineará os propósitos do campo multicentrado, proporcionando para quem me lê uma compreensão da diversidade que caracteriza minha abordagem de pesquisa.

2.3 O que é o meu trabalho de campo multicentrado?

O trabalho de campo multicentrado, envolve a condução em diferentes locais, buscando compreender, por meio das narrativas de interlocutores(as), complexidades de um fenômeno social em diversas situações.

Na pesquisa de campo, a integração dessas experiências – essa "multicentralidade" – é fundamental para uma análise mais completa dos dados coletados, o que contribui significativamente para que eu possa realizar comparações mais eficientes entre eles. Com a pesquisa de Greciane Martins de Oliveira (2015), observo que, ao vivenciar diferentes situações/momentos, consigo perceber padrões e variações que talvez passassem despercebidos em uma abordagem mais restrita quanto à repetição das relações que estabelecemos com quem interagimos.

¹⁹ Em "A expressão obrigatória de sentimentos", de 1921, escrito pelo antropólogo francês, Marcel Mauss (sobrinho de Émile Durkheim) se há uma origem para as emoções que também nomeamos como sentimentos é social. Para maiores detalhamentos, sugiro a consulta ao texto tão denso e minimalista. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3508/Mauss.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

²⁰ Uso propositadamente o normal como capaz de produzir norma. Eis porque "normalmente". Sinônimo de lei e de imposição do poder.

²¹ Como já expus antes, isso não quer dizer deixar de ter agência.

Essa "multicentralidade", ao invés de adotar uma visão unidimensional ou centrada em um único ponto de observação, reconhece a diversidade de fatores que influenciam as interações sociais em diferentes locais, “que parte de um campo localizado, mas ao mesmo tempo disperso por diversas partes, tanto da cidade quanto de mim mesmo. Neste sentido, minha jornada etnográfica foi a de percorrer ambientes [...]” (Milan, 2019, p.14).

Segundo Luiza Gabriela Oliveira Meyer (2014), reconhecer a diferença de contextos das abordagens é essencial, pois cada local pode exigir adaptações e estratégias específicas, a depender, por exemplo, de com quem interagimos. A ideia de que o campo nem sempre se revela conforme nossas expectativas (iniciais) ressalta a importância da flexibilidade e da disposição para lidar com o inesperado. Isso com o suporte das outras etnografias. A dinâmica entre o(a) pesquisador(a) e os(as) interlocutores (as/os) no campo é uma relação (in)tenso e em transformação.

O reconhecimento de que não há neutralidade e de que o campo não é inodoro ou asséptico na presença do(a) pesquisador(a) é crucial. Inevitavelmente, a interação influencia ambas as partes, destacando a necessidade de uma reflexividade constante por parte do(a) pesquisador(a) para compreender e reconhecer suas próprias posições e influências (Simone Becker, 2002).

No meu exercício de investigação, a imersão repetida e continuada foi fundamental, através da observação-participação, pois se fez possível vivenciar situações que, inicialmente, pareciam sem sentido. A observação participante na pesquisa antropológica não é apenas um exercício acadêmico, mas uma experiência que desafia a minha compreensão intelectual, bem como minhas próprias percepções e preconceitos para o bem-viver.

Seguindo a pesquisa qualitativa ²², as interações estabelecidas com as mulheres do Cabaré alinham-se às perspectivas de Silvana Colombelli Parra Sanches (2007), Melo (2021) e Luciana Codognoto da Silva (2016) sobre a necessidade de compreender as dinâmicas sociais a partir das narrativas das interlocutoras. Algumas

²² A pesquisa qualitativa na antropologia é uma abordagem metodológica que busca compreender as complexidades e nuances das práticas culturais, comportamentos sociais e estruturas sociais por meio da coleta e análise de dados não numéricos. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se baseia em dados quantificáveis e estatísticas, a pesquisa qualitativa na antropologia concentra-se na interpretação e compreensão das experiências humanas no contexto que os indivíduos estão inseridos (Miriam Goldenberg, 2011).

dessas interações foram documentadas por meio de gravações, corroborando a visão de Alves (2010) sobre a riqueza dos dados multimodais²³ na pesquisa etnográfica.

Contudo, inspirada nas considerações de Maria Dulce Gaspar (1985), reconheço que, muitas vezes, a profundidade das narrativas reside na informalidade, ou seja, nas conversas “descompromissadas” que revelam autenticidade e nuances inexploradas. O diário de campo, moldado pela influência da autora supracitada, transcende a mera documentação factual, transformando-se em uma ferramenta interpretativa e reflexiva, que enriquece a compreensão das complexidades intrínsecas à vida das mulheres da pesquisa.

Conforme discutido por Mariza Peirano (1992), em diálogo com a pesquisa de Gemelgo (2021), a narrativa etnográfica transcende o escopo inicialmente pretendido pelo(a) pesquisador(a), e a transmissão/trocas de mensagens vai além da intenção original, capturando as perspectivas dos indivíduos investigados. A perspectiva destes pode variar substancialmente do relato do(a) próprio(a) etnógrafo(a). A complexidade dessa forma narrativa se manifesta ao expor aspectos que contradizem o “entendimento etnocêntrico” (Mariza Peirano, 1992). Assim, a narrativa etnográfica assume um papel de dinâmica com nuances e interpretações que escapam às expectativas iniciais do(a) pesquisador(a) porque a pesquisa se fez a partir da troca.

Ruth Cardoso (1985), em sua exploração de evitar as armadilhas da etnografia, esclarece que a coexistência e o afeto que surgem dos laços de camaradagem permitem uma compreensão mais significativa. Nessa dinâmica, o(a) pesquisador(a) se torna mais presente e, como resultado, seus valores e visão de mundo deixam de ser impedimentos e passam a facilitar a compreensão das diferenças e a superação do etnocentrismo.

Isso significa que era/é minha responsabilidade como pesquisadora identificar os locais e as mulheres, bem como permanecer em presença de uma maneira que permita uma observação de aspectos específicos, descrevendo-os posteriormente de

²³ Os aspectos multimodais presentes na interação dão a chave da referida, mostrando contextualmente qual ação os participantes estão performando momento a momento. **VER:** SOUZA, Isabelle de Araújo Lima. **A multimodalidade na interação em aulas via Google Meet:** um estudo sobre a diversidade sinalizada em contexto de ensino remoto. Rio de Janeiro, 2022. 185p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61204/61204.PDF>.

uma forma que se mostre importante para a antropologia e, ao mesmo tempo, não exponha as envolvidas no que não for por elas desejado.

2.4 Como cheguei ao Cabaré onde pesquiso e nos outros contextos em que interajo com interlocutores(as) sobre a prostituição

Meu mestrado caminhou durante o período da pandemia do Covid-19. A incerteza sobre a possibilidade do campo, de certa forma, me causou ansiedade, pois naquele momento parecia ser impossível dar continuidade na minha proposta diante a situação. Tentei possíveis contatos com outras prostitutas da cidade de Nova Andradina por meio de aplicativo de conversas, mas não obtive sucesso. Porém, após a terceira dose da vacina, outro caminho de acesso mais direto foi vislumbrado, já que eu sabia onde os espaços das casas de prostituição estavam localizados na cidade.

Várias questões surgiram diante das condições materiais e subjetivas. No primeiro local que visitei, o proprietário era um homem e de forma alguma permitiu que eu ficasse no local ou realizasse qualquer tipo de pesquisa. Havia o receio que eu pudesse “denunciar” algum cliente, não aceitaram conversar e ficaram evidentemente incomodados(as) com a minha presença. Nesta casa acontece shows de *stripper* e *pole dance* e é frequentada por homens “conhecidos”²⁴ na cidade. Passei diversas vezes na frente da casa, em dias diferentes, e pude constatar este movimento.

A recusa do proprietário em permitir minha presença reflete uma tentativa de proteger as redes sociais e econômicas envolvidas, especialmente os clientes, que ocupam uma posição de prestígio na comunidade local. Essa resistência sugere que o estigma social em torno da prostituição desempenha um papel significativo, reforçando uma moralidade ambígua que marginaliza certas práticas, enquanto protege interesses de grupos privilegiados. A rejeição também evidencia os desafios da etnografia em contextos de vulnerabilidade e ilegalidade, onde a presença de um observador externo pode ser percebida como uma ameaça ao *status quo*. Além disso, sugere uma dualidade entre visibilidade e invisibilidade no espaço em questão: embora haja uma performance pública acessível, as identidades dos frequentadores

²⁴ Profissões de posições sociais ditas “relevantes”.

são cuidadosamente protegidas. Isso levanta questões sobre como esses espaços operam como zonas liminares, onde as normas sociais são temporariamente suspensas, mas ao mesmo tempo, mantidas sob um controle rígido para garantir o sigilo dos envolvidos. São os sujeitos que enunciam as verdades morais, pessoas de elite.

Este momento revela não apenas as dificuldades materiais da pesquisa, mas também as barreiras simbólicas que refletem as dinâmicas complexas de poder e controle que permeiam o campo. Refletindo sobre essas questões, com o objetivo de estabelecer contato para acessar outras informações, apostei no Cabaré Glória e este apresentou-se como a alternativa mais viável.

2.4.1 Segredos e sussurros: consentimento e confidencialidade no Cabaré Glória

O consentimento organizacional para a realização desta pesquisa foi obtido de maneira antecipada, antes de efetivar a coleta de dados. Durante a fase de observação participante, cada mulher que desempenhava atividades no Cabaré "Glória" foi informada acerca da minha presença e do estudo que estava conduzindo. Eu ia até o local entre as noites de sexta e sábado, nas tardes de domingo e, ocasionalmente, em algumas manhãs ao longo da semana. Isso proporcionou um ambiente em que a maioria das pessoas estava ciente da minha presença. Aquelas que ainda não me conheciam eram apresentadas por outras que já me consideravam "uma amiga da casa", estabelecendo um vínculo que encorajava a interação.

Em cada conversa com as participantes, antecedia a descrição do propósito, seguida da obtenção do consentimento. Logo no início, ao perceber a necessidade de uma linguagem mais acessível, adaptei minha abordagem para ser direta, sem perder a essência informativa. Expliquei sobre os resultados da pesquisa, assegurando que não havia garantias de benefícios diretos para as participantes.

A questão da confidencialidade também foi cuidadosamente explicada, reforçando o direito à participação voluntária e destacando a liberdade para se retirarem a qualquer momento. Mesmo tendo esclarecido isso desde o início, considerei importante reforçar de maneira mais gradual em alguns momentos, a fim de garantir que todas as participantes estivessem plenamente informadas. Além disso,

incentivei que elas perguntassem diante de qualquer dúvida, garantindo sua autonomia na contribuição para o estudo.

Durante as entrevistas, permiti que as participantes contassem suas próprias histórias com base nas perguntas colocadas, centradas no envolvimento com a prostituição e a cidade de Nova Andradina. Expliquei o protocolo que seguiria, caso elas se angustiassem durante a entrevista: pausar, perguntar se gostaria de fazer um intervalo e mudar de assunto. Elas tinham a possibilidade de começar ou parar a entrevista em qualquer estágio, de remarcá-la para outro dia, bem como de se retirarem do estudo a qualquer momento. Todo esse processo fez parte dos requisitos éticos da pesquisa, que considerei essencial para ser transparente com cada participante.

Cabe ressaltar que, ao final da entrevista, eu pagava o valor de R\$ 200,00 referente ao programa. No entanto, minha primeira entrevistada, na ocasião, disse que não seria interessante falar que eu pagaria o programa. Nesse sentido, ela se encarregaria de me apresentar às outras mulheres e pedir sigilo, pois segundo ela, poderia soar tendencioso.

2.4.2 Revelações no campo multicentrado: consentimento e confidencialidade

Observar as trajetórias percorridas na busca por interações iniciais que me guiariam em direção ao meu campo multicentrado e ao cabaré Glória implica a contemplação sobre as estratégias que empreguei para estabelecer laços mais estreitos com as minhas interlocutoras. Seguindo Velho (2003), e ponderando sobre os desafios decorrentes da proximidade de pesquisadores que selecionam grupos dentro de sua própria sociedade para seus estudos - incluindo suas próprias experiências -, posso afirmar que, como pesquisadora, cheguei até as interlocutoras, por meio de indivíduos que faziam parte de suas conexões mais próximas e outras nem tanto. De fato, a abordagem inicial com as interlocutoras, conforme delineada, foi concebida com base na minha rede de relacionamentos.

A tentativa frustrada de realizar entrevistas com mulheres prostitutas em bordéis levou à necessidade de recorrer a outras pessoas, cujos contatos eu já conhecia, para facilitar novas conexões, em conformidade com a metodologia

proposta. No que diz respeito às redes de apoio e informação, Foote Whyte (1990, apud Alves, 2010, p. 78) destaca a importância de o antropólogo estabelecer uma relação crucial com um "informante-chave," que atua como intermediário entre o pesquisador e a comunidade investigada, facilitando o acesso social indispensável para a condução da pesquisa.

A complexidade do município, dada a presença de uma infinidade de grupos sociais com códigos, normas e valores específicos, frequentemente obriga os(as) pesquisadores(as) a confrontar o imperativo de romper os limites impostos por tradições culturais e visões de mundo distintas (Mariza Peirano, 2006), interagindo diretamente com os(as) interlocutores(as) e todas as implicações que esse encontro pode gerar ao longo do processo de pesquisa.

Concordo com Vieira (2010) que, em sua pesquisa etnográfica com prostitutas, argumenta que os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as), ao conduzirem estudos urbanos no Brasil, tendem a se envolver mais com a cultura local devido à sua familiaridade com ela e ao compartilhamento da mesma língua. Isso os leva a abordar certos grupos sociais de forma mais próxima do que aqueles(as) que pesquisam em locais estrangeiros. Apesar de não lidarmos com a alteridade radical²⁵, o conceito de diferença²⁶ ainda é fundamental, sendo mediado como uma categoria indispensável na compreensão da realidade.

²⁵ A "alteridade radical" destaca a diferença absoluta entre as perspectivas, experiências ou identidades de diferentes grupos ou indivíduos. Reconhecendo que cada pessoa tem sua própria visão de mundo, valores e experiências únicas, e que essas diferenças podem ser tão distintas que é difícil ou impossível compreender plenamente a experiência do(a) outro(a). (Mariza G.S. Peirano, 1999 *online*).

²⁶ A diferença emerge na relação entre os enunciados, como atos e palavras, e o contexto semiótico que dá sentido a esses elementos. Cada ato ou palavra ganha significado a partir do processo de enunciação que o sustenta. O conceito de diferença propõe uma nova perspectiva epistemológica, centrada na compreensão do hibridismo e da ambivalência, elementos essenciais na formação de identidades e nas relações interculturais. **VER:** BHABA, Homi K. **O local da cultura**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

3 IMERSÃO NO CAMPO

3.1 O primeiro encontro no Cabaré

Na noite de sábado, 15 de abril de 2022, fui ao Cabaré Glória pela primeira vez, durante o dia. Sua fachada branca passa despercebida, camuflada entre as construções da rua. Essas características, tidas como discretas, não impedem o movimento matutino e vespertino da casa. Contudo, ao cair da noite, uma luz vermelha, estrategicamente posicionada na entrada, anuncia sutilmente a real natureza do estabelecimento. É como se a casa, durante o dia, guardasse seus segredos sob um véu de neutralidade.

Nesta perspectiva, trago Souza (2009), que explica que os territórios associados à prostituição ilustram bem a ideia de um espaço que se adapta e se transforma, mostrando uma flexibilidade na sua territorialidade. Esses locais não são utilizados de forma constante ao longo do dia; na maioria das vezes, a apropriação desses espaços ocorre principalmente durante a noite. Durante o dia, esses mesmos espaços frequentemente se tornam áreas de baixa atividade, ocupadas por outros grupos como comerciantes, trabalhadores e moradores. Com a chegada da noite, no entanto, os cenários e os atores envolvidos mudam, refletindo uma dinâmica espacial que varia conforme a hora do dia.

Seguindo a minha entrada, parei o carro no estacionamento em frente ao Cabaré. Do lado de fora, havia duas mulheres sentadas à direita da porta de entrada. Cumprimentei-as e entrei, onde fui recebida por Leonie²⁷, uma travesti loira de pele bronzeada e pernas longas, usava uma regata preta e uma calça *legging* em tons de rosa e preto. Era ela quem comandava o atendimento no balcão, responsável pela venda de bebidas e pela organização dos programas. Eu não esperava de modo algum ser recebida de braços abertos no estabelecimento, afinal, qual era o meu interesse ali? Me apresentei, dizendo que queria conhecer a casa e tomar uma cerveja. Era Leonie quem fecharia ou abriria as portas. Perguntei quem era a proprietária da casa, quantas mulheres trabalhavam ali, e se ela era da cidade. Em

²⁷ Em minha opção por atribuir às mulheres nomes que remetessem a personagens femininas da literatura brasileira, aqui, trago Leonie, personagem da obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo.

dado momento, ela se cansou e me questionou sobre as perguntas. Então, falei sobre a minha pesquisa a respeito da prostituição de mulheres em Nova Andradina, vinculada ao programa de mestrado em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Ela disse que eu poderia ficar, mas não poderia filmar e nem fotografar nada, a fim de evitar exposição dos clientes e das mulheres que ali trabalhavam.

Prontamente, esclareci que não iria filmar e nem fotografar o ambiente ou as pessoas presentes. Por isso, opto por uma estratégia descritiva: as paredes são em um tom azul esverdeado; o piso uma cerâmica marrom-escura; os espelhos estão dispostos nas paredes de forma estratégica, para que do balcão possa ser observado todo o ambiente. Um *jukebox* faz as vezes do DJ da casa. Algumas das minhas interações ocorreram depois que coloquei alguns estilos de música que agradaram aos ouvidos das mulheres presentes. Tive a impressão de que rock nacional causava uma certa nostalgia; ouvi algumas vezes, “*nossa, voltei na adolescência!*”. Cantar de olhos fechados e cabeça para cima foram gestos que me levaram a interpretar a nostalgia a partir da minha percepção sobre minhas próprias práticas.

Enquanto estava no balcão observando a movimentação, conheci Angélica²⁸, que irrompeu pela porta lateral exalando confiança. Ela chegou com um cigarro entre os dedos, soltando risadas, com cerca de 1,60 de altura (uma leve diferença em relação a mim), cabelos loiros, os olhos destacavam-se com uma sombra furta-cor, vestia um *cropped* jeans, combinado com uma calça preta ajustada e, nos pés, uma sandália de salto. Encostou no balcão e perguntou meu nome. Pouco tempo depois foi à porta de entrada da Cabaré, fumou um cigarro e voltou. Perguntou o que eu fazia ali, se estava esperando alguém ou se era para algum programa. Respondi negativamente, explicando que estava realizando uma pesquisa de mestrado.

Enquanto dava detalhes do programa de pós-graduação e do propósito da minha pesquisa, fui interrompida por Angélica, que comentou: “*Fale mais fácil, desse jeito ninguém vai querer te ouvir*”. Neste momento, sigo conforme Cláudia Fonseca (1999) que, em algumas circunstâncias, é viável que as duas partes envolvidas no processo comunicativo compartilhem precisamente a mesma linguagem, facilitando o entendimento e a compreensão das dinâmicas comunicativas no contexto específico.

²⁸ Personagem da obra “O analista de Bagé”, de Luís Fernando Veríssimo.

Me desculpei e, de maneira mais simplificada, expliquei o que estava fazendo ali no Cabaré. Mais tarde, ela se sentou ao meu lado e expressou o desejo de ser entrevistada. Sugeri marcar a conversa em outro momento para não atrapalhar seu horário de trabalho, no entanto, ela insistiu e continuamos conversando naquela noite mesmo.

Nossa conversa durou aproximadamente duas horas, Angélica compartilhou que era natural do Estado de Minas Gerais e, frequentemente, vinha para Nova Andradina a trabalho. Além disso, ela atendia em casas no Estado de São Paulo, e enfatizou seu apreço pela cidade de Nova Andradina, mencionando a movimentação financeira que a atraía. Paralelamente, a participante iniciou questionamentos sobre a minha origem e a conversa fluiu mais tranquilamente quando mencionei ser de Minas Gerais também.

A partir dessa conversa com Angélica, obtive informações relacionadas à casa, incluindo o fluxo de mulheres e detalhes sobre outra casa da mesma proprietária, localizada em um distrito no Estado de São Paulo e próximo à cidade de Nova Andradina. Angélica, ainda, forneceu outros dados pertinentes para a minha pesquisa, como valores de programas, consumo de bebidas e organização interna da casa.

As mulheres que trabalham na casa são de outros municípios do Estado de Mato Grosso do Sul e de outros Estados do Brasil. Angélica me explicou o processo de contato e recrutamento das mulheres para o Cabaré. Segundo ela, os contatos são estabelecidos por meio de uma rede informal, onde mulheres indicam outras para trabalhar no estabelecimento. Elas compartilham informações sobre os locais e cidades onde há oportunidades de trabalho e, quando alguma mulher demonstra interesse em ir para Nova Andradina, entra em contato com o estabelecimento para verificar a disponibilidade de vagas.

É importante destacar que o valor do programa é R\$200,00/30min, integralmente pago pelos clientes a elas. Este valor não é repassado à casa; os lucros da casa provêm da venda de bebidas e do aluguel dos quartos para os programas. Além disso, as prostitutas também têm a oportunidade de lucrar com a venda de bebidas. Por exemplo, o preço de uma cerveja para os clientes é de R\$10,00, porém, se uma bebida for comprada para as prostitutas, o custo da cerveja aumenta para R\$15,00 sendo que R\$5,00 desse valor são destinados às próprias prostitutas.

No Cabaré Glória, a dinâmica de atendimento segue da seguinte maneira: quando os clientes chegam, escolhem uma das mulheres, fazem as negociações e vão para o quarto. Mas temos também aqueles que preferem fazer o programa fora do Cabaré. Quando isso ocorre, logo antes de sair da casa, Leonie anota a placa do carro e pede o documento para anotar o nome completo do cliente: *“Por segurança, vamos em duas. O cliente se anima mais, dividimos o serviço e o valor do programa, geralmente passamos a noite e voltamos só pela manhã, e não tem desconto, 30 minutos é 200 pila para cada uma”* (Diário de campo).

O Cabaré não é destinado a estadias prolongadas ou a interações sociais extensas. Explicação comum entre as mulheres do Cabaré Glória é que elas atendem homens em busca de sexo rápido e com isso elas têm ganhos financeiros rápidos. Nessas circunstâncias, é incomum encontrar homens esperando para serem atendidos, as conversas prolongadas entre clientes e prostitutas são raridade principalmente com homens mais velhos. No caso de homens mais jovens que chegam ao Cabaré sozinhos, é mais comum que se sentem para tomar alguma bebida e conversar com a prostituta antes de irem para os quartos (Diário de campo: observação sobre as falas em comum das interlocutoras).

As prostitutas, em sua maioria, recebem os homens na porta do Cabaré Glória com sorrisos acolhedores e abraços calorosos. É possível perceber a desenvoltura na recepção dos clientes quando realizados por aquelas que já trabalham há mais tempo na prostituição. Os perfis das prostitutas variam, entre mulheres mais jovens de 18 e outras com 50 anos. Compartilham de um padrão de vestimenta de roupas curtas e ajustadas ao corpo e maquiagem. As trocas de roupa são frequentes entre um cliente e outro.

O Cabaré Glória funciona todos os dias da semana, abrindo pela manhã por volta das dez horas e fechando por volta das duas ou três da madrugada, variando conforme o movimento. O maior fluxo de pessoas ocorre à noite, especialmente nos dias úteis. *“Durante a semana, a maioria dos clientes são homens casados, quarta-feira dia de futebol, o movimento é grande”* (Diário de campo 23/04/2022, fala de uma das prostitutas, ela estava de saída para um programa e nas outras vezes que fui ao Cabaré ela já havia voltado para sua cidade no Paraná). Em dias de festa, o movimento da rua ficava intenso por conta de uma Tabacaria próxima a casa. Nessas ocasiões, o movimento do Cabaré diminuía e a discricção da rua caía por terra.

Segundo Angélica, o medo de ser visto entrando no Cabaré e ter qualquer registro divulgado em um perfil de fofoca da cidade dificultava o fluxo dos programas.

Angélica, sugeriu que eu voltasse no dia seguinte para continuarmos a conversa. Assim, retornei à casa no sábado à noite. Angélica estava em atendimento. Assim que ficou disponível, veio até o balcão para conversar comigo. Durante nossa conversa, paguei uma cerveja para ela, que compartilhou mais sobre sua vida, revelando que era técnica em contabilidade e informática, e que já tinha sido professora em uma escola de computação por algum tempo. Logo em seguida chegou um cliente e ela foi atender. Fiquei por ali conversando no balcão, uma mulher preta²⁹, alta e de cabelos volumosos se aproximou e disse apontando para mim *“quem é essa menina aleatória aqui, gente? Vestida assim não vai fazer nem um real!”*. Não me contive na gargalhada. Leonie riu e disse que eu estava lá fazendo uma “pesquisa para a faculdade”. Neste momento, chegou um cliente que estava agendado, Leonie anotou o número da placa da caminhonete e ela seguiu com o cliente. Ela é de São Paulo capital e passa algumas temporadas atendendo no Cabaré Glória. Neste dia eu estava vestida com calça jeans preta, camiseta preta e um tênis *allstar* branco de cabelos presos. Quando Angélica voltou para o salão, Leonie contou sobre o acontecido e, segundo Angélica, eu mais me parecia com uma segurança sentada ali no canto.

Ao passo que meu tempo de permanência no Cabaré aumentava, a maioria das prostitutas já sabiam que o estudo é apenas uma parte do meu processo no mestrado: *“Celina, isso que você está fazendo é tipo um TCC, que faz quando termina a faculdade né?”* pergunta Helena³⁰ em um sábado à noite. Helena aparentava ter em média vinte anos, loira com cabelos até a altura das costas. De estatura baixa, ela usava um tomara que caia preto, combinado com um short jeans e nos pés, um chinelo cor de rosa. Em outra ocasião me encontrei com Helena na farmácia, percebi que ela agiu de modo como se não me conhecesse, me aproximei e falei com ela: *“achei que você não tinha me conhecido”*. E recebi como resposta: *“Eu te conheci, né, Celina!? Mas as pessoas que frequentam lá não cumprimentam a gente assim na rua, muito menos no comércio”*.

²⁹ Conforme descrição do IBGE -2022. Negro é uma identidade social. Leva em conta uma visão política e a identidade de um povo, muito mais do que a cor da pele.

³⁰ Personagem da obra “Helena”, de Machado de Assis.

Este momento traz questões no que se refere à dinâmica entre o campo de pesquisa e a vida cotidiana das interlocutoras. Helena, ao me reconhecer como pesquisadora no cabaré e posteriormente na farmácia, revela as nuances de identidade performativa que as trabalhadoras sexuais precisam adotar em diferentes contextos. No espaço do cabaré, existe um reconhecimento e uma aceitação de sua identidade como prostituta, mas fora desse ambiente, em espaços públicos, a manutenção dessa identidade se torna estigmatizada. A resposta de Helena ilustra como a sociabilidade das trabalhadoras sexuais é fragmentada, marcada por uma invisibilidade social que preserva certas normas de conduta em espaços mais amplos.

O encontro sugere uma dicotomia entre o "dentro" e o "fora" do cabaré, onde as regras sociais se transformam, evidenciando o peso do estigma que essas mulheres enfrentam na sociedade. Esse processo de navegação entre diferentes esferas públicas e privadas ressalta como a prostituição é vivida não apenas como uma ocupação, mas como uma prática que envolve uma constante gestão de identidades e fronteiras sociais.

Na outra semana, resolvi ir ao Cabaré no domingo mais ao fim da tarde, pensando que o movimento poderia ser mais tranquilo e ter mais contatos com as mulheres. Porém, no domingo às dezessete horas no Cabaré, pude testemunhar cerca de uma dezena de homens, imersos na música do jukebox e bebendo cervejas, compartilhando gargalhadas em alto e bom som. Leonie percebeu que fiquei um pouco confusa com o movimento de homens em um domingo à tarde e, assim que sentei no banco próximo ao balcão, ela disse: *“não tem dia e nem hora viu, não são da cidade, vem de outros estados para trabalhar, alguns são do frigorífico e outros da construção civil, maioria é casado”*,

Leonie disse que Angélica estava tomando banho e já iria para o salão. Confesso que fiquei feliz quando Angélica chegou, me abraçou e disse: *“que bom que você veio, a proprietária está aqui e vou te apresentar para ela”*. Enquanto conversava com Angélica, surgiu Gabriela³¹, a proprietária, vinda dos fundos do Cabaré. Rapidamente, Angélica procedeu com as apresentações, falando sobre minha presença e sobre minha pesquisa.

³¹ Personagem da obra “Gabriela” de Jorge Amado.

Gabriela é um tanto mais alta que eu, uma diferença sutil de estatura. Com cabelos negros, um aparelho dentário, estava vestida com saia e regata e um chinelo de dedo. Foi a partir desse momento que suas palavras arrebataram um mergulho na narrativa de sua vida. Gabriela, travesti, casada com uma mulher, mãe de quatro filhas biológicas, três frutos de seu atual relacionamento e uma proveniente de uma união anterior.

A história de Gabriela remonta a sua fuga da casa de seus pais aos quatorze anos, motivada, segundo ela, pelo perigo iminente que representavam seus próprios irmãos e seu pai. Conversamos, pedi autorização para frequentar a casa e fazer minha pesquisa. Ela autorizou e logo se despediu, pois eram quase dezoito horas e religiosamente faz a oração no horário da viração³². Nesse sentido, recorro ao conceito de religião como um sistema cultural que elabora símbolos sagrados, os quais sintetizam o *ethos*³³ de uma comunidade e fornecem modelos para compreender, habitar e interagir com o mundo circundante (Geertz, 1989)

Em consonância com a perspectiva da minha pesquisa sobre etnografia e prostituição, Figueiredo (2021) descreve vários questionamentos que pesquisadores(as) devem fazer a si mesmos sobre a prática ética da reflexividade: como minha posição diz respeito ao meu aprendizado em campo? Como crenças e comportamento moldam minhas questões de pesquisa? E, finalmente, como minha postura sustenta meu processo de pesquisa e influencia minhas relações com meus sujeitos de pesquisa?

Angélica e eu desenvolvemos um laço de amizade. Durante uma conversa, ela sugeriu que seria interessante ir à casa no sábado à tarde para falar com Carolina³⁴, e se comprometeu a me ligar para confirmar os detalhes.

³² De acordo com tradições religiosas, "pela viração do dia" é justamente antes do sol posto. Gênesis 3:8 diz que foi "por volta da viração do dia" que Deus falou com Adão e Eva no dia em que pecaram.

³³ Refere-se ao caráter distintivo, valores fundamentais e disposições éticas de uma comunidade, grupo social ou indivíduo.

³⁴ Carolina, referente à Carolina Maria de Jesus, autora de "Quarto de despejo: diário de uma favelada".

A confirmação veio e, sabendo que Carolina estava disponível para nossa conversa, fui ao seu encontro. Carolina é uma mulher alta, preta³⁵, com 21 anos e natural do Mato Grosso do Sul. Quando cheguei, Angélica foi chamá-la em uma conveniência do posto de gasolina próximo ao Cabaré. Estava usando um short jeans e uma regata azul, veio sorridente com uma sacola de espetinhos de carne. Era um lanche para nossa conversa. “*Estou há pouco tempo nesse ramo, mas já estou treinada*”, disse Carolina antes que eu perguntasse alguma coisa.

Entrei para a prostituição porque faltou fralda para a minha filha e não tinha outro jeito para resolver. É um dinheiro rápido e consigo ajudar minha família. Este vendaval que teve essa semana destelhou a casa da minha mãe, falei para ela que até o fim da semana mando o dinheiro para consertar... A gente aprende a lidar como todo tipo de gente, eu já sei muitos truques, se a gente vê que o cara tá bebendo muito, a gente deixa e depois na hora ele nem sabe como foi, coloco no meio das pernas e nem percebem”

Algumas dessas interações foram gravadas, preservando a autenticidade das vozes e das emoções compartilhadas, ao passo que outras seguiram conforme a dinâmica do ambiente, o que me proporcionava modos de explorar outras questões, além das superfícies aparentes.

Segundo Adriana Piscitelli (2013), a conceituação do trabalho sexual como uma categoria ocupacional formalmente foi reconhecida e legítima no cenário sociocultural dos Estados Unidos durante a década transformadora da década de 1970. “A ideia da prostituição como trabalho defende que as trabalhadoras do sexo possuem as mesmas condições que exigem conter as emoções no desempenho de suas atividades, similar ao trabalho das fisioterapeutas, enfermeiras e aeromoças” (Adriana Piscitelli, 2013, p.631). No entanto, o sexo como trabalho percebido como uma via viável e estratégica para melhorar a qualidade de vida, tanto em termos materiais tangíveis quanto em um contexto simbólico mais abstrato, particularmente para indivíduos que enfrentam os desafios impostos por questões sistêmicas, como pobreza, racismo arraigado, preconceito generalizado e desigualdade de gênero.

Segundo Carolina, ela gosta do seu trabalho como prostituta, se diverte, ganha bem, ajuda sua família e pode proporcionar coisas boas para a sua filha, porém

³⁵ Conforme descrição do IBGE -2022. Negro é uma identidade social. Leva em conta uma visão política e a identidade de um povo, muito mais do que a cor da pele.

questões que desafiam as normas de gênero e as expectativas sociais que limitam suas opções no mercado de trabalho tradicional.

Eu sou técnica em segurança do trabalho, mas por conta da minha cor eu não arrumo emprego na área. Uma vez tinha uma empresa de asfalto na minha cidade com vaga para técnico de segurança, fui lá. Quando o gerente olhou para mim, falou que eu tinha mais perfil da cozinha, eu aceitei, né, precisava trabalhar....

O relato de Carolina traz à tona a interseção entre trabalho sexual e as desigualdades sistêmicas enfrentadas por mulheres negras no mercado de trabalho formal. A decisão de trabalhar como prostituta é moldada por um contexto em que o racismo estrutural impede o acesso a oportunidades em outras áreas, como exemplificado pela experiência de Carolina, que, apesar de ser técnica em segurança do trabalho, foi relegada a funções subalternas devido à sua cor.

A participação desigual dos negros no sistema produtivo, manifestada pela concentração predominante em setores que demandam mão de obra menos qualificada e recebem remuneração inferior, contribui significativamente para a disparidade entre brancos e negros na distribuição de renda e acesso aos recursos sociais. Essas disparidades não são apenas vestígios históricos, mas são perpetuadas pela estrutura atual de desigualdade de oportunidades sociais enfrentadas por negros e brancos. Em todas as etapas do processo de mobilidade social, os negros enfrentam uma desvantagem competitiva, com menos chances de escapar das limitações de uma posição social baixa em comparação com os brancos de igual origem social (Lélia Gonzales; Hasenbalg 1982).

Esses fatores estão compreendidos no conceito de racismo institucional, que diz respeito à capacidade coletiva de uma organização em oferecer serviços profissionais adequados com base na cor, cultura ou origem racial/étnica. Esse fenômeno é identificado nos processos, atitudes e comportamentos que contribuem para a discriminação, incluindo preconceitos não intencionais, ignorância, descuido e estereótipos racistas. Esse fenômeno afeta grupos étnicos específicos, independentemente de sua representatividade numérica na sociedade (Lélia Gonzales; Hasenbalg 1982).

Carolina deu uma pausa, suspirou fundo e continuou:

Vi que tem vaga para técnico em segurança no frigorífico daqui, mas nem vou tentar. Eu vou trabalhar o dia inteiro ou a noite toda e vou

ganhar muito menos do que ganho aqui, e não vou ter liberdade para viajar e ver minha filha [...]. Já teve cliente que falou que não me queria por conta da minha cor.

Carolina chorou por algum tempo. Retomamos a conversa, quando ela disse que poderia continuar. A partir deste ponto, eu preciso sempre voltar na gravação, fiquei abalada e não conseguia escutar o que ela falava.

Carolina, em consternação, expressa sua frustração ao observar-se invisibilizada pelos clientes frequentadores do estabelecimento, os quais, ao preferirem outras mulheres, majoritariamente brancas, subestimam sua presença. Nesse contexto, Carolina surge visível, porém negligenciada, vítima da discriminação racial que lhe impede o reconhecimento pleno. Essa dinâmica reitera sua condição de marginalização, inserida no tecido social, porém relegada a uma posição periférica desprovida de poder, legitimidade ou prestígio tanto entre os clientes quanto entre seus pares de trabalho.

Ao final, Carolina me abraçou. Ao longo das minhas idas, nosso relacionamento mudou de estritamente profissional para amizade. Entretanto, em alguns momentos, ponderei. Ao ver nossa conexão como uma amizade, me questionei se eu havia ultrapassado as linhas estabelecidas para uma relação de pesquisa.

A narrativa apresentada reflete a interseção de raça, classe e trabalho no Brasil contemporâneo. A participação desigual dos negros no sistema produtivo, como descrito por Lélia Gonzalez e Hasenbalg, perpetua a marginalização econômica e social dos negros, evidenciando o racismo institucional. A estrutura de desigualdade é reforçada pela segregação ocupacional, na qual negros são predominantemente encontrados em empregos de baixa qualificação e remuneração.

Carolina ilustra essa realidade ao expressar seu desânimo em buscar emprego em setores formais. Sua escolha por permanecer no trabalho sexual, revela as possibilidades que não haveriam no setor formal. As nuances das experiências individuais dentro de uma estrutura maior de desigualdade e opressão são um microcosmo das barreiras sistêmicas enfrentadas pelos negros, especialmente as mulheres negras.

Em um sábado, já passava das 21:00h quando cheguei ao Cabaré. Ao entrar, escutei um sonoro "A Celina chegou! Senta aqui com a gente pra jogar truco". Como

não sei jogar truco, mencionei que iria colocar uma música para animar. Ana Terra³⁶, uma gaúcha que já estava há alguns meses na cidade, me convidou para ir a um sábado à tarde, prometendo me ensinar a jogar. Após colocar uma música no *jukebox*, quando a partida de truco terminou, algumas mulheres se levantaram e começaram a dançar. Naquele dia, uma prima de Gabriela havia chegado ao Cabaré e não me conhecia. Distraída, percebi um cutucão no braço e ouvi a seguinte frase: "*Vai passar uma maquiagem, você está muito apagada. Troca essa roupa*". Mais que depressa, Carolina gritou do balcão: "*Ela não é puta, tá fazendo trabalho da faculdade*". Embora eu não tenha chegado a uma conclusão sobre a transformação desse relacionamento, os momentos soam significativos em minha vida, me levam a refletir quanto à imersão no campo e como saio tocada de tudo isso.

O percurso de minha pesquisa teve início na biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* Nova Andradina. A escolha deliberada dessa localidade foi motivada pela proximidade que a biblioteca proporciona com os(as) usuários(as). À medida que os(as) colegas de trabalho e acadêmicos(as) tomavam conhecimento da minha incursão no mestrado, questionamentos sobre o programa e o “objeto” de pesquisa tornaram-se recorrentes. Ao revelar que minha investigação abrangia a prostituição de mulheres em Nova Andradina, deparei-me com olhares céticos carregados de espanto.

Inicialmente, estava restrita ao espaço físico do estabelecimento de prostituição do Cabaré Glória. Porém a trajetória da minha pesquisa expandiu-se à medida que me deparei com relatos pessoais, testemunhos de conhecidos(as) e histórias entrelaçadas a esse fenômeno. O tecido social de Nova Andradina é repleto de prostituição em diversas esferas, transcendendo os limites do Cabaré Glória para ecoar em narrativas familiares, memórias coletivas e estabelecimentos diversos do município. Há em comum uma narrativa de divisão sócio-moral entre o que é considerado “normal aceito socialmente” e o que é considerado desviante.

Ao me integrar no Cabaré Glória, testemunhei e compartilhei de perto as experiências vividas por essas mulheres. Estabeleci vínculos significativos que transcendiam as barreiras preexistentes, ao passo que construía, de maneira gradual e cautelosa, a confiança fundamental para um desenvolvimento dentro do ambiente

³⁶ Ana Terra. Personagem da obra *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo.

que me encontrava inserida. O que se assemelha aos estudos realizados por Barros (2002), Diana Helene Ramos (2008, 2015), Alves (2010), Juliana Cavilha Mendes Losso (2010), Aline Godois de Castro Tavares (2014), Costa (2018), Diniz (2018), Livia Freire da Silva (2020), Kurosaki (2021) e Izabelle Jablonski (2021), nos quais tanto os(as) pesquisadores(as) quanto os(as) participantes tiveram um longo tempo juntos. Isso ajudou na construção da confiança, resultando em um desenvolvimento mais natural de honestidade e abertura. De igual maneira, o cenário descrito acima fez com que mais participantes se dispusessem a se envolver no meu estudo. Angélica, inclusive, passou informações sobre minha pesquisa para outras mulheres na casa, porque tinha me conhecido e confiado na minha história e no meu relacionamento com o Cabaré Glória.

Minha presença no Cabaré Glória envolvia desde o simples sentar-me em uma banqueta no bar do Cabaré, frente à entrada, até acompanhar as mulheres em pausas para cigarros, compartilhar histórias, acolher novas integrantes e participar de momentos descontraídos em outros locais. De acordo com Gemelgo (2021), as entrevistas, concebidas em consonância com o desenrolar da observação participante, constituem-se como diálogos sensíveis e reflexivos, contribuindo para a construção de uma narrativa, e a convivência maturada e repetida na experimentação é diferente de um encontro cronometrado como as entrevistas.

Alves (2010), que também realizou uma pesquisa etnográfica em um Cabaré³⁷, traz que devemos participar ativamente das interações que ocorrem dentro de um contexto específico. Para além disso, devemos nos esforçar para esclarecer a lógica subjacente por trás dessas interações – uma lógica que permite que os indivíduos se comportem de certas maneiras, consideradas instintivas, e se comuniquem com os outros, esperando ser compreendidos.

Ainda segundo Alves (2010), as anotações em diário de campo são uma extensão do trabalho de campo, não sendo apenas um registro factual, mas um instrumento reflexivo, que oferece um espaço para registros de memórias que, quando não registradas, acabam por se perder. Cada página preenchida reaviva a memória e

³⁷ Na pesquisa em questão, os nomes das garotas de programa, dos clientes, da dona do cabaré, das cidades e do próprio estabelecimento foram utilizados de maneira fictícia. Isso, conseqüentemente, não me permitiu descrever o local ou a região brasileira.

contribui para a construção de uma narrativa mais completa para a pesquisa. Trata-se, então, de um instrumento com função guia. Ao retornar às anotações, percebia a evolução dos momentos o que permitia ajustes contínuos na abordagem da investigação. Nesse sentido, as narrativas colhidas durante as conversas, independentemente de serem gravadas ou não, são costuradas como peças essenciais no tecido da pesquisa.

Na condução da minha pesquisa, além da observação participante registrada no diário de campo, adotei o uso de um gravador de voz, em linha com as abordagens adotadas por Figueiredo (2021), Melo (2021), Costa (2018), Gemelgo (2021) e Glaucia Lorenzi (2019) em suas investigações com prostitutas. Durante as entrevistas realizadas fora do ambiente do cabaré Glória, previamente agendadas, eu solicitava permissão para gravar e esclarecia que as gravações seriam exclusivamente para meu uso pessoal, garantindo que suas identidades seriam protegidas por pseudônimos. Além disso, deixava claro que qualquer desconforto por parte delas resultaria na interrupção imediata da gravação e, se preferissem, eu não gravaria. Surpreendentemente, minhas interlocutoras não manifestaram desconforto com o uso do gravador; ao contrário, algumas até o consideraram elegante. Optei por um gravador profissional, por questões de segurança, evitando assim que as gravações ficassem acessíveis em meu celular.

Após cada sessão de gravação, transferia os arquivos para o drive e apagava-os do dispositivo físico. Por utilizar as gravações tomei a decisão de empregar a entrevista semiestruturada, servindo como uma ajuda ao(à) entrevistador(a) em situações de lapso de memória em relação às perguntas a serem feitas. As perguntas seguiam por nome, idade, naturalidade, tempo como prostituta, o porquê da escolha da cidade de Nova Andradina, quanto tempo estava na cidade e como ficou sabendo sobre a cidade e o Cabaré. Depois deixava aberto para falarem sobre a família, o trabalho, a cidade e o que se sentissem à vontade de abordar. Durante algumas conversas, recebi questionamentos: *“posso falar sobre minha avó? Posso contar uma situação que aconteceu comigo, com cliente aqui no Cabaré?”* Deixava livre para trazerem o que era significativo para elas com relação às suas histórias.

À medida que a conversa caminhava, quando oportuno, ia fazendo perguntas conforme as narrativas de cada uma. Explorei questões como a abordagem aos clientes, o perfil dos clientes preferidos pelas profissionais, os possíveis envolvimento

afetivos, a experiência do orgasmo, a gestão do tempo, as propostas recusáveis, os fatores que influenciam o preço dos serviços, estratégias para evitar determinados clientes, medidas de segurança, incluindo o uso de preservativos, o consumo de bebidas, entre outros aspectos que surgiam a partir das diferenciações de momentos.

Além disso, busquei compreender a relação das profissionais com o dinheiro, a renda mensal, os riscos envolvidos, a construção da identidade, os enfrentamentos ao preconceito, as relações com seus corpos, a interação entre elas, bem como as fantasias e fetiches dos clientes, além de seus projetos futuros.

Alves (2010) seguiu os passos de Becker (2007), que indica o uso da pergunta “como” em vez de “por quê. Igualmente, abracei a proposta durante a condução das minhas entrevistas. Segundo Becker (2007), ao perguntar por que os indivíduos haviam realizado certas ações, isso invariavelmente resultava em uma reação defensiva.

Ao iniciar meu trabalho de campo, fui confrontada com a realidade, que se tornou aparente como imbuída de “alteridade radical” (Claudia Fonseca, 1996). Essas disparidades, inicialmente intensas, exigiram uma adaptação e reconfiguração de minhas metodologias e conceituações.

Ao abraçar elementos como tempo, diálogo, flexibilidade e persistência, consegui estabelecer canais de interação com os diversos atores sociais presentes no campo. Essa posição me permitiu traçar os caminhos essenciais para conduzir o estudo, e não posso negar que tenho laços significativos de amizade com o local e por aquelas que lá estão ou estiveram.

Embora as pesquisas etnográficas, em especial aquelas que abordam diretamente a prostituição, já indicassem o potencial mobilizador e transformador do trabalho de campo, foi somente por meio da experiência concreta da pesquisa que esse possível se materializou.

4 “ELAS NÃO BUSCAM NINGUÉM EM CASA”

Ao círculo íntimo que partilha de minha confiança, não há mistério quanto à influência que minha Mãe - uma avó que assumiu esse papel e o desempenhou com a delicadeza de um Anjo - tinha o peso de uma autoridade inquestionável. Nomeio essa seção com uma frase que escutei dela, quando soube que um ex-namorado havia se relacionado com uma prostituta, durante o nosso namoro. Antes que eu esbravejasse e colocasse à tona todos os adjetivos que poderia colocar sobre esta mulher, minha mãe pronunciou com serenidade: “elas não buscam ninguém em casa”. Isso foi o suficiente para que eu compreendesse de imediato que a transgressão ao pacto de fidelidade não estava do lado da mulher que, em sua profissão, desconhecia minha existência, mas sim daquele que compartilhava uma suposta relação monogâmica comigo. Os sistemas relacionais dissecam muitas certezas e crenças sociais, particularmente no que diz respeito a relacionamentos românticos cujas normas de lealdade podem escapar aos códigos sociais convencionais.

Percebo que as normas, valores e crenças são compartilhados de forma bastante unificada. Aquilo que consideramos adequado está em sintonia com o que acreditamos ser o correto. Cada aspecto da nossa cultura que, como destacada por Hall (2006), adquire uma relevância epistemológica e abrange os aspectos substantivos, empíricos e materiais da cultura, sobressaindo o poder transformador dos discursos. Esta virada refere-se ao poder instituidor dos discursos que circulam na esfera cultural, os quais têm o poder de alterar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo. Ao considerar que os discursos formam redes de significados, o autor argumenta que os sujeitos os internalizam para se interpretarem, acabando por também produzi-los.

Quando o sujeito se identifica nos discursos, os enxerga como algo pertinente a si mesmo, e assim se constitui como sujeito nesses termos, compreendendo e explicando a si e ao mundo a partir desses regimes de “verdade”. Os discursos estigmatizantes sobre as prostitutas surgem como resultado da internalização do diálogo social que postula uma ligação entre a conduta sexual e o afeto das mulheres. Consequentemente, perguntamos como essa conexão é estabelecida dentro de uma composição em que a atividade sexual é facilitada por meios financeiros, em vez de apego emocional (Figueiredo, 2021).

O sagrado permeia esferas em que os valores morais estão intrinsecamente ligados às nossas ações e pensamentos (Hannerz, 2015). Todas as atividades são consideradas como fins em si mesmas, expressando os valores ditos socialmente aceitos. Na análise sobre Nova Andradina e suas prostitutas, como delineado na introdução, a atenção se concentra primordialmente nas narrativas que moldam a estrutura das relações sociais na vida e na dinâmica do olhar sobre a prostituta, que as percebe sem enxergá-las, com uma constante combinação e recombinação de papéis, assim como os ajustes contínuos e reajustes das redes sociais.

Para compreender a complexidade da prostituição, é imperativo analisar os discursos entrelaçados que a permeiam. Originando-se como uma prática profissional nas sociedades ocidentais a partir do século XIX, emergiu uma dicotomia social, delineando uma nova estratificação composta por mulheres dedicadas à profissão do sexo, comumente designadas como prostitutas, e segregadas em espaços específicos, separando assim as esferas do sexo comercial e da vida privada. A evolução urbana no contexto pós-industrial do ocidente trouxe consigo transformações na comercialização do sexo, orientando-a cada vez mais como uma atividade de entretenimento restrita a ambientes fechados. A ascensão das tecnologias de comunicação, como os dispositivos móveis e a internet, redefiniu a dinâmica do serviço sexual, mediando as transações comerciais e incorporando elementos emocionais ao contexto transacional, tornando por vezes tênue a distinção entre os domínios públicos e privados do erotismo (Adriana Piscitelli, 2015).

Seguindo ainda conforme a autora Adriana Piscitelli, atualmente, esses distintos modelos de prostituição coexistem, notadamente quando se observam as transações sexuais por remuneração ocorridas no Brasil ou envolvendo indivíduos brasileiros em mercados estrangeiros. A interseção entre fatores sociais, econômicos e tecnológicos é essencial para uma análise desse fenômeno, evidenciando sua complexidade e sua persistência em diferentes contextos geográficos e culturais.

Em Nova Andradina, onde o fundador estabeleceu os "3 P's" - padre, polícia e puta - como elementos fundamentais para a formação da cidade, as narrativas sobre a prostituição desempenham um papel significativo na organização das relações sociais e na compreensão da complexidade das interações humanas na cidade.

Seguindo as perspectivas de Velho (2010), Agier (2011) e Hannerz (2015), as cidades são locais estratégicos para que apresentem a diversidade que a compõem.

A abordagem antropológica de Nova Andradina não se restringe “a definições externas ou estatísticas urbanísticas; tampouco se baseia em dados demográficos mínimos ou modelos habitacionais específicos”, como aponta Agier (2015, p. 36).

Em síntese, a cidade não é mais considerada um objeto estático e observável em sua totalidade, mas sim um holograma complexo, perceptível e vivido em situação. Descrever a cidade a partir de situações etnográficas requer uma imersão do(a) antropólogo(a), permitindo uma compreensão mais contextualizada do fenômeno urbano. Essa abordagem, conforme argumenta Geertz (1989), envolve uma observação atenta às práticas e significados atribuídos pelos(as) habitantes da cidade, proporcionando uma compreensão suficiente para interagir nas situações com implicação situacional, condicionadas à realidade vivida pelos(as) que compõem a cidade e os espaços de interação.

Para Velho (2010), as “unidades mínimas ideológicas” referem-se às frases, palavras e expressões utilizadas pelos membros do espaço investigado. Nesta pesquisa em específico, isso é visualizado quando as narrativas envolverem prostituição/prostituta para descrever e considerar tanto o local quanto a experiência de vida das interlocutoras. Nesse sentido, conceitos como variedade, modernidade, família, religião, liberdade e sexualidade são frequentemente associados a um estilo de vida característico do ambiente analisado.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa inicialmente se concentrava no ambiente do Cabaré Glória, pois, normalmente, tendemos a limitar nossas análises em torno de uma unidade que consideramos conveniente para uma investigação mais detalhada. No entanto, os indivíduos estão envolvidos em uma variedade de papéis e situações, o que proporciona oportunidades para uma combinação diversificada de papéis em seu repertório.

Os papéis assumidos estão relacionados a um ou mais vínculos com outras pessoas, formando redes com uma diversidade comparável às multiplicidades que compõem as relações humanas. Foram as relações que construí que me conduziram ao meu campo de pesquisa. Por meio dessas conexões, estabeleci vínculos com aqueles(as) impactados(as) pela temática que “perturba, preocupa, choca ou fascina”, mas nunca deixa ninguém indiferente. De fato, é raro o momento em que não compartilho sobre minha pesquisa e não obtenho informações relevantes sobre quem, quando, como e onde a prostituição se manifesta em Nova Andradina.

4.1 A Marcha e a elite Nova-andradinense

Na busca por traçar a história de Nova Andradina e sua relação com meu estudo, deparei-me com a escassez de dissertações e teses no banco da CAPES que abordassem especificamente os temas "Nova Andradina" e "antropologia" ou "Nova Andradina" e "etnografia". Diante dessa lacuna, recorro aos estudos geográficos presentes nos programas de mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da Universidade Federal da Grande Dourados, os quais lançam luz sobre a formação e a dinâmica dessa região.

Embora a geografia não ofereça todas as respostas desejadas em relação à abordagem antropológica ou etnográfica, as perspectivas geográficas dos estudos que tive acesso fornecem dados sobre os processos de ocupação, desenvolvimento e interações humanas que moldaram Nova Andradina ao longo do tempo.

Nova Andradina está situada nos limites físicos dos Estados de São Paulo e Paraná. Fundada em 1958, tendo na sua formação pessoas vindas de diversas partes do país, inclusive imigrantes estrangeiros(as) que transitavam pela região entre Campo Grande e o Sudeste brasileiro. Além dos(as) colonos(as), a região recebia um fluxo considerável de pessoas, entre elas viajantes religiosos(as) e prostitutas, contribuindo para a dinâmica urbana em formação (Santos, 2015).

A compreensão do crescimento urbano de Nova Andradina remete à realidade nacional e à sua conexão com o movimento de expansão e ocupação dos territórios de fronteira, conhecido como "Marcha para o Oeste". Cabe destacar que, segundo Martins (2022), não havia terra devoluta ou inabitada e nem o Brasil demográfico, conforme apresentava o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no governo de Getúlio Vargas. Nova Andradina localiza-se em terras dos povos originários Ofaié.³⁸

³⁸ Todo o território do Vale do Ivinhema já foi habitado por esse coletivo com as primeiras evidências de sua existência datando de 1700. Exploradores paulistas que atravessaram os leitos dos rios Tietê, Paraná e Ivinhema documentaram sua presença e chegaram aqui durante suas viagens. No entanto, a interação mais significativa e íntima ocorreu em 1917, quando o etnólogo alemão Curt Nimuendaju (1883-1945) encontrou os(as) indígenas. Por meio dos relatos de Nimuendaju e de sua experiência em primeira mão, adquirimos conhecimento sobre a presença dos(as) Ofaié nessa área, que hoje é conhecida como Nova Andradina. Além de Nimuendaju, o Marechal Cândido Rondon (1865-1958), Darcy Ribeiro (1922-1997), os memorandos dos funcionários e inspetores do SPI (Serviço de Proteção aos

A formação do município passou por diferentes etapas, desde a presença de posseiros até a chegada de investidores, conforme a segunda Marcha para o Oeste ocorrida nos anos 1970 durante a ditadura militar, que consolidou a expansão agrícola. A ocupação dos territórios que dariam origem a Nova Andradina ocorreu após o primeiro momento de expansão e ocupação dos territórios do sertão nacional (Zoti, 2019).

Conforme explica Santos (2015), a região em que se situa Nova Andradina teve sua colonização liderada pela iniciativa privada da empresa de colonização Moura Andrade S.A.A. A cidade, principalmente voltada ao setor agropecuário, tem uma história marcada por sua trajetória na produção bovina mantendo a tradição do fundador Antônio Joaquim de Moura Andrade no que diz respeito à pecuária e, mais recentemente, pela forte presença do agronegócio, representado pela produção de soja, milho e cana-de-açúcar. Além disso, atividades como a construção civil, frigoríficos e usinas complementam a economia local (Maria José Martinelli Silva Calixto; Santana, 2020).

Apesar de sua origem rural, Nova Andradina nasceu com uma visão voltada para o desenvolvimento urbano e industrialização, evidenciada pela implantação de indústrias e reserva de espaços urbanos desde o início. A narrativa oficial destaca o colonizador Antônio Joaquim de Moura Andrade, porém questiona-se a participação dos(as) menos favorecidos(as) nesse processo, ausente nas publicações que reforçam um viés elitista (Kelly Cristina Ribeiro, 2011).

A percepção da cidade como um lugar de sobrenomes e influências familiares deve ser entendida dentro de um contexto, no qual diferentes fatores sociais e históricos interagem e moldam a realidade local.

A localização geográfica da cidade confere-lhe uma importância interurbana significativa, evidenciada pelo seu papel no setor comercial e, sobretudo, nos serviços.

Índios) e o professor Carlos Dutra também forneceram informações valiosas sobre a presença desses(as) indígenas nessa região. Na virada do século XIX, a população Ofaié contava com cerca de duas mil pessoas, porém, até 1924, esse número diminuiu drasticamente para menos de duzentas, devido aos frequentes massacres perpetrados pelas frentes pioneiras e às incursões colonizadoras promovidas por empresas e fazendas agropastoris, que os(as) expulsaram de suas terras ancestrais. Em 1953, restavam apenas sessenta indivíduos da comunidade Ofaié. Marechal Rondon relatou o choque de se deparar com membros desse grupo étnico escravizados pelos fazendeiros locais, evidenciando assim a devastação enfrentada por esse povo ao longo de décadas de colonização e exploração. (Martins, 2022).

Entre esses serviços, inclui-se a prostituição, que também faz parte do cenário urbano, inclusive da fundação da cidade conforme os 3 P's.

O discurso do pioneirismo surge, sendo articulado por grupos que se autodenominam "colonizadores pioneiros". Os(as) descendentes requerem, nos dias de hoje, a prioridade histórica, simbólica e cultural em Nova Andradina para seus antepassados, na onomástica urbana, nomes de praças, ruas, monumentos, busto do Moura Andrade na praça Brasil - mas sobretudo no Museu municipal que se resume quase absolutamente em objetos antigos dessa família colonizadora -, assim, apropriando-se de um tipo de memória e história que apaga e omite trabalhadores e trabalhadoras que efetivamente construíram a cidade.

Esta narrativa não apenas delimita uma cronologia específica sobre os espaços em questão, mas também estabelece hierarquias entre os grupos que os constituem. Esse discurso tende a obscurecer a presença dos povos originários que já habitavam esses locais antes do período de colonização³⁹ e deixaram de existir em decorrência da colonização.

É interessante observar que o discurso do pioneirismo transcende o âmbito meramente histórico e se manifesta também em aspectos culturais, exercendo influência na construção de identidades e nas relações sociais. Nesse sentido, é válido explorar o princípio da realidade dentro do contexto histórico e social de Nova Andradina (Zoti, 2019). Destaco que esse discurso possibilita a identificação entre determinados grupos, formando uma base de identidade e reconhecimento.

³⁹ Segundo Martins (2022) o povo indígena Ofaié habitava essas terras há pelo menos sete mil anos, segundo registros arqueológicos. Durante os fins do século XIX e inícios do século XX, com o avanço agropastoril, essa terras foram sendo ora invadida, ora "adquiridas", e os(as) indígenas, seja os(as) Ofaié ou os(as) Kaiowá que por aqui viviam foram sendo "aldeados(as)" em Postos Indígenas pelo, então órgão indigenista Sociedade de Proteção aos índios (SPI); com a finalidade última de catequização e transformação da sua cultura e modo de vida livre em vaqueiros – leia-se mão de obra barata ou semi escrava nas fazendas que se avizinhavam aqui no Vale do Ivinhema. Diz, ainda Martins, supracitado, que ano de 1948, o antropólogo Darcy Ribeiro juntamente com sua amada companheira Berta Ribeiro, viveram com os(as) Ofaié aqui onde é o Município de Batayporã, antes da sua emancipação então, Nova Andradina, deixando um belo registro antropológico dessa convivência - no livro "Uirá sai à procura de Deus" (2016). Ainda segundo Martins, (2022), um monumento em concreto em tamanho colossal, representando o arco e flecha Ofaié está fincado no coração de Nova Andradina, na praça central - gritando àquele povo quem eram os(as) moradores(as) originais dessa terra. Ironicamente a flecha está apontada para o busto do dito colonizador Moura Andrade.

Certos aspectos sociais, considerados excepcionais por determinados segmentos da sociedade, são selecionados para compor uma identidade coletiva, um "nós" em contraposição aos(às) "outros(as)" (Bao, 2017). Essa dinâmica delinea margens entre os grupos, estabelecendo o que é considerado interno e externo e, conseqüentemente, perpetuando um círculo de inclusões e exclusões sociais não apenas em Nova Andradina, mas também em outras comunidades.

Minha chegada em Nova Andradina, em agosto de 2007, está ligada ao meu ingresso em uma instituição particular de ensino superior, onde também ofereciam educação infantil, fundamental e médio. Nesse ambiente, os sobrenomes não eram apenas identificadores, mas também constituíam uma espécie de marca distintiva. As crianças, adolescentes e os(as) acadêmicos(as) do ensino superior eram habitualmente chamados(as) pelo sobrenome, evidenciando uma prática arraigada na cultura local. Era comum encontrar junções de sobrenomes dos fundadores da cidade com os de outros colonizadores, formando sobrenomes compostos de até oito elementos.

Percebi que, nesse ambiente, as crianças com nomes semelhantes não eram diferenciadas por suas características individuais, mas sim pelo sobrenome que carregavam. O fato de ser uma escola particular refletia a elite local de Nova Andradina, que privilegiava a educação de seus filhos e filhas nesse estabelecimento.

No entanto, recordo-me de uma situação que evidenciou a importância das aparências na cidade. Em determinada ocasião, um aluno foi chamado pelo seu nome, seguido do sobrenome. De maneira jocosa, comentei sobre a "chiqueza" do sobrenome. A resposta que recebi foi: *"Chique é só o sobrenome, porque a família já está falida há muito tempo"*. Esse episódio evidencia que, em Nova Andradina, as aparências tinham/têm um peso significativo, uma realidade que não é exclusiva dessa cidade, mas comum a muitas localidades interioranas do Brasil. Seguindo Agier, (2011, p.174), a dinâmica da cidade contemporânea apresenta um contrassenso, embora tenha surgido com o propósito de aproximar as pessoas, ela impõe uma segregação marcada por seus "quadros impessoais, sistemas de proteção, organizações solitárias e narcisistas".

Esse episódio evidencia como as aparências desempenham um papel crucial em Nova Andradina, refletindo uma realidade comum em muitas cidades do interior do Brasil, onde o prestígio social pode ser mantido, mesmo que as condições materiais

estejam deterioradas. A situação revela a força simbólica do sobrenome, que, apesar da falência familiar, ainda carrega um *status* reconhecido pela comunidade. Ao relacionar esse fenômeno com as reflexões de Agier (2011), observamos que a cidade contemporânea, embora tenha surgido com o intuito de aproximar as pessoas, acaba por impor dinâmicas de segregação. As interações são marcadas por estruturas impessoais, proteções simbólicas e comportamentos cada vez mais individualistas, que reforçam divisões sociais e suas interações que estruturam a vida urbana.

4.2 Os espaços da cidade, suas narrativas e minha transição de "mulher desviante"

A cidade possui uma vida própria, o que impõe limites às modificações arbitrárias tanto em sua estrutura quanto em sua ordem moral. A planta da cidade desempenha um papel crucial nesse aspecto, estabelecendo metas e limites, além de definir de maneira geral a localização e o caráter das construções urbanas. Tanto os edifícios construídos por iniciativa privada quanto aqueles erguidos pela autoridade pública devem seguir uma arrumação ordenada dentro dos limites da área urbana (Agier, 2011).

No entanto, mesmo dentro dessas limitações, os processos inevitáveis da natureza humana continuam a imprimir às regiões e aos edifícios urbanos um caráter que é difícil de controlar. Velho (2010) traz que, sob nosso sistema de apropriação individual, por exemplo, não é possível prever com precisão a extensão da concentração populacional que pode ocorrer em determinada área.

A cidade não pode determinar previamente o valor da terra, e a maior parte da responsabilidade de determinar os limites da cidade e a localização de suas zonas industrial e residencial recai sobre o empreendimento privado. Os gostos pessoais, conveniências individuais e interesses econômicos tendem a segregar e, conseqüentemente, a classificar as populações das cidades de forma inevitável. De acordo com Agier (2011), a organização e distribuição da população na cidade não são resultado de um plano elaborado, ou controlado, mas sim uma consequência natural dos processos sociais e econômicos em curso.

Segundo Goffman (2008), são estabelecidos mecanismos para categorizar as pessoas com base em uma série de características consideradas típicas e normais

para os(as) integrantes de determinados grupos sociais considerados dominantes. Os diferentes contextos sociais delineiam os grupos de pessoas mais propensas a serem encontradas neles.

Com base em preconceções, transformamos tais pressupostos em expectativas normativas, em demandas que são apresentadas de maneira rigorosa. Esse processo de categorização e expectativas normativas permeia as interações sociais e contribui para a organização e compreensão do mundo social ao nosso redor. Este não é um fenômeno isolado, mas sim parte de um sistema de controle social que percorre as diversas esferas da sociedade.

De acordo com Juliana Cavilha Mendes Losso (2010), a moralidade e a ordem social têm sido mantidas e reforçadas através de mecanismos de controle que visam regular comportamentos considerados desviantes ou transgressores. Como um dispositivo de poder que legitima a hierarquia social existente e reforça a ideia de que a sexualidade feminina deve ser controlada e regulada de acordo com as “normas”.

Nas conversas do cotidiano sobre prostituição, inevitavelmente chamo a atenção para dois aspectos conflitantes. Em primeiro lugar, a narrativa da presença de pobreza e oportunidades sociais limitadas: *“geralmente é porque a mãe abandonou, né!? Aqui na rua de cima da Vila tem duas irmãs, fazem programa por R\$50 reais, a mãe bebia, o pai bebia... Mas podiam trabalhar com outra coisa, né? Esse é mais fácil”* (Diário de campo – narrativa de um homem em 17/07/2021, durante um churrasco (que eu estava presente) em um bairro periférico de Nova Andradina-MS). Esta narrativa não tem novidade, inicia com dó e termina com a determinação de quem sabe/acha o que deve ser feito.

Em segundo lugar, o reino “imoral e pecaminoso” de trocar sexo por dinheiro. Fica claro que, em muitos casos, minha condição de mulher aparenta trazer mais possibilidades de questionamentos, solicitações e o cuidado com a vida alheia: *“se você ver meu marido por lá, você me conta, hein, Celina? Me liga que vou na hora. Você já viu muita gente conhecida por lá?”* (Diário de campo – narrativa de uma colega de trabalho em 09/05/2022, balcão da Biblioteca da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Nova Andradina).

Segundo a autora Nickie Roberts (1992), não se pode negar o conflito histórico que há entre a figura da dona de casa e a prostituta, porém é apenas uma divisão

entre as mulheres que exercem empregos remunerados e aquelas que cumprem suas funções de donas de casa. Me arrisco a dizer que em alguns diálogos percebi das mulheres do primeiro grupo, sensação de anseio pela liberdade e interações sociais que o outro grupo desfruta. Por outro lado, as prostitutas, que estão sobrecarregadas com as pressões do trabalho e com a discriminação inerente ao sistema, às vezes lamentam a percepção da perda de segurança que acompanha o caminho. Sobre isso ainda, arrisco-me inclusive a trazer a rivalidade também pronunciada entre mulheres casadas e aquelas que passaram por divórcio ou separação. Assim, a liberdade recém-descoberta de mulheres divorciadas pode representar uma ameaça à existência das mulheres casadas,

Depois que eu me separei, o marido da Sueli⁴⁰ não fica confortável por ela conversar comigo, nem para levar as crianças para brincar. Porque agora eu sou divorciada e, na cabeça dele, eu vou influenciar ela a se separar. Vasculha as minhas conversas com ela, para ele, agora eu sou uma prostituta. E o pior são as amigas que se afastaram porque eu me separei. Agora não sou mais boa companhia” (Diário de campo. Conversa nos corredores da UFMS/CPNA com uma amiga).

É difícil para esses dois grupos encontrarem um terreno comum e mostrar solidariedade, a menos que tenham uma meta ou objetivo coletivo em mente.

Na perspectiva de Becker (2008), a prostituição se revela como um campo de interações simbólicas, onde as esposas podem percebê-la como uma forma de comunicação. Nesse cenário, os homens exercem seu poder ao estigmatizar indivíduos, retratados como vítimas passivas, numa tentativa de encobrir a realidade menos influenciada por eles. Essa dinâmica se manifesta, por exemplo, nas negociações entre clientes e prostitutas. Enquanto os primeiros são percebidos como agentes ativos, os segundos são vistos como dependentes, limitados a receber apenas o que foi previamente acordado, ilustrando assim a dinâmica de poder subjacente.

O senso comum determina que as mulheres envolvidas na prostituição são frequentemente chamadas de “mulheres públicas”. O trabalho da historiadora Michelle Perrot (2017) intitulado “Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros” destaca esse fato e, em vez de se concentrar apenas na prostituição, o trabalho da autora oferece uma análise mais ampla do papel das mulheres na esfera pública. Ela

⁴⁰ Nome fictício

explora a presença delas na cidade, na nação e questiona sua cidadania. O termo “mulheres públicas” está inegavelmente ligado ao tema da prostituição, enquanto o termo “homens públicos⁴¹” não cria a mesma confusão. A razão pela qual essas mulheres são rotuladas como públicas é porque elas são consideradas “pertencentes a todos” e seu uso é considerado comum.

Nickie Roberts (1992) traz quanto as mulheres tidas como “públicas”, as mulheres são tipicamente associadas à esfera privada e doméstica, essa dicotomia, que é construída socialmente e muitas vezes vista como natural, é desafiada - ou reforçada - pelas prostitutas. Além disso, essas mulheres também são consideradas públicas porque não conseguem escapar da constante observação que invade suas vidas privadas. A perspectiva das instituições exerce uma influência significativa sobre as várias formas que essas transações podem assumir.

Compreendo minha participação nos diálogos que compõem quem tanto é Nova Andradina a partir também do discurso fundacional dos “3 P’s”, reforçado por trazer estes três “pilares” tão distintos como elementos basilares para a constituição de uma cidade a partir da moral, da segurança e do sexo.

A interação entre arte, erotismo, política e censura continua a envolver inúmeras perspectivas analíticas sobre o papel de compartilhar relacionamentos facilitados pela prostituta. O elemento erótico surge como um meio de comunicação, um instrumento para contar histórias e representações, tanto positivas quanto negativas, dentro do domínio do público, que estabeleceu uma relação de humor crítico em resposta à sua recepção, caracterizada pela contemplação ativa entre seus(suas) observadores(as). No discurso indireto, a população de Nova Andradina

⁴¹ Todo o discurso sobre o puritanismo sexual ruiu direta e especificamente às mulheres, uma vez que os homens se salvaram da condenação pela inexistência da relação entre homem/pecado sexual e em detrimento da relação direta entre homem e necessidade de satisfação sexual. Dessa forma, ainda que o sacramento do casamento seja sobre homem e mulher, ainda que a virgindade e o puritanismo sejam também sobre ambos, a prostituição tornou-se indispensável para a preservação da santidade das não pecadoras e, consequentemente, mães. Criando o modelo a ser seguido e o molde a ser evitado, preservou a possibilidade abrangente da satisfação sexual do histórico pater famílias. Por meio disso, construiu-se um discurso condenador da prática sexual fora do casamento e instituidor do celibato para clérigos, coexistindo com a tolerância/exploração da prostituição no plano econômico e para fins de satisfação sexual pessoal (Jovelina Lenir Carlini da Rocha, 2017, p.47).

dá um sentido jocosos ao monumento que se assemelha ao órgão genital feminino, que fica localizado no meio da praça central em frente ao santuário da igreja católica.

Figura 5 - Monumento Pantanal Alinhado à Torre do Santuário



Fonte: FaustArquitetura. Disponível em: <https://faustargbr.wordpress.com/2019/12/18/praca-brasil-nova-andradina-ms/> (2019).

Análises contemporâneas de representações aludem à esfera política, simbolizando uma estrutura hierárquica de poder dentro de uma sociedade ocidental moldada pela educação sexista e cristã (Brito Neto, 2018). Nessa conjunção, arrisco dizer que o sagrado e o profano caminham próximos.

Vale a pena considerar o simbolismo fálico (e da genitália feminina) como componentes dessa arquitetura (como de tantos outros lugares), nessa totalidade que as formações visuais tenham suas raízes no simbolismo da sexualidade humana, as representações visuais que encontramos, sejam elas na arte, na publicidade ou em outros espaços, têm suas origens na maneira como a sociedade percebe e interpreta a sexualidade. Essas representações visuais muitas vezes refletem as normas, os valores e os tabus relacionados à sexualidade em uma determinada cultura ou período de tempo; e defendo que a configuração das formações que compreendem arcos e elementos verticais assume uma conotação erótica: “o falo funciona no sentido de estruturas simbólicas. O falo não é o pênis, não é uma parte do corpo, mas sim uma ideia presente no campo do simbólico” (Rodríguez; Goulart, 2021, p. 58). A arquitetura dá origem aos componentes e posições reais que são exclusivos da forma física do

corpo humano. Consequentemente, a forma física do corpo humano é refletida na arquitetura, que está inextricavelmente ligada à forma física.

Não pretendo ser injusta quanto a real intenção, apesar que na arte nem sempre se tem uma real intenção. Este símbolo recebe o nome de Monumento Pantanal, o projeto foi idealizado pelo arquiteto Faust (2016) e, segundo ele, alinhado com a Torre do Santuário, criou duas varandas simétricas que servem para organizar uma área aberta pavimentada para várias reuniões e exposições. O leiaute do piso, inspirado nos padrões encontrados nas folhas das árvores, serve para resumir a folhagem característica da região do Pantanal. As linhas arquitetônicas das varandas são uma ode sutil às majestosas asas do Tuiuiú, uma espécie aviária nativa do Pantanal, incorporando assim a fauna desse ecossistema único. Situado no centro da praça, ele concebeu o monumento do Pantanal para servir como seu ponto focal central, estabelecendo-o como um símbolo emblemático da cidade. Embora essas sejam as ideias que o arquiteto buscou expressar, não se pode ignorar o que a população expressa em seu discurso, no cotidiano desta cidade.

Figura 6 - Monumento Pantanal



Fonte: FaustArquitetura. Disponível em: <https://faustargbr.wordpress.com/2019/12/18/praca-brasil-nova-andradina-ms/> (2019).

Ressalto que, no site da empresa responsável pelo projeto, a única condição apresentada pelo prefeito e pelo escritório de obras implicava o posicionamento de monumentos cristãos católicos dentro da praça situada nas dependências do Santuário.

A imposição da prefeitura de uma representação cristã alinhada no centro da praça, onde simbolicamente é equiparada a um órgão genital feminino, pode ser interpretada como um reflexo da dominação política e religiosa sobre o feminino na nossa sociedade. Assim como o espaço público da praça é um local de interação e representação da comunidade, o corpo feminino também é visto como um espaço público sujeito a interpretações e intervenções externas, especialmente por parte das estruturas políticas e religiosas dominantes, evidenciando a subordinação do feminino aos interesses e valores políticos e religiosos. Isso reflete uma dinâmica mais ampla de controle e subjugação das mulheres na sociedade, onde as nossas identidades e corpos são frequentemente submetidos a ideologias e poderes externos, porém pode ser subvertido, dado que o monumento que lembra a genitália feminina é muito maior e “engole” o símbolo religioso e fálico.

Meu campo multicentrado percorre as ruas centrais da cidade, as ruas da periferia, voa pelo balcão da biblioteca, bate na porta da minha casa, senta comigo no bar, me encontra na festa de São João, no supermercado, na farmácia. Em tantos caminhos outros, que parece em algum momento que o assunto “persegue”. E o que exatamente quero dizer quando falo de prostituição no que pode ser Nova Andradina a partir das narrativas? O que tanto significam os termos prostituição e prostituta na cidade e o seu modo de justificação, que produziu uma categoria que nos parece “evidente”, o sexo pago?

As falas vão variando - sobre raça, desvantagens econômicas, estruturas de poder, diferenciação social e marginalização, o que segundo narrativas de alguns moradores é o que direciona para a prostituição. Geertz (1989) argumenta que a cultura é essencialmente simbólica, e sua compreensão exige uma análise que leve em consideração múltiplos aspectos e contextos. Essas narrativas levam a uma generalização simplista e infundada, atribuindo exclusivamente a necessidade na qual sexo é trocado por dinheiro, partindo de perspectivas reducionistas que pressupõem a predominância de um único fator determinante.

A prostituição, ou melhor, o conteúdo desta categoria que pode parecer óbvio, para não dizer natural – suscita debates que se cristalizam nomeadamente em torno da oposição entre a exigência de reconhecimento do estatuto de profissional do sexo, entre o postulado da liberdade de prostituir-se ou, pelo contrário, a afirmação de um constrangimento estrutural que invalida a noção de escolha. Luciana Codognoto da

Silva (2016), em sua discussão sobre prostituição em uma cidade no interior do Estado de Mato Grosso do Sul, aborda sobre estas narrativas populistas ou miserabilistas que tendem a encobrir e continuam através dos seus extremos: de um lado a prostituta vê-se erigida como uma figura de liberdade sexual e, no outro, como uma figura emblemática da vítima ou, pela negativa, a mulher culpada por não se reconhecer na narrativa da vitimização.

Os atos de nomeação não são socialmente neutros; servem para descrever o mundo e, ao mesmo tempo, ordená-lo, classificando hierarquicamente os elementos, nomeados para ordenar em grupos distintos, separados por linhas de demarcação específicas e dispostos segundo uma ordem hierárquica. Afirmções como “*são bem pobrinhas, né?*”, compõem elementos de acordo com a forma como afetam a sensibilidade social daqueles(as) com quem convivo. São preconceitos que concebem que todas as prostitutas exercem a atividade por falta de opção e não simplesmente porque vendem o tempo, o sexo e a sensualidade como um trabalho.

Estas narrativas chegam a diversos tempos e locais diferentes e circulam pela cidade e em diversos ambientes.

Durante uma conversa sobre minha pesquisa no Cabaré Glória, fui abordada por um colega de trabalho, surpreso ao descobrir que eu frequentava o estabelecimento. “*Você não tem medo que te vejam lá e falem de você?*”, expressou seu espanto, sugerindo que, caso me vissem por lá, teria uma má impressão, já que eu estava dentro do Cabaré e ele não compreendia os motivos. Essas interpelações me trazem que o “mal” residia na curiosidade sobre o ambiente, as dinâmicas, os cheiros e as cores e o mundo que tem ali dentro do Cabaré. Em tom de brincadeira, fez menção à biblioteca da UFMS como uma forma de complementar a renda, ressaltando discursos que frequentemente me confrontam quando menciono minha presença no Cabaré. Seria eu, então, uma mulher “desviada”?

Essas interações exemplificam olhares curiosos e comentários insinuantes, muitas vezes seguidos de um “*é brincadeira, tá?*” - uma tentativa de suavizar o desconforto causado pela quebra de expectativas em relação à minha presença no ambiente do Cabaré. Esses episódios revelam as percepções e preconceitos enraizados em relação a determinados espaços e atividades e quem os frequenta. Comentários que ouvi de alguns(mas) moradores(as), em momentos distintos de interação e quando tema prostituição surgia, traziam “*quem tá lá desviou dos*

ensinamentos dos pais”, o que leva mais uma vez a perceber necessidade de se justificar a prostituição a partir do desvio.

Ao discutir a prostituição como um produto da construção social, destaco que a diferenciação entre pessoas “direitas” e prostitutas se baseia em separar o que é considerado bom do que é visto como ruim. O(a) outro(a) é construído a partir dos exemplos mais negativos, enquanto o “nós” é associado aos melhores exemplos. Isso cria uma caricatura que contrasta o “nós” dos(as) residentes com o “elas” das prostitutas.

Além disso, a categoria “eles(as)” é rotulada como desviante ou anormal, enquanto o “nós” socialmente valorizado é considerado normal. Esse processo artificial de estilização mascara a diversidade existente na sociedade. A oposição entre “nós” e “eles(as)” permite projetar tabus e proibições na sociedade.

Lívia Freire da Silva (2020) sugere que as representações coletivas da prostituição persistem e mudam de acordo com os medos sociais. Ela argumenta que, na contemporaneidade, as principais dimensões projetadas na figura da prostituta são sua associação com o dinheiro e sua representação como vítima.

Na prostituição, há uma variação de níveis, em que qualquer mulher pode ser menos ou mais prostituta. Isso cria um grande número de candidatas à “reabilitação”, mas é difícil definir exatamente o que isso significa diante de narrativas como “*ela poderia arrumar um emprego de faxineira*”; “*é melhor varrer rua*” (Diário de Campo: narrativa de moradora, em momentos distintos de interação e quando tema prostituição surgia); - mas sempre as colocam em lugar de subserviência, colocadas à margem até mesmo quando querem que elas “saíam”. É como se dissessem “*podem e devem sair, mas não muito*”. Essa classificação de desvio geralmente permanece implícita, enquanto o termo “prostituta” é às vezes disfarçado em expressões vagas como “a vida que elas levam” ou “mulheres da vida”. Isso sugere que, dentro desse sistema de definições, “prostituta” se torna uma representação de todas as mulheres, como uma ameaça à “coesão social”.

Goffman (2008), ao questionar essa “coesão social”, afirma que essa noção reflete valores específicos da sociedade, perpetuando estigmas. Na perspectiva de Bourdieu (2011; 1989), podemos questionar a própria construção da “coesão social” como um conceito neutro e universal. Foucault (2012), embora não aborde

diretamente a coesão social, oferece uma perspectiva crítica sobre as formas como as sociedades regulam e controlam as práticas sexuais. Por sua vez, o autor trata a maneira como as instituições sociais, incluindo a sexualidade, são usadas como ferramentas de controle e regulamentação. No caso da prostituição, a estigmatização pode ser vista como um mecanismo de controle social que busca manter normas estabelecidas em relação à moralidade e à ordem social.

O desvio não está vinculado a características intrínsecas do comportamento, mas sim ao processo de rotulagem que ocorre quando determinadas ações são percebidas e interpretadas como desviantes por outros membros da sociedade (Becker, 2008). O autor destaca a importância do "etiquetamento" ou da rotulação como um elemento central na formação da identidade desviante. Em sua obra "*Outsiders*", tem-se uma perspectiva que ressalta a natureza do comportamento desviante como uma condição surgida quando indivíduos se tornam alienados da coletividade devido à transgressão das normas sociais estabelecidas. Ele apresenta uma tipologia de desvios, classificando-os em comportamentos de conformidade, desobediência, desvio despercebido e não-desviante percebido como tal.

Becker (2008) desafia a ideia de que existe uma categoria fixa de comportamentos intrinsecamente desviantes. Em vez disso, o autor propõe que o desvio é um produto da interação social e do processo de rotulagem, que ocorre quando determinados comportamentos são definidos como desviantes por grupos poderosos na sociedade. Nesse sentido, ele destaca o papel dos "grupos de poder" ou "agentes de controle social", que têm a capacidade de impor suas definições de comportamento desviante sobre os outros, e enfatiza que a rotulagem tem consequências significativas para os indivíduos descritos como desviantes. Os comportamentos desviantes não são inerentes aos atos em si, mas são construídos socialmente através do processo de rotulagem e reação social.

Entre os comportamentos desviantes, também fui enquadrada em razão de minha pesquisa de campo:

Celina, eu vi uma foto sua entrando na zona, em grupo de fofoca de aluno, foi no dia que eles fizeram festa na Tabacaria ali do lado. A Patrícia⁴² falou no grupo para apagarem e que você estava lá por que pesquisa sobre prostituição. Não vou te falar os comentários, porque

⁴² Nome fictício.

achei pesado. (Diário de campo, balcão da Biblioteca da UFMS/CPNA, 18/09/2023.)

A partir deste “desvio” percebido, podemos pensar na categoria conforme Becker (2008), Velho (2003) e Goffman (2008), cujas principais características estão centradas no fenômeno da ação coletiva e no foco na progressão social por meio da qual um indivíduo ou grupo é percebido como desviante por seus pares. O simbólico desempenha um papel crucial na compreensão da formação do papel social de um indivíduo, refletindo a sociedade em que está imerso. Nesse sentido, é fundamental analisar as ações coletivas que permeiam uma sociedade sujeita a normas e regras sociais. E ao examinar casos de desvios sociais, busca-se entender as motivações por trás das decisões individuais de desafiar tais normas e surge a pergunta daqueles que sabem da minha pesquisa *“Por que elas se envolvem em tal comportamento?”*. Becker (2008) argumenta que atribuir o comportamento desviante a uma característica única do indivíduo é uma explicação insuficiente.

Em alguns espaços de Nova Andradina, surgem narrativas sobre a presença das prostitutas que atendem a uma clientela considerada de “elite”, vivendo em áreas bem localizadas. Esse debate une os(as) moradores(as) locais contra as novas chegadas. Uma moradora expressou sua opinião sobre a situação, observando que as pessoas têm liberdade para fazer suas escolhas na vida, mas se mostrou incomodada com a presença das mulheres que passam o dia, segundo ela, *“praticamente seminuas na calçada”*, usando roupas curtas e bebendo tereré⁴³. Ela acrescentou que à noite observava carros parando ali frequentemente.

Quando questionada se havia testemunhado alguma atividade preocupante, como o uso de drogas ou comportamento explícito na rua, ela respondeu que nem precisava ver, pois estava evidente. Percebo que o que mais a incomoda é o conjunto da situação: jovens mulheres que trabalham quando e como querem, pagam suas contas, moram em boas casas e dirigem carros bons como os(as) outros(as) moradores(as) do bairro, mas são estigmatizadas pela comunidade. Esse momento pode ser comparado com a pesquisa de Velho, em Copacabana, onde os(as) vizinhos(as) dos edifícios sofrem discriminação contra todos(as) os(as) residentes do

⁴³ Bebida típica sul-mato-grossense à base de erva-mate e água gelada.

prédio indesejado devido à possível confusão com habitantes de “caráter questionável”.

A espacialidade dos locais de prostituição e sua sociabilidade em ambientes urbanos suscitam indagações sobre a coexistência entre comportamentos “convencionais” e aqueles rotulados como desviantes (Becker, 2008) devido à natureza dita “transgressiva” das atividades sexuais. Como notado pela narrativa da moradora, em áreas residenciais, a prostituição é considerada incômoda e perturbadora por certos(as) moradores(as), seja devido às várias formas de incômodo associadas a ela ou devido à sua visibilidade e ao potencial impacto negativo na reputação do bairro.

A conversa terminou com uma observação categórica de que ela não cumprimenta “essas” mulheres, insinuando que em breve elas estariam ocupando os espaços públicos. Enquanto ela falava, seu marido, sentado próximo, interveio, dizendo para deixar as mulheres em paz. O olhar que recebeu da esposa em resposta foi de reprovação. O fato de não cumprimentar as mulheres tem muita relação com o medo de ser comparada a elas pela aproximação, medo dessa proximidade levar à partilha do julgamento da comunidade.

Goffman (2008) traz a categoria dos(as) desacreditados(as), cujo estigma é imediatamente visível; e os(as) desacreditáveis que conseguem esconder suas características distintivas para não serem prontamente identificados(as). As prostitutas, para assumirem essa identidade, adotam técnicas específicas de maquiagem e vestuário. A forma como se vestem, ocupam espaços, expressam-se, caminham e se comportam em geral evidenciam as práticas que compõem sua representação como prostitutas.

Em um outro momento, a narrativa se volta para as figuras das próprias prostitutas, novamente, os(as) moradores(as) distinguem entre uma “boa” e uma “má” vítima, a primeira, se rende à prostituição em razão da pobreza e das dificuldades que a cercam, já a segunda é prostituta que lança luz sobre a escolha da profissão revelando os altos ganhos: *“Entendo que, quando alguém é extremamente carente, há uma compreensão maior. Mas isso não justifica, elas são bonitas e parece que fazem por diversão, deveriam procurar se endireitar agora, depois não tem como mais”* (Diário de campo: escutei essa fala de um frequentador de um bar que tem shows ao vivo próximo ao Cabaré Glória, estava no balcão, quando as prostitutas passaram).

Há uma inversão das polaridades morais - *“Você está estudando sobre prostitutas para quê? Não tinha outra opção, desnecessário, está pensando em se tornar uma prostituta?”*. (Diário de campo: Irmã de uma das minhas interlocutoras que também trabalhou como prostituta).

Quando o frequentador do bar comenta sobre a aparência e o comportamento das prostitutas, sugerindo que sua beleza e suposta diversão podem ser interpretadas como indícios de falta de necessidade, ou de responsabilidade por suas escolhas, evidencia uma visão moral dualista que impõe padrões rígidos de comportamento, sem considerar os contextos socioeconômicos e pessoais mais amplos.

A inversão das polaridades morais, conforme a segunda fala, onde a pesquisa sobre prostitutas é questionada como desnecessária e até mesmo interpretada como um possível interesse em se tornar uma prostituta, destaca a complexidade das atitudes em relação à profissão. Tal reação sugere tanto a estigmatização associada ao tema quanto uma certa curiosidade ou incompreensão sobre o objetivo da pesquisa antropológica.

Aqui lanço luz sobre as dinâmicas sociais nas quais as pessoas são rotuladas e identificadas com base em características percebidas. O balcão da biblioteca, por exemplo, revela-se como um excelente ponto de observação. Durante uma conversa informal, uma professora de outra instituição, que frequentava o prédio da UFMS, compartilhou comigo uma revelação. Ela disse: *"Celina, a primeira vez que ouvi falar de você foi em um dia chuvoso, quando pedimos marmita no mesmo lugar. Eu não sabia quem você era. Quando o entregador chegou, ele disse: 'Essa é sua, e a outra é da Celina'. Como eu não te conhecia, perguntei quem era você. Ele respondeu prontamente: 'A sapatona da biblioteca'."*

É interessante notar como, dentre todas as características que eu poderia ter, o estigma de "sapatona" parece sobressair e definir minha identidade aos olhos dos(as) outros(as). É o processo de rotulagem (Becker, 2008), que me colocaram a partir do que pensam ser um desvio, devido à violação das normas sociais estabelecidas.

Contudo, neste extremo onde ninguém está ciente do estigma e nos quais todos o reconhecem, não conseguem abarcar uma ampla variedade de situações. Primeiramente, "existem estigmas significativos, como o das prostitutas, que

demandam que o indivíduo mantenha cuidadosamente em segredo seu defeito em relação a uma classe de pessoas, enquanto se expõe sistematicamente a outras classes, como seus clientes" (Goffman, 2008, p. 75).

Mesmo nos casos em que um indivíduo oculta com sucesso um aspecto estigmatizado de sua identidade, ele acabará percebendo que o envolvimento em relacionamentos íntimos, que são amplamente aceitos em nossa sociedade como resultado da revelação recíproca de falhas imperceptíveis, o obrigará a revelar sua situação ao(à) parceiro(a) ou a sentir sentimento de culpa por ocultar tais informações. De qualquer forma, quase todos os assuntos altamente confidenciais são conhecidos por pelo menos uma outra pessoa, lançando assim uma sombra sobre a pessoa em questão. Desta maneira, surgem inúmeras circunstâncias em que parece que o estigma de um indivíduo invariavelmente se tornará evidente, mas nem sempre é esse o caso; após um exame mais detalhado, fica evidente que há casos em que é preciso tomar a decisão de ocultar detalhes vitais sobre si mesmo.

4.3 Biblioteconomia e Antropologia: o caminho

Eco, em "O Nome da Rosa" (2006), explora a relação entre a criação literária e o acesso às bibliotecas sob a influência da tradição religiosa dominante à época. A ideia central é que a biblioteca surge da insuficiência da Bíblia, desafiando a ideia de que apenas um livro pode conter toda a verdade. Essa visão explica a resistência da tradição católica às bibliotecas, que representam a multiplicidade de livros e saberes, sem que nenhum seja absoluto. A proposta é se libertar da obsessão pelo texto único e sagrado, uma neurose que impede o avanço do conhecimento secular e do acervo das bibliotecas. A lógica do Livro busca reduzir a diversidade de textos à Bíblia, destacando a diferença entre países de tradições protestantes e católicas no que se refere às bibliotecas.

Eco também sugere que a relação com qualquer forma de autoridade — religiosa, científica ou outra — está em xeque quando falamos de bibliotecas. Não é apenas uma questão de relativismo cultural, mas sobre o papel e a relevância da "autoridade" cultural. O conhecimento e a experiência que antes legitimavam a posição dos mediadores culturais agora parecem perder essa força.

No contexto da pesquisa antropológica sobre a prostituição em Nova Andradina, a frase "para se criar uma cidade são necessários 3 P's: padre, polícia e puta", dita pelo fundador, reflete a visão pragmática e, de certo modo, cínica sobre a formação das comunidades. Essa ideia ecoa a tese de Eco em *O Nome da Rosa*, na qual a construção de uma sociedade e seu conhecimento é medi(a)da por forças de controle e ordem, muitas vezes em oposição à multiplicidade de saberes e práticas.

Em Nova Andradina, os "3 P's" simbolizam pilares distintos, mas interdependentes, na estrutura social: o padre como representante da moral e da religião, a polícia como força da ordem e controle, e a prostituta como figura central na dinâmica social e econômica da cidade, especialmente em seus estágios iniciais. Assim como Eco sugere que a biblioteca desafia o monopólio da Bíblia como "O Livro", a presença das prostitutas na fundação de Nova Andradina questiona e subverte a autoridade única de qualquer uma delas.

O padre, a polícia e a prostituta operam em um espaço de tensão e complementaridade, na qual a autoridade cultural e moral é negociada continuamente.

A prostituição, nesse contexto, não é apenas uma prática marginal e estigmatizada, mas um elemento fundamental na formação e manutenção da cidade também em suas resistências/subversões. A coexistência das três figuras fundacionais do discurso de autoridade de Nova Andradina, os 3 P's, que atravessam minha dissertação, mostra como a cidade e seu tecido social são também construídos a partir de múltiplas influências, em que o controle, a ordem e a transgressão coexistem e se moldam mutuamente.

Os espaços de biblioteca atendem usuários com finalidades diversas, e afirmo que, o balcão de atendimento é o "chão" da biblioteca onde há um universo de interações humanas, uma dança de saberes e afetos e é nesse santuário que, horas silenciosas e noutras nem tanto, que a alma da biblioteca se revela em toda a sua plenitude.

Figura 8 – Balcão da Biblioteca UFMS/CPNA



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

É no balcão da biblioteca que oportunidades de diálogos significativos com os(as) usuários(as)⁴⁴ se apresentam; essas interações muitas vezes vão além do âmbito estritamente bibliotecário; foram estes diálogos que me trouxeram muito do meu campo nesta pesquisa. Foi aqui que escutei: *“eu conheço uma prostituta”*, *“a amiga da minha mãe era prostituta”*, *“minha avó foi prostituta”*, *“minha irmã é prostituta”*... Foram estes(as) usuários(as) que preencheram minha pesquisa e minha vida.

Por isso, nas próximas subdivisões de seção, trago aqui aqueles/aquelas que de algum modo foram/são atravessados(as) pela prostituição. As quatro primeiras partiram diretamente dos(as) interlocutores(as) que, durante as nossas trocas no coração/balcão, apresentaram quem conhecem que esteve/está como prostituta em Nova Andradina-MS. Direto do Cabaré Glória, algumas foram aparecendo ao longo do texto, como Leonie, Helena e Ana Terra. Tivemos momentos juntas, mas não quiseram relatar suas histórias. Entretanto, foram tão importantes quanto as outras para a construção deste texto. E trago também aquelas que compartilharam suas

⁴⁴ O termo "usuário(a) de biblioteca" refere-se a qualquer pessoa que utiliza os recursos, serviços e instalações oferecidos por uma biblioteca, pessoas de todas as idades, origens e níveis de experiência em relação ao uso de bibliotecas. Os(as) usuários(as) de biblioteca podem ser estudantes, professores(as), pesquisadores(as), profissionais, membros da comunidade local e visitantes ocasionais.

trajetórias. Esclareço aqui que optei por apresentar as narrativas delas na integralidade e não apenas em uma seleção de trechos ou temas, o que poderia ser considerado arbitrário, visto que o objetivo central da pesquisa é captar as construções identitárias de Nova Andradina a partir das narrativas sobre a prostituição.

4.3.1 Glorinha⁴⁵

Numa conversa casual no balcão da biblioteca, mencionei ao acadêmico - a quem vou chamar de Baltazar ⁴⁶ - minha pesquisa sobre a prostituição. Ele, prontamente, se dispôs a intermediar o contato. *"Conheço uma puta bem chique, vou falar com ela para vocês conversarem"* - foi essa sua primeira descrição sobre Glorinha, que é natural de Nova Andradina, mas mora em São Paulo capital. Rapidamente, Baltazar pegou o telefone e enviou-lhe uma mensagem, prometendo um retorno à biblioteca após a resposta dela.

Uma semana depois, Baltazar retornou um tanto desapontado. Sua amiga concordou em conversar, mas somente pessoalmente, em sua casa recém-construída em Nova Andradina. Argumentou que eu só seria bem-vinda após a conclusão da mobília, para que eu pudesse testemunhar sua plenitude. Intrigada, perguntei a Baltazar por que a classificara como "puta chique". Ele explicou que ela fazia programas de luxo, possuía carro e construía uma casa, segundo ele, "muito chique e em bairro de rico", em Nova Andradina. Fiquei curiosa com o motivo dela querer me receber somente após a finalização de tudo. Ele justificou que era "para eu ver como ela era poderosa". Concordei e aguardei. Aqui, Glorinha reforça sua imagem de poder e não uma imagem estigmatizada da prostituição.

Cerca de cinco meses depois, Baltazar voltou à biblioteca com a notícia de que sua amiga estaria por Nova Andradina e perguntou se ainda desejava o encontro. Confirmado o interesse, ele marcou o encontro para um sábado, 18 de junho de 2022, às dezesseis horas.

⁴⁵ Personagem do conto, "O casamento" de Nelson Rodrigues.

⁴⁶ Nome fictício.

No dia combinado, Baltazar acompanhou-me até a casa de Glorinha para as devidas apresentações e logo se retirou. Nosso diálogo transcorreu na nova moradia de Glorinha, situada em um bairro nobre da cidade. Recebeu-me com um casual "então é você que pesquisa puta?".

Glorinha é alta em relação à minha estatura. É magra e morena, com cabelos longos com mechas loiras. Convidou-me para entrar. Tipicamente do interior, exclamou: "entra aqui para conhecer minha casa!". Era, de fato, encantadora: gramado bem cuidado, móveis planejados, decoração com quadros e vasos floridos. Seus pais estavam em casa, enquanto os filhos (dois meninos) haviam saído para a casa de um amigo.

A mãe de Glorinha, sabendo que eu era de Minas Gerais, preparou um café, mencionando sua origem em Salinas. Agradei a gentileza. Pouco depois, o pai de Glorinha chegou, tomou café conosco e informou que iriam à missa. Glorinha, descontente com o frio, preferia que eles não saíssem. Permanecemos na mesa da cozinha, onde Glorinha começou a narrar sua história:

Sou natural de Nova Andradina e há cinco anos trabalho como prostituta na cidade de São Paulo. Sou prostituta de luxo e, quando digo isso, significa que meus serviços custam entre R\$ 15.000,00 e R\$20.000,00, mas dependendo do que o cliente pede pode custar mais, menos de jeito nenhum. Fui embora porque o que eu ganhava aqui era para sobreviver e eu sempre quis viver. As mulheres têm uma mina de ouro no meio das pernas.

No universo dos relacionamentos amorosos, a dinâmica entre casais pode se desdobrar de diferentes maneiras. Em relacionamentos heterossexuais, há uma expectativa subjacente de que a mulher assuma uma carga significativa de responsabilidades não remuneradas relacionadas ao cuidado. Isso levanta questões sobre a equidade dessas expectativas. De acordo com Alcatroado e Natânia Lopes (2023), enquanto algumas mulheres oferecem amor desvinculado do aspecto sexual, outras reconhecem o valor de seu tempo e esforço não remunerados. Nesse sentido, uma mudança de paradigma ocorre: o que antes era considerado dado gratuitamente por mulheres agora é reconhecido como um serviço que tem seu preço. Essa percepção desafia as tradicionais relações de poder entre homens e mulheres, colocando a prostituta em uma posição de controle ao exigir uma contrapartida financeira por seus serviços. Assim, a introdução do dinheiro na equação transforma as dinâmicas de dominação inerentes aos encontros entre os sexos.

Essa reflexão teórica se conecta de forma tangível com a história pessoal de Glorinha, que compartilhou sua experiência antes de se mudar para São Paulo. Ela descreve sua entrada na profissão e os benefícios financeiros que obteve ao longo dos anos. Ao vincular o relato de Glorinha ao conjunto teórico apresentado, podemos compreender melhor como as mudanças sociais e econômicas influenciam a percepção e a prática da prostituição.

Antes de me mudar para São Paulo, uma amiga daqui de Nova Andradina que já trabalhava lá me incentivou. Sempre fui vaidosa e me cuidei, o que facilita na prostituição. Em cinco anos, consegui comprar minha própria casa. Trabalho muito, mesmo. Meus filhos têm tudo que precisam, fazem cursos e têm uma boa vida. Meus pais sabem o que faço, embora não concordem.

Quando soube que estava pesquisando, achei interessante. Baltazar falou bem empolgado. Em São Paulo, há muitas pesquisas com prostitutas e sobre prostituição, sempre tem um acadêmico entrando em contato para conversar ou fazer entrevista. Nunca imaginei que alguém fosse pesquisar sobre isso em Nova Andradina.

A prostituição em Nova Andradina é mais simplificada, sabe? Gira em torno dos cabarés ou das ruas. Não tem todo aquele glamour que se vê em São Paulo. Claro, existem os cabarés, os privês e a prostituição de rua. Já experimentei os três. A prostituição de rua é terrível, cheia de perigos. Não aguentei muito tempo nesse meio. Nos cabarés, é preciso ter sorte para encontrar um lugar decente, já que em alguns você é explorada. Mas, naqueles que são bons, a gente ganha muito dinheiro e se sente mais protegida. Já nos privês é mais direto. Quem vai lá, vai apenas para ter relações mesmo. Não tem conversa, é só pagar e pronto. No privê os clientes são mais “selecionados”. Eu tive sorte de nunca ter trabalhado em algum lugar que fosse obrigada a fazer programa. Tem lugar que você tem que ir doente, menstruada.

Sobre os privês e espaços privados, estudos como de Carla Cristina de Souza (2019) e Gemelgo (2021) explicam que houve um aumento destes espaços fechados dedicados à prostituição privê, sendo considerados espaços tidos para uma prostituição “limpa”. A autora aponta que isso se dá ao contrário da prostituição de rua, “mesmo que esse sexo seja percebido como transgressor e ‘sujo’” (Carla Cristina de Souza, 2019, p. 67). Além das nomenclaturas, as questões relacionadas à estrutura e operação desses locais diferem conforme a localidade. A questão reside na percepção de que esses recintos privados proporcionam um ambiente mais seguro e controlado para a prática da prostituição, contrastando com as imprevisibilidades e riscos associados às ruas. Apesar do estigma persistente em torno do comércio sexual, os privês emergem como uma alternativa mais segura e menos estigmatizada.

Pensando em lar como segurança, e estando na casa de Glorinha, durante a entrevista, enquanto servia um café, questionei por que ela só quis conversar comigo na casa dela e depois que estivesse com tudo pronto:

Não quis que viesse antes em casa porque queria que visse o que a prostituição pode proporcionar. Minha vida era completamente diferente antes. Eu não tinha condições de ter uma geladeira como essa, ou um sofá como esse que está vendo. Já que você vai falar sobre a minha profissão, queria que viesse para mostrar tudo o que construí com meu trabalho como prostituta. Você vai colocar isso no seu trabalho, né? Você acha que no começo eu dava e ficava bem? Eu me sentia mal. Mas quando eu percebi o que eu poderia ter trabalhando direito, eu não parei.

Questionei o que seria o “trabalhando direito”;

Trabalhar direito é não se envolver com droga, com bebida, por que isso te arrasta para a lama, eu estou lá com um objetivo maior. Tenho carro, conquistei tudo isso sendo prostituta. Não fiz faculdade, morando e trabalhando no comércio aqui, quando eu teria tudo isso? Não pretendo ficar nessa vida para sempre. Sei que uma hora não aguento mais, é cansativo. Por isso, estou guardando dinheiro para investir em quitinetes e ter uma renda garantida. Eu fui muito humilhada no começo, a prostituição de rua e de alguns Cabarés é vista como uma prostituição menor, a gente passa cada coisa.

No eixo prostituição-profissão, observo uma inversão das categorias de boa e má prostituição, conforme os discursos dos moradores de Nova Andradina-MS. Entretanto, não nos detemos apenas nos discursos que abordam as diferentes formas de prostituição, mas também na representação da prostituta como exemplo de uma categoria homogênea de pertencimento. Surge, então, uma mudança no estigma: enquanto as mulheres associadas à má prostituição não são vistas como vítimas legítimas da sociedade e são culpadas por escolherem a prostituição como profissão, aquelas ligadas à boa prostituição são percebidas como vítimas (que, por diversos fatores, atravessados pela pobreza e pela violência, estão/são prostitutas). Considerando aqui os 3 P's do discurso fundacional no qual o padre se encontra, esses discursos soam como “uma espécie de “discriminação positiva”, revestindo de sentidos positivos dentro da cosmologia religiosa o abandono de uma prática considerada a princípio como abominável.” (Natânia Lopes, 2017, p.35).

A pobreza priva as mulheres de sua dignidade e da capacidade de tomar decisões. E considerando-se as circunstâncias, as mulheres encontram-se/recorrem (n)à prostituição como um trabalho para sustentar-se financeiramente. É no âmbito do

discurso que surge a possibilidade de resistência. Optar por resistir e persistir parece ser a escolha mais favorável disponível. Consequentemente, as prostitutas são vistas como indivíduos moldados de maneira particular. E, seguindo com a entrevista, Glorinha trouxe sobre seus filhos e as dificuldades no início do seu trabalho como prostituta:

Meus filhos são de pais diferentes e eles não foram registrados no nome dos pais. Nunca tive ajuda deles. Nunca cobrei pensão. Pago plano de saúde, para que tenham o mesmo padrão de vida que eu.

Pode parecer fácil, mas minha vida não é. Já passei por muita violência, fome e situações difíceis em São Paulo. Demorei para entender meu valor como prostituta, para saber me vender. Investi em roupas melhores, aprendi a cuidar da minha aparência, a me valorizar. Mas é claro que tive apoio, por mais que eu fosse cabeça no lugar, se não fossem as amigas de verdade que fiz por lá, nada disso aqui tinha acontecido.

É valor financeiro, mas é também valor social, Glorinha sabe da relevância do seu lugar na sociedade.

- Você tem algum padrão de clientes? – Perguntei.

Atendo homens, mulheres e casais. Tenho medo de doenças, não faço sexo sem preservativo por dinheiro nenhum. Faço consultas, exames, academia, e mantenho uma alimentação saudável. Quero manter uma qualidade, meu trabalho depende do meu corpo. E se eu achar alguma coisa suspeita, eu cancelo. Na prostituição de rua, muitas vezes eu já precisei sair correndo por que o cara não queria usar camisinha.

Em consonância com Nickie Roberts (1992) e a pesquisa de Figueiredo (2021), muito do conhecimento biomédico gerado ignorava o fato de que as prostitutas possuíam a capacidade de reconhecer e impedir doenças venéreas. É importante observar que esse conhecimento não se limitou às próprias prostitutas, mas também aos clientes, que foram examinados antes de se envolverem em qualquer atividade sexual.

Quando surge a violência, a responsabilidade recai sobre a prostituta. Tal culpabilização se reforçaria na ideia de que quando se faz uma compra e se alcança satisfação com o item adquirido, não há razão para o comportamento violento. A inclinação para a indignação só surge quando a pessoa se sente enganada, recebendo um serviço de qualidade inferior, o que, para o cliente, supostamente justificaria a reação violenta.

Perguntei a Glorinha se sua família tinha conhecimento sobre o seu trabalho:

As pessoas não sabem do meu trabalho, desconfiam, né!? Mas certeza não têm, eu prefiro assim. Para evitar desaforos, ou que meus filhos passem por algum constrangimento. Meu pais sabem, isso basta. Nova Andradina é pequena, você sabe como é.

Refletindo sobre esta fala de Glorinha, trago Jennefer Portela de Sales, (2022, p. 105), abordando sobre as relações e o esconder sobre o “desvio” da prostituta “vivenciam, ocultamente, a sexualidade, o desejo, desaprovado pela sociedade, mas, mantém o emprego e as relações com a família preservadas do conhecimento de seus “desvios”.

A forma mais comum de referência ocorre através da localização habitual, transformando a prostituta em alguém espacialmente definido: *a prostituta do térreo, da esquina*, ou até mesmo *do outro lado da rua da creche*. As narrativas sobre elas, por outro lado, têm sido retratadas como grupos de moradores(as), vagos e anônimos, compostos por pequenas notícias que circulam; *"Ela muda de carro a cada seis meses"* – disse Glorinha, ao comentar sobre uma vizinha da casa antiga que havia feito este questionamento para sua mãe, referindo-se ao que afirma ter como “suspeito”.

Me encontrei com Glorinha em outros dois momentos, em um, fazendo compras em um supermercado, e outro, em uma festa em uma choperia. Ela estava acompanhada quando nos encontramos no bar e disse: *“arrumei esse boy aí, coitado, querendo namorar. Será que se eu falar o preço ele ainda vai querer?”* Gargalhou e saiu.

Reconheço, neste nosso último encontro, os conflitos e as inconsistências presentes nas dinâmicas sociais, especialmente aquelas que resultam na exclusão e na marginalização das mulheres que atuam como prostitutas. A estigmatização não é uma característica inata à condição humana, mas sim uma construção social, muitas vezes manifestada através do processo de rotulação e marginalização.

4.3.2 Rita⁴⁷

A história que trago agora é a de Rita, uma mulher muito conhecida da infância de Nina⁴⁸, uma colega de trabalho. Rita é uma que se autodeclara mulher preta atravessada pela prostituição, personifica as poucas oportunidades destinadas as mulheres relegadas à invisibilidade social.

Nina: *“quando criança, eu ouvia falar da zona de baixo meretrício (ZBM), ir para lá podia ser uma situação que a mulher escolhia, ou algumas mulheres que “davam muito trabalho” eram convidadas a se retirar da sociedade e encaminhadas para ZBM que, aqui em Nova Andradina, era na periferia, mais para o lado descendo o córrego do baile (Diário de campo, 25/09/2022).*

Nina: *“Rita, uma mulher preta de origem muito humilde, viveu no interior de São Paulo, próximo a Martinópolis. Seu pai abandonou a família, deixando sua mãe sobrecarregada com vários filhos para sustentar, o que os levou a começar a trabalhar desde cedo. Em um relacionamento com um homem branco, Rita engravidou, mas a mãe dele não aceitou o relacionamento devido ao preconceito racial, levando ao fim do vínculo após o nascimento da criança. Sem apoio dos irmãos, foi expulsa de casa e buscou refúgio em Nova Andradina, onde passou a residir na casa de sua irmã, que administrava um estabelecimento de prostituição conhecido como ZBM.”*

Na ZBM, Rita começou a se prostituir para sustentar sua filha. Não podendo cuidar diretamente dela, deixava-a aos cuidados de outra mulher, pagando pelos serviços de cuidado em tempo integral. Periodicamente, visitava sua filha para verificar seu bem-estar, retornando em seguida ao local de trabalho. O quarto alugado na ZBM servia tanto como local de trabalho quanto de residência, onde também gerenciava as bebidas consumidas pelos clientes, recebendo uma parte dos lucros.

A irmã de Rita gerenciou a ZBM por um longo período. Após o encerramento do estabelecimento, algumas prostitutas mais idosas, sem família ou lugar para ir, encontraram apoio nela. Uma dessas mulheres, conhecida como Mariazinha, de origem paraguaia e uma das primeiras prostitutas em Nova Andradina, foi cuidada pela irmã de Rita até seu falecimento durante a pandemia. Essa mulher, que

⁴⁷ Personagem da obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo.

⁴⁸ Nome fictício.

compartilhou essas narrativas, recebia aposentadoria e não apenas cuidava de Mariazinha, mas também de outras duas mulheres em situações similares. Nickie Roberts (1992) aborda sobre as redes de solidariedade entre as prostitutas que, rechaçadas pela sociedade, cuidam uma das outras.

Quanto aos programas, Rita relatou que quando um homem chegava para um programa, ela bebia bastante com ele até que ele ficasse completamente embriagado e adormecesse, o que a dispensava, muitas vezes, de realizar qualquer atividade. Alguns clientes, por sua vez, entravam no quarto apenas para conversar e compartilhar suas histórias de vida.

Durante seu período trabalhando na casa de prostituição, Rita conheceu um homem com quem desenvolveu um relacionamento mais profundo. Ele ofereceu a ela a oportunidade de deixar a prostituição e se casar com ele. Nesse mesmo período, ele e outros colegas realizaram um curso para se tornarem policiais. Assim, Rita deixou a casa de prostituição, casou-se com ele e passou a viver com o marido e a filha. Essa situação, uma prostituta se casando com um policial, exemplifica uma das dinâmicas sociais dos “P’s” de Nova Andradina. Porém, como ponderou Moura Andrade, não são esses padrões de “P’s” que moldam a cidade? Posso, então, dizer que o casamento tornou-se o ‘P’ do Padre.

Nina: *“Na infância, em meio a um círculo de conhecidos de meus pais, testemunhei uma mulher que, como Rita, se casou com um policial e também administrava uma casa de prostituição. Conheci outro que se tornou político na cidade e casou-se com a dona de um estabelecimento similar à ZBM.”*

Rita, após se casar com o policial, não gerou outros filhos além daquela filha, tendo quatro netas mulheres. Das duas que ela criou, ambas concluíram a formação acadêmica, um motivo de orgulho para ela. O fato de suas netas terem estudado e se graduado representa um aspecto de sua vida que ela mesma não teve a oportunidade de vivenciar, o que a deixa profundamente abalada por não ter tido acesso à educação. Sua separação do marido evidencia uma tristeza, perceptível em suas palavras. *“Mesmo eu tendo essa vida, eu nunca traí ele, mas ele me traiu e me largou por outra”.*

Os códigos morais têm flutuado historicamente, pelo que a virgindade e a fidelidade feminina, se não forem rigorosamente mantidas, levarão à condenação. A

moralidade restringe a sexualidade da mulher, mas encoraja o impulso sexual do homem. É permissível que os homens sejam sexualmente ativos, mas é repreensível que as mulheres o sejam. Em vez de fornecer um relato da existência social da prostituição, reestabeleço um discurso criado pela sociedade, com objetivo de direcionar nossa atenção para a formação de pontos de vista opostos dentro do domínio moral, que está embutido nesse discurso. Seguindo conforme Luciana Codognoto da Silva (2016) e Costa (2018), Rita traz a maternidade como um fator determinante na entrada para a prostituição. Em relação às experiências que ouvi, destaco a importância da maternidade como um aspecto profundamente significativo na existência de mulheres que enfrentam circunstâncias de empobrecimento e violência.

4.3.3 Lucíola⁴⁹

Gaspar⁵⁰ pousou no balcão da Biblioteca, assustado e acanhado. Pousou pela remissão, pela "capacitação" ou "educação". Descrevo-o como uma ave, pois em sua rede social a música *Passarinho*⁵¹ do Emicida faz a apresentação dele e de sua prole:

Água em escassez bem na nossa vez
 Assim não resta nem as barata (É memo!)
 Injustos fazem leis e o que resta procês?
 Escolher qual veneno te mata
 Pois somos tipo...
 Passarinhos
 Soltos a voar dispostos
 A achar um ninho
 Nem que seja no peito um do outro... (Emicida, 2015).

Gaspar é como um pardal para os(as) observadores(as) distantes: "Olha, um passarinho!" - mas, de perto, é apenas um pardal. Os pardais, seres comuns, adaptam-se a vários ambientes e se alimentam de diversos recursos, incluindo restos de comida humana. No entanto, essa adaptação os torna pragas em áreas urbanas. Reunidos, os pardais podem ser barulhentos e, na era do estilingue, matá-los não era/é considerado um problema - afinal, são pragas. Este parágrafo não se trata

⁴⁹ Personagem da obra "Lucíola" de José de Alencar.

⁵⁰ Nome fictício.

⁵¹ EMICIDA. Passarinhos. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015. (3 min 42 seg).

apenas de pardais, mas daqueles(as) que vivem à margem, que enfrentam as adversidades e o amargo das desigualdades sociais. Quando chega a sua vez, o que tinham já se esgota. Na busca por justiça, eles(as) não são ouvidos(as), e o “estilingue” aponta diretamente para o peito.

O que o Gaspar trouxe numa quarta-feira, dia 24 de maio de 2023, não foi o galho de uma oliveira, ao contrário, ele trouxe *“minha irmã é prostituta”* igual ao arremesso da mãe passarinho para seus filhotes de bicos abertos. Em um primeiro momento, achei que se tratava de uma “brincadeira” entre irmãos. Após as gargalhadas, confirmou que sua fala era séria e que, sim, sua irmã era prostituta. Ele afirmou que iria falar com ela no fim de semana sobre minha pesquisa e perguntá-la se falaria comigo - tudo isso antes que eu perguntasse sobre esta possibilidade.

Inicialmente, achei a história um pouco confusa. Gaspar me disse que falaria pessoalmente com sua irmã, porque o celular dela era dividido entre ela e seu esposo. Questionei sobre ela ser casada e fazer programa. Ele me disse que sim, que tudo bem, era tranquilo; ela fazia os programas porque, afinal de contas, ele não conseguia sustentar a casa e as crianças.

No domingo à tarde, Gaspar me mandou mensagem dizendo que sua irmã estava na casa dele, que já havia falado com ela e que ela iria conversar comigo na segunda-feira. Gaspar me procurou na biblioteca e me passou o contato dela. Inicialmente, tive receio de entrar em contato com ela em razão do fato de ser casada e o marido não saber que ela exercia o trabalho de prostituta. Ele falou que me manteria informada e que, no dia que ela estivesse com o celular, ele me ligaria para que eu pudesse mandar mensagem para ela.

Umas duas semanas depois, recebi a confirmação de Gaspar e entrei em contato. Lucíola me pareceu muito tranquila sobre a questão de nossa conversa. Ela me passou o seu endereço e combinamos dia 22 de junho de 2023, uma quarta-feira, à tarde. Sua casa fica localizada em um bairro periférico de Nova Andradina, bem próxima à rodovia.

Cheguei sozinha na casa de Lucíola, que estava me esperando no portão. Me apresentei, entramos e ficamos sentadas na parte da frente da casa. Me deu um latão de tinta para sentar e ela se sentou em outro.

Lucíola teve seis gestações, com ela moram quatro filhos homens. As outras gestações foram de duas meninas, uma faleceu ainda bebê e a outra ela perdeu a guarda legal e foi adotada por sua madrasta.

Quando tinha 11 anos, sua mãe a entregou para seu pai biológico e sua madrasta não a aceitava. Seu pai a deu para a cunhada, que a levou para Campo Grande. Morando com essa mulher, foi estuprada aos 11 anos pelo filho dela. Essa mulher tinha uma casa de prostituição e foi lá que Lucíola começou a trabalhar como prostituta. Um dia fugiu e foi morar na rua: *“fui morar na rua, fazia programa na Calógeras e na Afonso Pena, isso fiz dos 12 aos 14 anos, depois comecei a usar Crack”*. Dentro desse reino definido pela miséria, o comércio de serviços sexuais coincide com o consumo de substâncias psicoativas, principalmente o crack, em busca de consolo alternativo (Costa, 2018).

Quando fez 18 anos e conseguiu sua identidade, voltou para Nova Andradina e foi morar com a mãe. Segundo ela, *“tentando mudar de vida”*. Conseguiu empregos formais, mas a influência negativa do marido a levou de volta à prostituição:

Meu marido é usuário de drogas, tem dias que sai do trabalho nem aqui ele chega. Ligavam no meu trabalho, falando que não tinha pego as crianças na creche, eu tive que sair. Eu tenho nojo, mas eu faço, e não é por mim não, não posso deixar faltar as coisas para os meus filhos. Hoje um já falou, ‘mãe não tem isso e não tem aquilo’. Eu já disse – ‘pode deixar que eu dou um jeito’. Meu programa é R\$ 150,00 e no máximo 20 minutos, quando dura 10 minutos eu saio rezando”. Eu faço programa no Bar da Mirinha⁵², vou quando meus filhos estão na escola, ou a noite quando meu marido está em casa. Falo que vou fazer uma diária.

Eu queria parar com essa vida, mas como que para? Se eu deixo de fazer as coisas, meus filhos passam fome, e eu não quero mais perder meus filhos para a justiça. Tudo que tô passando é por conta dessa vida errada. É um dinheiro rápido, mas amaldiçoado.

O seu estado surge como uma consequência do "desvio moral" ao desempenhar o papel de prostituta e pela dificuldade em aceitar a si mesma ao questionar sua resposta diante das adversidades enfrentadas. Além disso, há a luta pela sobrevivência dos filhos e o sentimento de impotência por aquela que não tem mais seu nome como mãe no registro de nascimento.

⁵² Nome fictício.

No romance de José de Alencar, Lucíola era retratada como uma alma rebelde, uma prostituta que, para ter a salvação, só a conseguiria por meio do matrimônio e da maternidade como símbolos de uma nova vida, livre dos pecados e das amarguras do passado.

Até os dois anos de casamento a gente vivia bem, mas ele me traiu, me traiu com outro homem, e começou a usar droga. Não vou ficar passando fome. Eu quero arrumar a minha casa, quero viver direito, quero viver bem. Andar de cabeça erguida. Você pensa que é fácil sair na rua e encontrar alguém que teve relação no banheiro do bar pra ganhar um dinheiro? Eu quero parar antes que meus filhos cresçam e fiquem sabendo, eu não deixo nem falar palavrão dentro de casa.

Seguindo conforme Silvana Colombelli Parra Sanches (2007, p. 86), “o papel disciplinador da família sobre a moral, a sexualidade e a vida reprodutiva encontra na mulher/mãe de família um pilar básico. É um discurso disciplinador e normatizador [...] responsável por várias das estratégias de sobrevivência do grupo familiar”.

Influenciada pela teoria do estigma de Goffman (2008), pela perspectiva do desvio de Becker (2008) e os estudos sobre prostituição feminina como o de Costa (2018), Figueiredo (2021), Luciana Codognoto da Silva (2016), Silvana Colombelli Parra Sanches (2007, 2020), Gemelgo (2021), Glaucia Lorenzi (2019) e Carla Cristina de Souza (2019), busco transcender a visão vitimizada e hipersexualizada da mulher prostituta. Ao explorarem a construção de identidades através dos limites corporais e simbólicos, esses(as) autores(as) destacam que essas mulheres compartilham semelhanças com outras, sendo a prostituição apenas uma faceta de suas vidas.

Assim como Maria Dulce Gaspar (1985), é necessário considerar os limites simbólicos e corporais das mulheres na prostituição, compreendendo a distinção entre o privado e o público. Isso estabelece uma esfera de preservação da identidade pessoal, separada das atividades profissionais.

É crucial também compreender a prostituição como parte integrante da vida das mulheres, especialmente daquelas que conciliam essa atividade com a maternidade. Estas mulheres aguardam que seus filhos e filhas estejam na escola para cuidar de suas famílias, apresentando a prostituição como uma estratégia de sobrevivência que não compromete necessariamente os valores familiares.

As convenções que nos unem são implícitas e não estão formalizadas por contratos explícitos. Para Hannerz (2015), espera-se que os indivíduos ajam em

situações de maneira semelhante à nossa própria conduta, tratando-os como seres humanos e não objetos. Além disso, nossos laços interpessoais não se limitam ao âmbito individual, mas se estendem ao familiar, sendo conceituados e categorizados dentro de um universo de relações de parentesco.

Laços afetivos, familiares e de amizade, seguindo padrões tradicionais de constituição familiar, fazem parte da vida e isso desafia a concepção da prostituição como desvio e, conseqüentemente, a ideia de que as famílias formadas nesse contexto estão dissociadas dos valores familiares.

Após nossa conversa, finalizei o encontro pagando o valor de duzentos reais (mesmo valor pago para as prostitutas do Cabaré Glória). Como era o momento de buscar seu filho na creche, ela me perguntou se eu a levaria. Concordando, a acompanhei até lá e, ao retornarmos, passamos em frente a um estabelecimento comercial. Com um tom de interesse, ela comentou: "*Queria trabalhar aqui, o horário é bom*". Incentivei-a a tentar, sugerindo que deixasse um currículo.

Três meses mais tarde, Gaspar foi à biblioteca para contar que ela havia conseguido o emprego, justamente no comércio que havíamos mencionado anteriormente.

4.3.4 Dona Izabel⁵³

Seguindo os diálogos e as afetações que o campo multicentrado me traz, apresento Dona Izabel; ela surgiu quando eu retomava minhas atividades na biblioteca da UFMS, em plena pandemia de Covid-19, em outubro de 2020. Izabel chegou como uma poeira fina, quando se usa um espanador para a limpeza de livros. Em contato com a poeira, o barulho do espirro é estrondoso: "*minha avó era prostituta, nem sempre, às vezes.*" (Diário de campo – fala da sua neta, enquanto me contava inicialmente sobre D. Izabel). Quem me abre essa porta é uma amiga. Sabíamos que tínhamos um laço de confiança, mas eu não achava que ela dividiria algo sobre este assunto comigo. As relações são assim, construídas a partir da confiança - esta que a fez confiar e me contar esta história.

⁵³ Personagem do conto "Boa noite D. Izabel", da obra "Em pleno de castigo", de Antônio Carlos Viana.

Eu continuo com esta história manca e mutilada, assim como eu ouviria a sua também, se um dia houver a chance de encontrar você, ou se você escapar, no futuro ou no céu. **Ao te contar qualquer coisa que seja eu estou acreditando em você e assim eu faço com que você exista, pelo fato de estar lhe contado esta história eu determino a sua existência, eu conto, logo você existe.** (Margareth Atwood, 2006. O conto da Aia, 2018) (grifo nosso).

Dona Izabel ganha uma complexidade que transcende a figura convencional que alguns desconheciam. O ato de confiar em mim e contar a história de sua avó faz com que ela, então, exista em sua plenitude, revelando as contradições e desafios que marcam sua trajetória. Ao trazer à luz essa dualidade, a narrativa não só reconhece a existência de Dona Izabel em sua totalidade, mas também questiona as estruturas sociais que relegam mulheres à invisibilidade ou ao silêncio, permitindo que suas histórias sejam finalmente ouvidas e reconhecidas.

Dona Izabel era casada e mãe de cinco filhas. Na sua vizinhança, todos a conheciam como uma mulher dedicada à família e às atividades domésticas. Entretanto, esporadicamente, Dona Izabel viajava para outras cidades, dizendo que iria vender produtos da Avon. No entanto, ela se envolvia em uma atividade completamente diferente: a prostituição.

Essa mulher não era o estereótipo comum associado a uma prostituta. Ela não vivia nas sombras da sociedade, mas sim como parte integrante de uma comunidade aparentemente tradicional. No entanto, sua vida dupla lançava luz sobre a complexidade da prostituição feminina e sua interação com a vida social e familiar.

Dona Izabel vivia com o estigma de ser uma prostituta, uma identidade que contrastava com sua imagem pública de esposa e mãe. E, segundo sua neta, *“Minha avó incorporava diferentes papéis em sua vida: o de mãe dedicada, esposa amorosa e o de uma prostituta discreta”*. Esses papéis, embora contraditórios, eram parte de sua identidade e forma de interagir com o mundo ao seu redor. *“Minha avó fez programa até mais velha, já tinha netos”*. Essa fala lança luz sobre o envelhecimento que, muitas vezes, é recebido com relutância e descrito em termos negativos. Segundo Melo (2021), os padrões de comportamento relacionados ao sexo, moralidade, etnia, classe social e fisicalidade, juntamente com os papéis atribuídos às gerações anteriores fundamentam representações que posicionam as mulheres e a “decadência” do envelhecimento feminino. A velhice frequentemente é envolta em estereótipos e estigmas, retratada como um período singular de declínio - “como

assim, velha e puta?" (Diário de Campo, comentário vindo de um acadêmico da UFMS, sobre as mulheres mais velhas que se prostituem).

A história de D. Izabel pode ser contextualizada por meio das pesquisas de Silvana Colombelli Parra Sanches (2020) e Melo (2021), que abordam a prostituição feminina e o envelhecimento. Ao abordarem o envelhecimento das prostitutas, trazem que os padrões enraizados em nossa estrutura social seguem uma lógica por vezes cruel, que tende a objetificar a forma feminina. No entanto, também geram formas de resistência. Ao mesmo tempo, eleva a prostituta a um sujeito político que desafia as expectativas sociais sobre o envelhecimento e chama a atenção para a tendência de descartar corpos quando alcançam a "data de validade".

Esse fenômeno é particularmente visível nas sociedades de consumo, onde corpos empobrecidos e marginalizados são impactados de forma desproporcional, resultando em um envelhecimento acelerado. Essas mulheres são caracterizadas e atribuídas a funções específicas, e espera-se que sigam os padrões prescritos, replicando e reproduzindo costumes, gestos, preferências e conduta.

Seguindo Goffman (2008), o estigma associado à idade é apenas um entre muitos estigmas potenciais que evidenciam a flexibilidade dos padrões e das regras ao longo da história e das diferentes culturas. Além disso, é importante ressaltar que o conceito de estigma não se restringe à percepção individual, mas é culturalmente influenciado, refletindo os valores, padrões e normas do sistema social em questão.

O corpo de uma prostituta envelhecida se torna um campo de batalha onde aspectos físicos, simbólicos e sociais se entrelaçam. Não é apenas uma ferramenta para transações comerciais, mas também um reino onde as conexões sociais são manifestadas e construídas, influenciadas por expectativas e normas culturais, (Melo, 2021). Enquanto a sociedade idealiza a maternidade e a monogamia, a realidade de Dona Izabel mostra como pode caminhar por estes dois mundos com práticas sexuais consideradas desviantes, ao mesmo tempo em que mantém papéis tradicionais socialmente.

O comportamento tradicional de esposa e mãe demanda abnegação e sacrifícios consideráveis. Embora as mulheres sejam frequentemente enaltecidas como as "rainhas" de suas famílias, é evidente que essa representação é imprecisa, pois espera-se que elas priorizem as necessidades dos(as) outros(as) acima das suas

próprias. Esse modelo de feminilidade não é atrativo e não oferece recompensas ou reconhecimento adequados. Portanto, um meio de persuadir as mulheres a se conformarem com esse modelo é ressaltar as consequências percebidas como negativas das opções alternativas.

D. Izabel, não estava mais entre nós em corpo físico quando realizei a pesquisa, porém, seguindo Silvana Colombelli Parra Sanches (2007), D. Izabel percebe a prostituição como um meio de se engajar em uma ocupação que é realizada com o propósito de garantir a sobrevivência, que às vezes pode ser vista como uma escolha potencial, um modo de vida e um método de expressar e explorar a própria sexualidade.

4.3.5 Angélica⁵⁴

Nos diálogos com Angélica, alguns temas eram mais abertos quando estávamos sozinhas. Essas conversas abordaram uma variedade de temas, incluindo assuntos cotidianos como filhos(as), pais e mães, despesas, compras, saúde e apoio financeiro. Minha presença nas conversas sentadas na cadeira de bar foi marcada por momentos de risos e de melancolia. Como ressaltado por Luciana Codognoto da Silva (2016) pode-se argumentar que as relações familiares exercem um papel crucial na vida das mulheres que trabalham como prostitutas. As narrativas compartilhadas não seguem uma linha reta; ao invés disso, estão entrelaçadas por conflitos e dilemas (especialmente em relação aos filhos e filhas), que contribuem para a manutenção da sua estrutura familiar.

Meus pais e minhas filhas estão cientes do que faço para sustentar nossa família. Não faria sentido inventar histórias quando o dinheiro que envio semanalmente é muito, não vou ganhar isso fazendo faxina. Optei pela transparência, sabendo que meus pais não aprovam minha escolha, mas ao menos me respeitam quando estou em casa. Aceitei minha condição de prostituta, pois é esse trabalho que garante uma vida melhor para eles. Antes, atuei como digitadora, professora de informática e técnica em contabilidade.

⁵⁴ Personagem da obra “O analista de Bagé”, de Luís Fernando Veríssimo.

Trouxe Angélica anteriormente, em meu primeiro encontro no Cabaré Glória. Por mais que eu já a tenha descrito, foi ela que me ajudou a abrir as portas do interior do Cabaré, foi com ela que tomei o primeiro café na cozinha do Cabaré.

Quando perguntei qual nome ela dava para a profissão e como gostaria de ser chamada, Angélica disse serena: *“puta, prostituta, isso que eu sou”*.

O termo “puta” é sinônimo da palavra “prostituta”, mas o poder simbólico associado ao termo “puta” não deve ser descartado. A confluência de significado atribui imoralidade não apenas aos indivíduos envolvidos no comércio sexual, mas também serve como um insulto depreciativo para rotular qualquer mulher como desviante. É por meio dessa perspectiva dicotômica e funcional da identidade feminina que emergem os conceitos de mulher promíscua e mulher virtuosa. O primeiro se refere àqueles que se envolvem em atividades sexuais remuneradas para realizar desejos e fantasias, enquanto o segundo se refere à mulher que é casada e forma uma unidade familiar. Mas gostaria de lembrar que para Antônio Joaquim de Moura Andrade, como bem trouxe Santos (2015), “puta” faz parte dos elementos basilares fundacionais do município aqui estudado.

“Meus pais muitas vezes falaram que eu desviei, que poderia ter virado ‘gente’”. Com esta fala de Angélica esclareço que o foco não deve se limitar à explicação do desvio em si. Tanto os(as) desviantes quanto os agentes reguladores, responsáveis por criar e aplicar as regras, devem ser observados(as) no processo. Essa perspectiva reconhece que uma pessoa se torna desviante com base nas reações dos(as) outros(as) às suas ações (Becker 2008).

Em vez de simplesmente retratar a realidade social da prostituição através da reprodução de um discurso socialmente construído, é fundamental direcionar nossa atenção para a criação de polaridades morais inerentes a esse discurso. No entanto, elas também estão imersas em um debate social, permeado por preconceitos e estereótipos, especialmente quando a sexualidade, o corpo humano e o papel da mulher são temas em questão. Trago aqui Velho (2003) quanto ao conceito de “social”, que é percebido como um domínio separado e autônomo da compreensão humana e adquiriu uma definição mais especializada com sua crescente importância nas teorias sociológicas. O autor busca incorporar o termo “social” aos demais aspectos do comportamento humano, incluindo o psicológico e o biológico, e reitera a

necessidade de compreender o homem e suas ações como o resultado total da interação desses elementos.

Minha entrada na prostituição ocorreu após um relacionamento com outra mulher, o que gerou desaprovação da minha família e me levou a fugir de casa. Encontrei abrigo na casa de um amigo, gerente de uma boate, onde comecei a me prostituir. Não me arrependo dessa decisão. Aqui em Nova Andradina o dinheiro gira, por isso eu trabalho aqui.

Relaciono Velho (2003) à fala de Angélica sobre a interação entre diferentes aspectos da vida humana. A decisão da entrevistada de entrar na prostituição após um relacionamento e a subsequente desaprovação familiar ilustra como fatores sociais, psicológicos e pessoais pode influenciar as escolhas individuais. A menção à circulação financeira em Nova Andradina reforça a interconexão entre esses elementos, mostrando como o contexto social e econômico pode moldar oportunidades de emprego e escolhas profissionais.

Angélica é categórica ao dizer que gosta de trabalhar como prostituta, afinal, não ganharia nem a metade trabalhando no comércio:

*A desvalorização não é exclusiva da prostituição. Como prostituta, eu sou desvalorizada socialmente como uma **desviada da vida**. Que lugar vou ganhar o que ganho aqui? A prostituição, por outro lado, oferece retorno financeiro rápido. Tenho uma casa, cuido de minha família e prezo pela minha vaidade” (grifo meu).*

Segundo Carla Cristina de Souza (2019), o estigma ligado à profissão do sexo se origina da quebra da ideia de uma sexualidade considerada pura e limpa. No entanto, não é essencial focar nas razões por trás dessa quebra de norma, pois o ato de desviar-se das regras, em muitos casos, está em harmonia com os desejos individuais. As normas são definidas por padrões morais que refletem as vontades e experiências de uma parcela restrita da sociedade.

A troca monetária entre cliente e prostituta torna o relacionamento aberto aos olhos do público, incorporando-o ao reino das transações comerciais. A justificativa para a atenção pública não está apenas no ato da troca sexual em si, mas na presença da troca monetária, pois é o dinheiro e seu envolvimento que levam ao entendimento de desvio. Quando uma mulher se envolve em relações sexuais com um homem sem troca financeira, isso se enquadra no domínio da moralidade e não preocupa os(as) outros(as). No entanto, uma vez que a compensação monetária está envolvida, ela se

torna uma questão de interesse público. Essa é a razão da existência do que chamo aqui de esquadrões de “moralidade”. Consequentemente, é o dinheiro que serve como catalisador na transformação de um assunto privado em um assunto público.

Considerando o todo, essa perspectiva da prostituição retrata os sujeitos mais como estando desalinhados do que à parte, por meio de várias ações de desvio, manipulação e subversão (Becker, 2008). Dessa maneira, suas práticas são fundamentalmente “transversais”: embora sejam influenciadas pelas circunstâncias, elas não se limitam a seguir as regras estabelecidas (Velho, 2003). Os sujeitos não estão à margem da sociedade, mas estrategicamente moldam sua maneira de se integrar a ela, com uma inclinação para desafiar suas normas.

4.3.6 Carolina⁵⁵

Eu conheci Carolina na segunda vez que fui ao Cabaré Glória, tímida, olhando para baixo. Quando começamos a conversar, Carolina disse que achou que estava no Cabaré porque queria um programa e, segundo ela,

Olha Celina, eu não faço programa com mulher, uma mulher veio aqui e me ofereceu oitocentos reais para fazer um programa comigo e eu disse NÃO. Porque eu sou prostituta, acha que eu tenho que fazer de tudo? Eu não fico com mulher de jeito nenhum, falei pra ela ‘saí daqui com esse dinheiro se não vamos sair no soco’.

Carolina está na prostituição há dois anos, após enfrentar dificuldades financeiras, como a falta de fraldas e leite para sua filha. Tendo encontros positivos ou negativos, criou estruturas que estabelecem uma conexão entre a profissão de trabalho sexual e o papel da maternidade.

De acordo com Luciana Codognoto da Silva (2016), em seu referencial teórico enraizado nos princípios foucaultianos, o conceito de maternidade é explorado como um exercício múltiplo que envolve a implementação de estratégias diversas.

Apesar do estigma associado ao fato de ser uma mãe prostituta, muitas desfrutam da flexibilidade e da segurança financeira que isso proporciona: “*eu trabalho um tempo e depois volto, trabalhando de carteira assinada, vou ganhar muito*

⁵⁵ Carolina, referente à Carolina Maria de Jesus, autora de “Quarto de despejo: diário de uma favelada”.

menos e não vou poder viajar para ficar com a minha filha” (Diário de campo, Carolina 26/04/2023).

Carolina, com formação técnica em segurança do trabalho, enfrentou dificuldades para conseguir trabalho em sua área. Mesmo após se candidatar a vagas adequadas, como técnica em uma empresa de asfalto, acabou direcionada para trabalhos distintos, como na cozinha:

A pressão financeira me levou à prostituição, uma solução rápida para pagar as contas e sustentar minha filha. No início, mantive em segredo, enviando dinheiro para minha mãe que ficava desconfiada. Um dia eu bebi e deu uma coisa na minha cabeça e falei que ia embora para São Paulo. A Gabriela fez de tudo para eu não ir, saí daqui falando que nunca mais voltava, e quase que não voltei mesmo. Eu fui parar em um lugar que o programa era entre trinta e cinquenta reais. Parecia um chiqueiro, não tinha comida. Sei lá onde eu tava com a cabeça. Eu passei cada coisa, passei fome, medo e não podia ligar pra minha mãe. Eu fiquei com dívida, porque lá tudo tinha que pagar. Um dia arrumei um crédito e liguei pra Gabriela. Você acredita que ela pagou minha dívida e minha passagem? E nunca me cobrou. Ela disse que fez porque ela já tinha passado muita coisa e não queria que eu me perdesse por lá, é uma mãe para mim. Como que trabalha com fome?! Lá em São Paulo passei fome demais, aqui a alimentação é à vontade, não tenho que pagar, eu fui muito burra.

A capacidade de um indivíduo diferenciar entre o que faz e o que é lhe permite criar diferentes identidades. As prostitutas têm identidades diferentes no trabalho e durante momentos privados e pessoais. Como disse Carolina, *“quando eu vou para casa eu passo todo o tempo com a minha filha, isso aqui é por ela. Em casa ninguém toca neste assunto. Em São Paulo, eu aprendi que nós fazemos performance, adoro falar isso. Única coisa boa que aprendi lá”*.

As prostitutas não têm garantias de que o sexo será satisfatório, nem mesmo de que irão se satisfazer ao final; a certeza que elas têm é o dinheiro, a força motriz por trás de seu trabalho. A prostituta vende não apenas sexo, mas também uma performance afetiva, um jogo de afetos no qual precisam desenvolver técnicas para discernir se o cliente está interessado em beijar, conversar ou transar. Elas precisam manejar o tempo do encontro para garantir a satisfação do cliente. No Cabaré, as mulheres desafiam a regra da virtude, que tradicionalmente espera que sejam elas a serem cortejadas. Ali, são elas que tomam a iniciativa, detendo o poder de se aproximar.

No decorrer do meu tempo em campo, observei o constrangimento dos homens ao entrarem no Cabaré e serem recepcionados de forma mais íntima pelas mulheres. Para elas, é o mundo da performance da prostituição. Esse processo de formação é marcado pelas trocas que as mulheres experimentam, aprendendo os códigos de identificação dos clientes.

Sempre há um ritual de adulamento ao se deparar com um cliente: "nossa, como você é bonito, como você é cheiroso" Natânia Lopes (2023, *podcast*). A entrega de todas as ferramentas para que essa interação ocorra de forma fluida é crucial. A partir das reações do cliente, a prostituta ajusta sua abordagem, buscando garantir que ele saia satisfeito do programa.

"Ela é puta", eu sentada no posto comendo meu churrasquinho e fui ouvir isso, a vontade é dar na cara, não porque eu sou, puta, porque eu sou mesmo, mas o jeito que ele falou... quando fui pagar, olhei para cara dele e ele era cliente do Cabaré, ele deu uma risadinha sem graça, eu saí pê da vida. A gente fala que não, mas às vezes a gente fica chateada. Passou uns dias ele apareceu lá, veio falando comigo e eu disse que tinha outro cliente, nem dei moral.

O estigma frequentemente relega o indivíduo a uma condição de "não-pessoa" ou de invisibilidade. A sociedade, ao mesmo tempo em que empurra as mulheres para a prostituição, também as condena, relegando-as à margem e desvalorizando-as (Goffman, 2008).

Na teoria do desvio de Becker (2008), o estigma associado à prostituição se revela em múltiplos aspectos que permeiam a existência da profissional do sexo. Aqueles que comprem seus serviços as colocam à margem pelos padrões convencionais de moralidade. Por trás da fachada da moralidade, a sociedade tende a expor agressivamente a prostituta, transformando-a em um alvo público de julgamento e condenação. Essa dinâmica revela como as normas sociais estigmatizam não apenas a prostituta, mas também aqueles(as) que interagem com ela, reproduzindo assim um ciclo de marginalização e estigma.

As pessoas desejam que as mulheres mereçam alguma essencialidade. Assim como pureza sexual, virgindade, castidade e monogamia sexual. A sociedade impõe normas e valores às mulheres para que cumpram as regras éticas impostas às mulheres. Quando as mulheres violam a "lei moral", elas causam perigo sexual consciente e inconscientemente na sociedade.

Isto reflete a maneira como as normas morais influenciam a percepção das relações sexuais e como as mulheres que desafiam essas normas são estigmatizadas e responsabilizadas pelo suposto perigo que representam para a estabilidade social e familiar.

Generalizações simplistas inevitavelmente dão origem a riscos, e entre eles está a inclinação de perceber as mulheres envolvidas na prostituição apenas como vítimas, desprovidas de autonomia e sem vontade ou independência. Embora esses aspectos possam de fato ser válidos para algumas mulheres, eles não podem ser aplicados universalmente.

4.3.7 Gabriela⁵⁶

Eu nasci assim, eu cresci assim
E sou mesmo assim, vou ser sempre assim
Gabriela, sempre Gabriela!
Quem me batizou, quem me nomeou
Pouco me importou, é assim que eu sou
Gabriela, sempre Gabriela!

“Modinha Para Gabriela”
“Gal Costa”

Considerando que a dinâmica de qualquer situação não é simplesmente uma dedução mecânica de um sistema, mas emerge da construção de significado realizada por participantes através de meios de suas interações, o cerne da questão da identidade, dos papéis sociais e da preservação da face é, segundo Goffman, (2008), a dramaturgia que caracteriza qualquer encontro ou ação coletiva. A vida social é concebida como um teatro no qual os indivíduos desempenham diversos papéis e devem, apesar dessa diversidade, ser reconhecidos como uma entidade única, ou seja, preservando sua identidade. Nessa perspectiva, a identidade não é entendida como uma entidade fixa ou objetiva, mas sim como um processo relacional e biográfico, uma espécie de estrutura e um eu em constante construção.

“Eu saí de casa para laçar um cavalo que meu pai mandou e nunca mais voltei. Eu tinha quatorze anos, meu pai e meu irmão judiavam⁵⁷ de mim, me batiam, por

⁵⁶ Personagem da obra Gabriela, de Jorge Amado.

⁵⁷ A palavra é aqui naturalizada no discurso popular, embora entenda o contexto pejorativo que o termo representa diante da situação sofrida pelos judeus nos campos de concentração nazista.

conta do meu jeito, né!”. O episódio sinaliza para as ressignificações do corpo e para a apropriação desse corpo, fugindo quando dotado de feminilização. Sua sobrevivência depende de sua fuga precoce.

Seguindo conforme Passamani (2013, p.36), é importante pensar o lugar de onde sai a história de Gabriela por se tratar de uma vida na zona rural de uma pequena cidade do interior de São Paulo, “ainda muito tradicional e conservador com apegos Morais e religiosos bastante latentes que fazem com que a percepção de mundo se oriente por estes valores”.

Ainda conforme o autor, essas perspectivas mais convencionais tendem a solidificar os papéis sociais de homens e mulheres, naturalizando as vivências do desejo e vinculando-as à sua biologia. Essa abordagem gera modelos ideais de homens e mulheres, cuja conduta afetiva, erótica e sexual é moldada pela heterossexualidade, esperada compulsoriamente por todos os indivíduos. “Desviar-se dessas expectativas não só desafia a norma, mas também compromete as perspectivas futuras, indo de encontro aos planos estabelecidos e transgredindo dogmas” (Passamani, 2013, p.36).

Gabriela é travesti⁵⁸, casada há 20 anos com uma mulher cisgênero⁵⁹, uma filha biológica do primeiro casamento e três filhas biológicas do atual casamento. As filhas se referem a ela como pai.

Entre a identidade “atribuída” (definida pelos outros) e a identidade “reivindicada” (afirmada pelo próprio indivíduo), surgem lacunas frequentes que podem resultar em rótulos e discriminação (estigma) e em estratégias para lidar com essas lacunas (Goffman, 2008). O entendimento dessas estratégias, obtido por meio da observação e do questionamento dos sujeitos envolvidos, permite-nos relacionar

⁵⁸ Desde o 8º Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas em 1995, a inclusão da categoria travesti nas reuniões subsequentes coincidiu com a criação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) na Assembleia Geral. No entanto, antes desse evento, “travestis e indivíduos liberados” já haviam participado de duas reuniões próprias. Durante o 9º Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis, essa identidade política emergente constituiu apenas 1% dos participantes. Em 1999, a sigla GLBT substituiu o termo “travesti” por “transgênero”. No entanto, durante o II Encontro GLBT Paulista, em agosto de 2004, a distinção entre “travestis” e “transexuais” foi novamente endossada no Estado de São Paulo, com o objetivo de destacar as disparidades entre essas duas categorias, bem como suas distintas demandas (Érica Renata de Souza, 2013, p. 398)

⁵⁹ O termo “cisgênero” é empregado para classificar indivíduos que se alinham com o gênero que lhes é atribuído no nascimento, um gênero que está socialmente ligado ao sexo biológico.

as definições da situação de interação com as trajetórias subjetivas que dão sentido a essas estratégias.

Presenciei um momento no qual uma das filhas de Gabriela entrou em contato com ela. Ela atendeu o telefone no viva-voz e uma das filhas disse: "Oi, pai, benção, eu posso ir na casa de Juliana⁶⁰?" Gabriela respondeu: "Deus te abençoe, deixa eu falar com sua mãe para saber o que é certinho". Carolina, que estava junto de nós, disse: "as filhas dela respeitam ela demais, tudo o que vão fazer pedem permissão."

Segundo Érica Renata de Souza (2013) e Raquel de Freitas Banuth e Francirosy Campos Barbosa-Ferreira (2015), as relações de afeto e parentalidade entre Gabriela e suas filhas, vão além dos rótulos e dos estigmas. Cabe-nos, portanto, refletir sobre as distintas maneiras pelas quais as famílias desempenham suas relações, o qual se molda de acordo com cada situação, envolvendo práticas que frequentemente carecem de nome e de reconhecimento socialmente estabelecido na "estrutura simbólica e social da parentalidade no pensamento ocidental" (Érica Renata de Souza (2013, p.421).

Ainda conforme Raquel de Freitas Banuth e Francirosy Campos Barbosa-Ferreira (2015), esse processo de raciocínio, ao deparar-se com o dilema das identidades diversas, estrutura as evidências e estabelece as identidades em questão. De acordo com Érica Renata de Souza (2013, p.417), os conflitos são "resolvidos" situacionalmente quando ambas as identidades são consideradas simultaneamente. Diante da rigidez das políticas identitárias, tanto no âmbito familiar quanto no discurso de Gabriela, as categorias de "mãe" e "pai" emergem consistentemente como predominantes.

*Quando fugi, fui para o mundo e fiquei 5 anos sem dar notícia. No mundo eu trabalhava e estudava. Trabalhei dois anos como doméstica na casa de um prefeito, e foram eles que me deram estudo, fiz o curso de enfermagem e estágio por dois anos. **Acho que por conta do meu jeito, era difícil me contratarem.** (grifo meu).*

Este trecho da conversa nos leva para Goffman (2008) quanto à percepção do estigma alheio que, em grande parte, é facilitada pela nossa própria visão, tornando-se evidente em muitas situações. A visibilidade de um estigma difere da sua "possibilidade de ser conhecido". Quando um estigma de um indivíduo é altamente

⁶⁰ Nome fictício.

visível, o simples contato com outros(as) pode levar à sua revelação. No entanto, se as pessoas conhecem ou não o estigma de alguém depende de outro fator além da sua visibilidade imediata. Isso está relacionado a se elas têm ou não têm conhecimento prévio do indivíduo estigmatizado - e esse conhecimento pode ser baseado em fofocas sobre ele ou em interações anteriores durante as quais o estigma tornou-se aparente.

Segundo Velho (2003), a perceptibilidade de um estigma deve ser separada de circunstâncias específicas que podem ser chamadas de “ponto de vista”. Normalmente, formamos noções, baseadas na objetividade ou não, sobre o domínio do funcionamento essencial, que inicialmente desqualificam o indivíduo portador de um determinado rótulo.

*Conheci uma amiga e aí fui para a vida noturna. Quando eu tinha 20 anos, conheci uma pessoa que me ajudou a montar um bar. Aí montei o Cabaré que tenho nesta cidade do interior de São Paulo Esta casa, aqui em Nova Andradina, tenho há 08 anos. Minhas filhas são meu orgulho, nunca me deram problema na escola, só têm elogios. **As professoras falam que, devido à minha vida, poderiam ter algum problema, mas não, elas são excelentes.** (grifo meu).*

As professoras expressam uma preocupação implícita de que a vida de Gabriela possa gerar algum tipo de problema para suas alunas, levando a comportamentos "transgressores" - travesti, ex-prostituta, dona de Cabaré. No entanto, é “reconfortante constatar” (para as professoras) que, até o momento, essa preocupação não se materializou, embasada unicamente em preconceitos e estereótipos sobre a vida pessoal e as experiências individuais.

Quando essa inconsistência é reconhecida ou exibida, ela prejudica sua posição social, resultando no isolamento do indivíduo da sociedade e de si mesmo. Isso os leva a serem desacreditados na presença de um mundo inaceitável (Fernanda Cardozo, 2009). Devemos estar cientes de que os significados atribuídos às ações que rotineiramente reconhecemos que a prostituição possui características únicas que só podem ser plenamente compreendidas quando examinadas dentro de um contexto conceitual social. De acordo com Becker (2008), essas práticas emergem em diferentes sociedades, variando em dimensões temporais e espaciais e estão intrinsecamente ligadas às disposições e às demandas sexuais e psicológicas da comunidade como um todo, as quais sofrem mudanças ao longo da história.

Uma possibilidade essencial na vida da pessoa estigmatizada é sua contribuição para os(as) normais, agindo como se sua característica distintiva não fosse relevante ou merecesse atenção especial. No entanto, quando a diferença não é prontamente óbvia e os(as) outros(as) não têm conhecimento prévio dela (ou pelo menos a pessoa em questão não tem conhecimento de que os(as) outros(as) a conhecem), ocorre uma situação em que ela é desacreditada, mas não imediatamente percebida como tal (Goffman, 2008). A questão não é apenas manipular a tensão gerada durante os contatos sociais, mas também manipular informações sobre sua "falha" (Velho, 2003).

Perguntei para Gabriela sobre o funcionamento da casa e sobre o tratamento dela com as meninas, pois, durante meu tempo na casa, percebi um cuidado com todas elas. Ela respondeu: *“não deixo ficar com fome, elas têm café da manhã, almoço, janta, lanche, é por conta da casa. Passei por muita coisa, não quero que ninguém passe o que eu passei, fome é triste”*. Depois desta fala, Gabriela chorou, a dor dela preencheu o lugar. Ela continuou: *“Hoje em dia, se fico uma semana sem ligar para os meus pais, eles ficam doidos, eu ajudo eles financeiramente. Minha mãe sempre me defendeu, mas eram outros tempos, as mulheres não tinham voz. Já pediram perdão, eu perdoei, mas não esqueci”*.

Seguindo Fernanda Cardozo (2009), o suporte financeiro, proveniente em sua maioria da prostituição, emerge como um elemento que, em certas circunstâncias, pode colaborar para a preservação dos vínculos entre as travestis e seus(suas) familiares. Enquanto algumas narrativas sugerem uma forma de aceitação - embora conflituosa - por parte da família, outras histórias são marcadas de forma intensa pelo abandono e pela rejeição por parte dos(as) parentes.

Quando alguma mulher fala que quer entrar para a prostituição, eu digo, essa não é uma vida boa. Mas, ao invés de ficar na rua se drogando, ou trabalhando na rua, é melhor vir para o Cabaré. Eu trabalhei muito na rua, sofri muita violência. Sou católica, tenho rotina espiritual. Hoje em dia, tenho minha casa, meu carro. Junto meu dinheiro porque quero montar uma mercearia, não quero ficar trabalhando na noite a vida toda. Me chamaram para sair como vereadora da minha cidade no interior de São Paulo, eu vou!

A dinâmica social, defendida tanto pelo indivíduo complacente de uma categoria marginalizada quanto pela sociedade convencional, é moldada por uma trajetória histórica específica (Velho, 2003). Esse desafio se evidencia principalmente

em interações sociais, seja no Cabaré ou nos espaços públicos, onde as normas sociais tradicionais são questionadas, tanto nas aparências quanto nas verdades ocultas.

A relação de Gabriela, oriunda do interior do estado de São Paulo, com Nova Andradina é profundamente integrada à sua trajetória pessoal e interações sociais na comunidade local, sua presença na cidade vai além de uma mera ocupação geográfica; ela se envolve ativamente na vida comunitária, tanto por meio de suas relações familiares quanto por suas atividades profissionais.

O estigma não se limita a um grupo de indivíduos distintos divididos entre estigmatizados e normais, mas sim a um processo social complexo no qual cada pessoa desempenha ambos os papéis em diferentes momentos da vida. Os papéis de normalidade e estigmatização emergem durante interações sociais mistas, quando normas sociais são desafiadas. Os atributos persistentes de um indivíduo podem levá-lo a assumir o papel estigmatizado em muitos encontros sociais, tornando-o identificado como estigmatizado, embora suas circunstâncias de vida o coloquem em contraste com os considerados normais. No entanto, esses atributos não determinam a natureza dos papéis de normalidade e estigmatização, mas sim a frequência com que são assumidos (Goffman, 2008).

O estigma estava presente desde o dia que iniciei esta caminhada. A prostituição aos olhos daqueles(as) que não se encontram inseridos(as) no trabalho da prostituição se mostram, cheios de preconceitos, fantasias e emoções, e este é um conceito complexo que simultaneamente identifica e desqualifica um relacionamento ou atividade associada ao trabalho da prostituta. Também reflete a falta de dignidade atribuída àqueles(as) que a praticam e fazem parte de uma estrutura histórica mais ampla que define o comportamento sexual aceitável (ou inaceitável) em uma sociedade específica. Além da noção comum de que é a “profissão mais antiga do mundo”, o termo “prostituição” é uma construção social e política. Isso significa que o termo prostituta pode ser aplicado a todas as mulheres, sem exceção, desde que se desviem das normas prescritas de gênero e sexualidade associadas à feminilidade. O estigma específico associado à prostituição é direcionado majoritariamente às mulheres e atua como um meio de controlar e disciplinar aqueles(as) que ousam afirmar sua independência.

A prostituição é uma categoria que não apenas reflete a dinâmica do poder em relação à sexualidade feminina, mas também serve como uma ferramenta para condicionar e impor as relações de poder. Me arrisco em afirmar que o estigma de prostituta, exerce uma pressão coerciva que funciona como um "chicote", reprimindo as mulheres que buscam independência e desafiam as normas estabelecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dou início as minhas considerações finais partindo dos atravessamentos e afetações que a antropologia/etnografia proporcionam com a constatação de que as emoções, os afetos e, de maneira mais abrangente, a subjetividade, desempenham um papel fundamental na condução da pesquisa; essa é uma observação recorrente na antropologia e em diversas áreas das ciências sociais. Seguindo os argumentos de Simone Becker (2002), a prática da investigação etnográfica revaloriza a subjetividade como uma via essencial para a obtenção de conhecimento. A abordagem etnográfica se revela como uma experiência que entrelaça de modo inseparável dimensões afetivas, sensíveis e morais, onde o corpo do(a) pesquisador(a) atua como um receptor sensível, captando as nuances dos eventos e encontros ocorridos no campo de estudo. Contudo, é particularmente o ensaio "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada (1990), que emerge como referência ao refletir sobre o papel dos afetos (inclusive os não explicitados) na prática de pesquisa em campo. Segundo a antropóloga, a disposição para ser tocado(a), ou até mesmo transformado(a), pela experiência no campo é um estágio preliminar crucial para a compreensão mais profunda dos fenômenos estudados, que aqui destaco quanto à fluidez entre encontros remunerados e não remunerados.

Essas afetações nos levam à concepção tradicional da mulher prostituída como uma vítima inerente, existe uma complexa teia de relações sociais na qual se manifesta a dominação, que culmina nessa representação estigmatizada. Essas relações se desdobram na troca sexual comercial e na estruturação da atividade. No entanto, essa dinâmica também se estende para além da esfera da atividade profissional, permeando aspectos econômicos e profissionais, nos quais a trabalhadora do sexo, muitas vezes, é retratada como "caindo" na prostituição devido à falta de oportunidades melhores, dada a precariedade econômica e a impossibilidade de acesso ao emprego tradicional, restando-lhe apenas o recurso ao seu próprio corpo como fonte de renda.

Elas afirmam sua autonomia na gestão dos clientes e a questão financeira considerada interessante em termos de liberdade e valores. Os(as) interlocutores(as) que, a partir de suas narrativas trouxeram a prostituição como uma relação entre opressor e vítima, nos levam a questionar a própria posição da prostituta em relação

a essa imagem simplista, que difere consideravelmente da realidade em que vivem. Portanto, é a partir dos estigmas em torno da mulher prostituta que as entrevistadas se desviam da possível atribuição de vítima, delineando, assim, limites a fim de se distinguirem e estabelecerem, buscando escapar do estigma.

As normas morais que geram reações de desaprovação e julgamentos negativos relacionados ao uso comercial do sexo podem ser neutralizadas pelos indivíduos ao condenar aqueles(as) que condenam, permitindo uma evasão das sanções negativas associadas às transgressões normativas. O estigma associado à prostituição e às normas que regem a sexualidade, através da avaliação hierárquica dos atos sexuais, pode ser desafiado tanto pela crítica aos valores subjacentes quanto pela denúncia da hipocrisia e injustiça do sistema de rotulação que marca as prostitutas. E a desconstrução dessas normas frequentemente emerge em meio a reflexões que surgem da orientação destas mulheres.

Essas mulheres, em sua maioria, são rotuladas como "putas", e sua maternidade as coloca em uma posição paradoxal: são vítimas (de diferentes homens) e culpadas por desafiar a norma que as exclui do círculo socialmente aceito das mães consideradas "boas". Existe uma clara segregação entre as "putas" e as "boas mulheres" que, supostamente, deveriam ser mães "o discurso da natureza feminina, os mitos de mulher e mãe, conjugado com o discurso judaico-cristão "predestina" as mulheres para as tarefas da maternidade" (Tedeschi, 2012, p.17).

Retomando o objetivo central, apresento aqui a conclusão a que chego sobre as construções identitárias de Nova Andradina a partir da lógica dos três P's e das narrativas sobre a prostituição das minhas interlocutoras. Seguindo com Glorinha, o desejo de manter seu trabalho em segredo e evitar desaforos ou constrangimentos reforça a existência de um sistema de controle social em Nova Andradina relacionado à moralidade e às expectativas sociais em torno do comportamento e das ocupações das pessoas, enviesado pelo P do padre.

Na narrativa de Rita, os 3 P's - padre, polícia e puta - podem fazer parte da mesma história. O papel da irmã de Rita em cuidar de outras mulheres que foram prostitutas e se encontravam em situações de envelhecimento ressalta o poder e a resistência dessas mulheres dentro de uma estrutura social que as marginaliza. Com Lucíola, percebi que o casamento, mesmo envolto em vários problemas sociais, é ainda entendido como forma de adequação social, e que existir implica em uma

relação ativa e significativa com o espaço ao redor, não apenas em uma presença passiva, mas também como consolidação e obediência aos ensinamentos religiosos que ditam padrões de comportamento sexual e moralidade.

A descrição de Dona Izabel, como alguém que não se encaixa no estereótipo comum associado a uma prostituta, desafia as noções preconcebidas sobre quem são as pessoas envolvidas na prostituição, sugerindo que as construções sociais da prostituição podem ser mais do que simples estereótipos e estigmas sociais. Entretanto, a resposta de Angélica reflete uma atitude de afirmação e reapropriação do termo "puta" e "prostituta" como parte de sua identidade. Em vez de sucumbir ao estigma social associado a esses termos, ela os aceita e os adota como parte de sua própria identidade, sugerindo uma resistência, e reafirma a importância do P de puta para a construção histórico-social da cidade.

Carolina estabeleceu fronteiras claras em relação aos tipos de serviços que está disposta a oferecer. Isso reflete a construção de limites e fronteiras dentro da profissão da prostituição, nos quais as prostitutas estabelecem seus próprios parâmetros e decidem quais atividades estão dispostas a realizar. Carolina cria estruturas que estabelecem uma conexão entre sua profissão e seu papel como mãe. E para aqueles que dizem que a maternidade é sagrada, Carolina caminha com o P de puta e o P do padre. E, por fim, Gabriela, que graciosamente reafirma o P de puta, proprietária do Cabaré há oito anos com funcionamento todos os dias da semana, desafia os estigmas sociais e assume sua identidade como parte integrante da comunidade prostituta de Nova Andradina.

Não existe um fator único que possa explicar a existência de prostituição. Influenciada por uma variedade de fatores, esta desempenha um papel significativo no atendimento às necessidades mais íntimas de quem a procura e quem a oferece. Por certo, quaisquer noções pessoais sobre moralidade precisam ser controladas, uma vez que tal como nos lembráveis versos de Francisco El Hombre, "Que um homem não te define / Sua casa não te define / Sua carne não te define / Você é seu próprio lar". Tal canção nos leva a interpretação como um apelo à autodeterminação e à valorização da própria identidade, independentemente das expectativas externas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Mariana Luciano; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372969868_ARQUIVO_versaofinalparafazendogenero.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2011. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/agier-michellantropologia-da-cidade-pdf-free.html>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- ALENCAR, **José de Lucíola**. São Paulo: Vozes, 2018.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Jaraguá do Sul, SC: Avenida, 2009.
- ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré**: interação, gênero e sociabilidade na zona de meretrício. (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS, 2010. (Disponível para solicitação direta no repositório institucional da instituição).
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior, romance. 75. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Vozes, 2018.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- O CONTO da Aia. Segunda Temporada. Hulu. 2018. Adaptação para o áudio visual da obra - ATWOOD, Margareth. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. Disponível em: <http://globoplay.globo.com>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- BANUTH, Raquel de Freitas; BARBOSA-FERREIRA, Francirosy Campos. Entre o Dinheiro e o Prazer sexual: uma análise antropológica sobre sexualidade e afeto em uma casa de prostituição em Ribeirão Preto. **Ponto Urbe (Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP)**, 16, 2015, Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2632?lang=en>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- BANUTH, Raquel de Freitas; SANTOS, Manoel Antônio dos. Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 763–776, jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/dFQ3hyskG6xxwsxVfQCc83d/?lang=pt#>. Acesso em: 25 set. 2023.
- BAO. Carlos Eduardo. O discurso do “pioneiro colonizador” como elitismo cultural na cidade de Toledo/PR. **Em Tese**. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, v. 14, n.1, jan/jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2017v14n1p155>. Acesso em: 07 jan. 2024.

BARROS, Lúcio Alves de. **Mariposas que trabalham**: uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/12904207/MARIPOSAS_QUE_TRABALHAM_uma_etnografia_da_prostitui%C3%A7%C3%A3o_feminina_na_regi%C3%A3o_central_de_Belo_Horizonte?email_work_card=thumbnail. Acesso em 14 set. 2023.

BAUER, Carlos. **Breve História da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã: Edições Pulsar, 2001.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007. Disponível em: <https://favaretoufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/07/weber-f.-beaud-s.-guia-para-pesquisa-de-campo.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo, SP: HUCITEC, 1997.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.

BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2007.

BECKER, Simone. **Honras & estratégias**: formas de ser mulher no bairro das Flores. Dissertação. (Mestrado) Antropologia Social. Universidade Federal do Paraná. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2.ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações: **Prostituta**. 2008. Recuperado de <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf>. Acesso em 05 mar. 2024.

BRITO NETO, José Bezerra de. A “Piroca de Francisco Brennand”: política e censura no projeto “Torre – Farol. **Anais do XXXVIII Congresso do CBHA** – Comitê Brasileiro de História da Arte, 2018. p. 101-113. Disponível em: <https://www.cbha.art.br/coloquios/2018/anais/pdfs/01%20Jose%20Bererra%20Brito.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade.. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em 15 jun. 2021.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; SANTANA, Edmilson Batista. A condição regional da Nova Andradina MS: Apontamentos sobre o processo e sua constituição socioespacial. **Revista da ANPEGE**. v. 16. nº. 30, p. 8 - 25, ano 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege.//10.5418/ra2020.v16i30.11108>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CARDOSO, Ruth. As aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método. *In*: CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 102.

CARDOZO, Fernanda. **Das dimensões da coragem: sociabilidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93329>. Acesso em 18 jul. 2023.

CHAVES, Christiane de Alencar. Em busca de dragões: Mariza Peirano e a arte de ensinar antropologia. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 283–305, 2018. DOI: 10.26512/anuarioantropologico.v41i1.2016/6544. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6544>. Acesso em: 05 out. 2023.

COSTA, Vitor Lopes. **A prostituta como “namoradinha”**: o advento do comércio sexual como forma de intimidade. Tese (Doutorado em Sociologia). 2018. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B33LUM?locale=pt_BR. Acesso em: 02 fev. 2022.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. 28 fev. 2024.

COLLING, ANA Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

DINIZ, André Geraldo Ribeiro. **Notas “zoneadas” sobre política-de-putas em tempos de golpe**: sobre o encontro com prostitutas que lutam e labutam na Zona Boêmia de BH. Tese (Doutorado em Psicologia). 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BCEGW7/1/tese_psicologia_social_ufmg_andr__diniz_2018.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

DISTRITO FEDERAL. **Mapas**. Administração Regional do Plano Piloto. 2023. Disponível em: <https://www.planopiloto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/mapas/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2006.

É TUDO CULPA DA CULTURA: amor de puta. T. Entrevistador: Michel Alcatroado. Entrevistada: Natânia Lopes. [S. l.] Nome do locutor. Local: Produtora Fabiola Gomes, 09 de outubro de 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6hmy3K4oSLEvFquxbKwdcn?si=wkZlo8G7QbOMPWqyA1k46A>. Acesso em: 29 jan. 2024.

EMICIDA. **Passarinhos**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015.

FAUST, Eduardo. 2019. **Praça Brasil – Nova Andradina MS**. Disponível em: <https://arquiteturadosagrado.blogspot.com/2014/01/praca-brasil-nova-andradina-ms-autor.html>. Acesso em: 05 mar. 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Trad. Paula Siqueira. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 13, n. 13, p.155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 05 nov. 2023.

FIGUEIREDO, Paulo Magalhães de. **Conflitos produzindo mulheres, mulheres produzindo casas: conexões de gênero, família e trabalho em narrativas (auto)biográficas de mulheres prostitutas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Piauí. 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11348268. Acesso em 16 nov. 2023.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, abr. 1999 . Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2022.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 510-553.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 2: o uso dos prazeres**. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2012.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GEMELGO, Felipe de Almeida Kurosaki. **Entre boates e privês: histórias e projetos de vida de mulheres na prostituição em Guaianases, periferia de São Paulo**. (Mestrado em Ciências Humanas) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-21052021-140734/pt-br.php>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GERBER, Rose Mary. O exercício da sombra: a experiência de uma etnografia. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 1: 57-73. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/1335>. Acesso em: 25 maio. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 5 mar. 2024.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Editora Record, Rio de Janeiro. 2011.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos A. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 02 mar. 2024.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Coleção Antropologia). Disponível em: <https://csociais.files.wordpress.com/2018/07/ulf-hannerz-explorando-a-cidade-em-busca-de-uma-antropologia-urbana.pdf>. Acesso em: 02 set. 2023.

IBGE. **Município de Nova Andradina**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/nova-andradina.html>. Acesso em: 04 maio 2023.

INGOLD, Tim. **Antropologia não é etnografia**. 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold(1).pdf). Acesso: 12 jul. 2021.

JABLONSKI, Izabelle. **Etnografia na praça república da Bolívia em Campo Grande (MS)**: o evento praça Bolívia Campo Grande - MS. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em :<https://drive.google.com/file/d/18kl5c8yE2m-FWF-UiRYpK0BIMO9grHev/view>. Acesso: 05 maio 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 5. ed. São Paulo, SP: F. Alves, 1960.

LIMA, Amanda Karine Monteiro. **“Oichenta no Passarão”**: um estudo etnográfico sobre as mulheres venezuelanas em prostituição na fronteira Brasil/Venezuela.'2019 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Fundação Universidade Federal De Roraima, Boa Vista. Disponível: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8645154. Acesso: 05 maio 2023.

LOPES, Natânia. "Prostituição Sagrada" e a prostituta como objeto preferencial de conversão dos "crentes". **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 37(1): 34-46, 2017.

LORENZI, Glaucia. **Prostituição feminina na tríplice fronteira**: uma etnografia no motel Belize'. 2019 97 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8639238. Acesso: 11 out. 2022.

LOSSO, Juliana Cavilha Mendes. **Dos desregramentos da carne**: um estudo antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93695>. Acesso: 11 out. 2022.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTINS, Eduardo. **Ofaié**: eu estou na estrada – hägaté te tahfwa (Nova Andradina e Vale do Ivinhema). Campo Grande – MS : Life Editora, 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à brasileira**. São Paulo: Contexto, 2019.

MELO, Lucas Eduardo da Silva. **Envelhecer puta!**: um olhar etnográfico para o envelhecer do corpo prostituído. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Teresina, 2021. Disponível em: https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=614. Acesso em: 07 abr. 2022.

MEYER, Luiza Gabriela Oliveira. **Rumo à descolonização?** O direito de consulta e os seus (ab)usos na Reserva Indígena de Dourados (RID). Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/118/1/LuizaGabrielaOliveiraMeyer.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MILAN, Ezequias Freire. **Dos “professores de verdade” às “crianças laudadas” do “condomínio que ninguém entra”**: etnografia em espaços reprodutores de práticas necropolíticas e de (re)existência em Dourados/MS. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.xhtml?popup=true&id_trabalho=8806906. Acesso em: 05 abr. 2023.

OLIVEIRA, Greciane Martins de. **A expertise em gênero**: análise etnográfica da (re)produção dos saberes/poderes no enfrentamento às violências contra as mulheres no MS. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2920498. Acesso em: 14 mar. 2023.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Meninos não choram: o encontro de gênero, sexualidade e machismo na experiência transexual. *In*: PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. (org.). **Ciclo de cinema**: [volume 4]: entre histórias, teorias e reflexões: gêneros, mulheres e feminismos. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013. p.31-45.

PEIRANO, Mariza G.S. **A alteridade em contexto**: a antropologia como ciência social no Brasil. Brasília: [s.n], 1999 (Série Antropologia). Disponível em: https://www.marizapeirano.com.br/artigos/1999_a_alteridade_em_contexto.pdf. Acesso em: 11 mar. 2024.

PEIRANO, Mariza G.S. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 249–264, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6367>. Acesso em: 12 set. 2022.

PEIRANO, Mariza G.S. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023.

PEIRANO, Mariza G.S. **À procura de dragões**: ensino e pesquisa em antropologia. 1992. Disponível em: https://www.marizapeirano.com.br/artigos/a_procura_de_dragoes.htm. Acesso em: 12 set. 2022.

PEIRANO, Mariza G.S. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

PEIRANO, Mariza G.S. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe (Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP)**, 2. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 12 set. 2022.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história**.: operários, mulheres e prisioneiros. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7843917/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria_pp107_132.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

PERROT, Michelle. A família triunfante. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada**, 4: da revolução francesa à primeira guerra. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 93-104.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, SP: Contexto, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Deslocamentos femininos e prostituição. Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(2): 619-637, maio-agosto, 2015.

PRECIADO, Paul. Beatriz. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanálise. Tradução Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ANDRADINA – Disponível em: <https://www.pmna.ms.gov.br/paginas/a-cidade/a-cidade>. Acesso em 01 maio 2023.

RAGO, Luzia Margareth. A prostituição ontem e hoje. *In*: **Sexo e Violência**: Realidades antigas e questões contemporâneas. Grillo, J. G. C.; Garraffoni, R. S.; Funari, P. P. A. (orgs.) Annablume editora. São Paulo. 2011.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 1990. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/50386>. Acesso em: 08 jul. 2021.

RAMOS, Diana Helene. **“Preta, Pobre e Puta”**: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. Tese (Doutorado Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro . 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/25058900/_PRETA_POBRE_E_PUTA_a_segrega%C3%A7%C3%A3o_urbana_da_prostitui%C3%A7%C3%A3o_em_Campinas_Jardim_Itatinga?auto=download&email_work_card=download-paper. Acesso em: 12 set. 2022.

RAMOS, Diana Helene. Corpo e Cidade: uma pequena etnografia da Prostituição em Campinas. **Os Urbanitas** (São Paulo), v. 5, p. 5, 2008. <http://www.aguaforte.com/osurbanitas7/DianaHelene.html>. Acesso em: 23 out. 2021.

RIBEIRO, Karine de Medeiros. **Afinal, o que são as putagrafias?** Tese Doutorado em Lingüística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2020 Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9647270. Acesso em: 15 abr. 2022.

RIBEIRO, Kelly Cristina. **O processo de crescimento urbano de Nova Andradina (1970 -2010)**. Licenciatura em História (Monografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Nova Andradina – MS, 2011.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Ed. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. 1992.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROCHA, Jovelina Lenir Carlini da. **Um manifesto abolicionista**: a institucionalização do discurso sobre prostituição na pastoral da mulher marginalizada em Rondonópolis-MT(1994 a 2008). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Do Estado De Santa Catarina – UDESC, 2017. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2666/jovelina_lenir_carlini_da_rocha___final.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

RODRIGUES, Nelson. **O melhor do romance, contos e crônicas**. São Paulo, SP: Folha de São Paulo, 1993.

RODRÍGUEZ, Shay de los Santos; GOULART, Fábio Ortiz. O falo nos espaços públicos de Rio Grande, RS, Brasil: falocentrismo e a masculinidade hegemônica. **Revista de arqueologia**. V, 34 nº1, janeiro-abril, 2021.

SALES, Jennefer Portela de. **Esquinas" VIRTUAIS, "Garotas" nem tanto**: um estudo sobre intercâmbios sexuais e econômicos negociados em plataformas digitais' 2022 182 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) Universidade Federal Do Pará. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11838495. Acesso em: 04 maio. 2023.

SANCHES Silvana Colombelli Parra. **Com o mundo nas costas**: profissionais do sexo, envelhecimento e saúde. Curitiba: Appris, 2020.

SANCHES, Silvana Colombelli Parra. **Envelhecimento e saúde das profissionais do sexo em Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/288/1/Silvana%20Colombelli%20Parra%20Sanches.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

SANTANA, Giovan Pereira. **De Lá Pra Cá**: trajetórias e lugares de nordestinas/os em Nova Andradina (MS). Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7881063. Acesso em: 08 nov. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Claudinei Araújo dos. **A região em análise: a política e a igreja no processo de colonização de Nova Andradina-MS**. (Dissertação). Mestrado em Geografia. Três Lagoas- MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2015.

SCHWADE, Elisete. Etnografia e subjetividade na pesquisa antropológica. In: MOURA, Cristina Patriota de; CORADINI, Lisabete (org.). **Trajetórias antropológicas**: encontros com Gilberto Velho. Natal: Editora da UFRN, 2016. 238 p.

SILVA, Livia Freire da. **Trânsitos na prostituição**: entre lugares, conexões e expectativas. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal - RN, 2020. Disponível em:

https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_76bfd4e2271080dd2cd49732ec53df99. Acesso em: 03 mar. 2023.

SOUZA, Carla Cristina de. "**É só colocar no seu anúncio que você é universitária e pronto**": experiências da prostituição de mulheres em Campo Grande - MS.' 2019 105 f. Mestrado em Antropologia Social Instituição De Ensino: Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7646016. Acesso em: 18 jul. 2021.

SOUZA, Érica Renata de. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. **Revista De Antropologia**, São Paulo, USP, 2013, v. 56 nº 2. p.397-430. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82527/85502>. Acesso em: 23 ago. 2022.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive? BeloHorizonte:E.UFMG, 2009. Disponível em: <https://flacso.redelivre.org.br/files/2014/10/1143.pdf>. Acesso em 18 abr. 2024.

TAVARES, Aline Godoi de Castro. **A organização da Zona**: notas etnográficas sobre relações de poder na zona de prostituição Jardim Itatinga, Campinas-SP. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/935027>. Acesso em: 19 maio 2022.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos, **Ponto Urbe (Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP)**, 11, 2012, posto online no dia 14 março 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/300>. Acesso em: 05 jul. 2023.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003. 144 p. (Antropologia social).

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121/132. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3270626&forceview=1>. <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82527/85502>. 28 fev. 2022.

VELLOSO, Mônica Soares. Estudo do desempenho de uma interseção da Via W3 Sul após a implantação da faixa exclusiva de ônibus. **Texto para Discussão**. Companhia de Planejamento do Distrito Federal, Brasília-DF. n. 29/agosto de 2017. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD_29_Estudo_do_Desempenho_da_Intersecao_Via_W3_

Sul_ap%C3%B3s_Implanta%C3%A7%C3%A3o_da_Faixa_Exclusiva_de_%C3%94nibus.pdf. Acesso em: 11 dez. 2023.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento**, I: o continente, primeiro tomo. 21. ed. Porto Alegre, RS: Globo, 1981.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O analista de Bagé**. 55. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 1982.

VIANA, Antônio Carlos. **Em pleno castigo**. 2. ed. São Paulo, SP: HUCITEC, 1981.

VIEIRA, Gleidson. **A gente vive assim, mas a gente precisa de uma luz**: as experiências religiosas das prostitutas que batalham na praça do Diário – Recife-PE. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1065>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ZOTI, João Carlos. **O grupo Escolar Moura Andrade**: um estudo histórico acerca da institucionalização de ensino em Nova Andradina (1958-1974). (Mestrado em História). 2017. Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5941690. Acesso em: 19 maio 2022.